

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIA HUMANAS

DEPARTAMENTO DE SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

LÍNGUA E HISTÓRIA

ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA EM UM GRUPO TERENA

Maria Elisa Martins Ladeira

Tese de Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral

Orientador: Prof. Dr. Erasmo d' Almeida Magalhães

MARIA ELISA MARTINS LADEIRA

LÍNGUA E HISTÓRIA

ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA EM UM GRUPO TERENA

*TESE DE DOUTORAO APRESENTADA
AO DEPARTAMENTO DE SEMIÓTICA
E LINGÜÍSTICA GERAL DA
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS.*

*Orientador:
Prof. Dr. Erasmo d'Almeida
Magalhães*

**UNIVERSIADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
2001**

Aos meus

Pais, Maria Helena e Oswaldo, que me mostraram caminhos.

Filhos, Diogo, Aluísio, Helena e Alice. Que me deram força e coragem para percorrê-los.

Agradecimentos

Aos meus amigos Terena, principalmente Genésia e Sabino pela hospedagem, seu Hélio, dona Idalina, dona Juliana, Élcio, Aparecida, as professoras Josefina e dona Nilza, por terem compartilhado comigo os seus saberes.

A Waldemar Ferreira Netto por Ter me aberto a possibilidade de fazer o doutorado em outras áreas, acreditando que eu teria algo a dizer; por termos feito planos e trabalhos juntos em tantos cursos para professores indígenas que já perdi a conta. E, finalmente, por Ter feito a leitura cuidadosa da primeira versão da tese, corrigindo rumos.

A Regina Polo Müller, a quem recorri, para que me ajudasse a remontar o quebra cabeça do texto e tese.

A Gilberto Azanha, por Ter sido sempre implacável em suas leituras e Ter sempre dado à importância desta tese a sua real dimensão.

Ao prof. Dr. Erasmo d'Almeida Magalhães, meu orientador, por Ter me acolhido e orientado e pela infinita paciência com todos os meus atrasos nos prazos estabelecidos.

Ao Centro de Trabalho Indigenista/CTI, por Ter possibilitado o convívio com os Terena e Ter financiado as minhas viagens a campo. Aos amigos do CTI agradeço a torcida e paciência.

Ao CNPQ, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro concedido sob a forma de bolsa de estudos.

E, finalmente às minhas amigas de São Roque, que me ajudaram nas minhas tarefas de mãe para que eu tivesse tempo para mim. Ao Gilberto, meu companheiro e aos filhos pela compreensão e incentivo, e aos meus parentes afins, Olga, Adelino e Rodrigo, pela ajuda final.

Índice

Introdução

. Apresentação.....	1
. Questões metodológicas.....	8

Capítulo 1- Falando dos Terena: aspectos históricos e padrões sócio culturais

.Um pouco da história.....	16
.Os Terena enquanto grupo Aruaque: o modo de relação com “os de fora”..	22
.A manutenção do padrão tradicional de reprodução social na atualidade...37	

Capítulo 2 – Um grupo familiar Terena: a história dos Albuquerque.

.A história de Alexandre, o fundador.....	51
.A história dos filhos.....	59

Capítulo 3 – Uma radiografia do uso da língua Terena.

.A pesquisa.....	95
.A análise dos dados.....	103

Capítulo 4 – O pensar e o atuar frente à língua.

.Língua e Etnicidade.....	126
.A política lingüística dos Terena.....	132
.A mistura de línguas.....	147
.O contato entre as duas línguas.....	152
.O bilingüismo Terena.....	162

Considerações finais..... 172 |

Bibliografia..... 180 |

Resumo: português e inglês..... 186 |

Introdução

1-Apresentação

Estou na aldeia terena de Cachoeirinha indo para uma reunião¹ na sede da AITECA - Associação Indígena Terena de Cachoeirinha, ao chegar me deparo com dois velhos conversando e duas crianças brincando com um jogo de dominó . Eles não pressentem a minha presença. As crianças conversam em terena e os velhos em português.

Esta epígrafe se justifica pela inversão do senso comum que aponta os Terena, via de regra, como um dos grupos indígenas mais “aculturados” do país, sendo freqüente a citação de que eles não são mais falantes da língua terena.

¹Nesta reunião a maioria dos participantes são mais velhos e se vestem todos de uma forma quase que idêntica: de um total de 43 participantes 27 estão de chapéu, todos de calça comprida e camisa, somente um está de camiseta. Esta é a indumentária do homem terena. De calção, apesar do calor intenso, somente em sua casa.

Esta tese procura verificar como o uso da língua terena responde à mudança na história recente deste povo, e conseqüentemente, como a exigência do domínio da língua portuguesa, indispensável nas suas relações com a sociedade nacional, determina as condições de uso da língua terena. Daí o interesse no registro das soluções encontradas pelos Terena para manter a competência no uso da sua própria língua e sua identidade.

A língua falada pelo povo terena é classificada como pertencente à família lingüística Aruaque, sendo este povo o seu representante mais meridional. Perfazem hoje uma população aproximada de treze mil pessoas. Estima-se que, desse total, cerca de onze mil habitam as chamadas *reservas indígenas*: nove pequenas glebas de terra (de 15 a 6.400 ha) nos municípios sul-matogrossenses de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Sidrolândia, Anastácio, Dois Irmãos e Rochedo. Ainda no Mato Grosso do Sul, há famílias Terena vivendo na reserva dos índios Kadiwéu , município de Porto Murtinho, e na dos Guarani-Kaiowá, município de Dourados. No estado de São Paulo outras famílias Terena vivem junto aos Kaingang na reserva Araribá, região de Bauru.

Os Terena que vivem nas reservas indígenas tiram sua subsistência de roçados, que produzem pequenos excedentes de mandioca e feijão. Vivem também do emprego de sua mão de obra nas destilarias de álcool de cana de açúcar e do trabalho temporário nas fazendas da região. Existe ainda um grande número de famílias Terena vivendo nos grandes centros urbanos, principalmente na cidade de Campo Grande.

A organização social tradicional Terena foi profundamente alterada pela situação de contato com o *purutuya*², corruptela de "português", termo com que designam os "brancos", representantes da sociedade nacional.

Tradicionalmente, a estrutura social terena estava dividida em dois grupos distintos e socialmente sobrepostos: o grupo dos cativos ou *Kauti* (neologismo criado para designar os "cativos" obtidos na guerra ou nas sortidas organizadas para a captura) e o grupo social dominante *Xané*, o grupo "daqueles que somos nós", os Terena propriamente ditos, e que se dividiam por sua vez em dois grupos: um, o dos "chefes" e suas parentelas, denominados *Naati*, e o dos homens comuns ou o povo, denominado *Waheré*. O casamento entre estes dois grupos era vetado. Dividiam-se ainda os Terena, com exclusão dos *Kauti*, em duas metades cerimoniais, *Xumonó* e *Sukirianó*, cujas funções eram regulamentar o comportamento mágico-religioso (Cardoso de Oliveira, 1983: 35-36).

Brandão nos chama a atenção de que poucas tribos mantêm com os brancos um repertório tão variado de relações de autonomia e dependência como os Terena (1986:111). E aponta: "*É por meio de uma realidade tribal que, apesar das perdas sofridas ao longo da história do sistema interétnico, possui até hoje o seu lugar físico, a sua vida própria e a sua ordem indígena (mesmo que cada vez menos tribal) que o Terena se reconhece como parte de um povo Terena. Alguém que não é nem "o branco", nem "qualquer índio"* (1986:115-116).

² Cujo coletivo é *purutuyé*

Desta perspectiva nos indagamos: Como os Terena conservam e organizam as suas estruturas sociais e lingüísticas de ordenação e significação do cotidiano e de orientação de trocas entre seus membros e o "*mundo do branco*"³? Como o terena, em situações diversas, mobiliza diferencialmente qualificadores sobre si mesmo? Qual a relação que se estabelece entre uma referência cultural e lingüística tradicional e a construção de um estilo de vida e de uma identidade "modernos"?

Para entender o uso político e a importância que a língua terena tem atualmente para o povo terena, tivemos de tratar das implicações sociais e políticas do chamado *expansionismo* Aruaque . Este *expansionismo* determinante da maneira como os Terena atuais concebem a sua identidade enquanto povo e suas diretrizes políticas no relacionamento com a sociedade nacional.

A possibilidade dos Terena hoje manterem o seu *modus vivendi*, e com isso a sua língua, passa por uma política de expansão, aparentemente contraditória com as condições adversas em que são obrigados a viver. Um povo com uma organização extremamente sofisticada, com um sistema de castas endogâmicas, vive hoje em uma retração territorial incompatível com sua vocação de agricultor e criador.

³ O conceito de *mundo dos brancos* foi estabelecido por Cardosos de Oliveira a partir da noção de fricção interétnica . Na relação de contato entre as sociedades tribais e a sociedade nacional, as diferenças, inclusive de classes, da sociedade nacional são neutralizadas diante das diferenças étnicas, expressas na distância cultural existente entre as populações indígenas e a sociedade nacional (1964:104)

O contexto atual do chamado *expansionismo Aruaque* - isto é, o modo peculiar como os Terena se relacionam com os outros e constroem sua identidade- será apresentado na saga da família Albuquerque através das histórias de vida de um grupo de *germanos*(irmãos reais), referendadas pela análise das genealogias levantadas durante as diversas fases do trabalho de campo e pelo levantamento populacional da aldeia Cachoeirinha.

O método genealógico tem sido constantemente utilizado na Antropologia para mapear e organizar relações entre pessoas que compõem um determinado grupo social, possibilitando investigar problemas abstratos com uma base concreta.

A pesquisa desta tese considera a trajetória de vários grupos domésticos que compõem um grupo familiar Terena, o da família Albuquerque. O universo de referência é um conjunto abrangente de aproximadamente 100 pessoas distribuídas em 4 gerações. As histórias de vida, narradas pelo grupo de *germanos* , foram entendidas não como documentos em si, mas como uma forma de captação de informações. As histórias de vida, no caso dos estudos em sociedades indígenas, se configuram igualmente como história oral, valorizando, portanto, a memória como fator dinâmico na interação entre passado e presente.

A memória, porque integrada a atitudes, perspectivas e compreensões que mudam constantemente, valoriza os dados da experiência passada segundo o contexto do presente e vice-versa. Devido a estas características, as histórias de orais de vida deram o contraponto complementar aos

questionários da pesquisa macro-sociolingüística, fornecendo intuições sobre o processo de criação da identidade terena, sugerindo novas questões e variáveis que orientaram constantemente o trabalho.

A identidade de um grupo é simultânea e constantemente produzida em muitos locais e por muitos agentes com perspectivas e finalidades diferentes. Pudemos compreender este processo de construção da identidade terena nas situações diversas das histórias de vida das pessoas que compõem o grupo familiar dos Albuquerque, através da atualização, por este grupo familiar, das normas sociais determinantes da conduta lingüística e atitudes ante a língua.

O uso da língua terena como meio de comunicação e transmissão de conhecimento pela população destas aldeias é apresentado e analisado no capítulo "A radiografia do uso da língua terena no município de Miranda" tendo como base os dados obtidos pela aplicação de questionários na pesquisa *"A língua Terena no município de Miranda-MS: análise macro-sociolingüística"*, coordenada pelo Prof. Waldemar Ferreira Netto com a minha colaboração. Neste capítulo, estaremos focalizando a situação dos Terena do município de Miranda (MS), onde se localizam seis aldeias distribuídas em duas reservas indígenas: as aldeias de Cachoeirinha, Babaçu, Argola, Morrinho, situadas na reserva Cachoeirinha e as aldeias de Moreira e Passarinho, situadas na reserva Pílade Rebuá. Estas duas últimas aldeias estão praticamente na periferia da cidade de Miranda e quase não dispõem mais de terras para seu

cultivo, sendo principalmente fornecedoras de mão-de-obra para Miranda. A situação das demais aldeias, em graus variados, é diferente.

Do ponto de vista metodológico, esta tese parte de um movimento que vai do geral para o particular: da história do povo terena à história de um grupo familiar terena (os Albuquerque) ; da análise macro-sociolinguística do uso da língua terena no município de Miranda (seis aldeias) para a análise do discurso de representantes dos Albuquerque, moradores de uma das aldeias de Miranda. Através deste enfoque diacrônico procuramos determinar as condições de possibilidade que orientam a situação de uso da língua terena, hoje e no futuro.

Em suma, este trabalho procura apreender certas tendências no próprio processo de mudança da situação de uso da língua terena, isto é, focaliza o modo como os Terena mantêm e transmitem a sua língua e representam a sua identidade. Procura, ainda, contribuir para a discussão sobre a questão do bilingüismo através da análise de como um grupo de falantes *pensa e atua* frente a sua própria língua (a sua política linguística), tema do quarto capítulo.

2- Questões metodológicas

Na redação desta tese, defrontei-me com algumas questões metodológicas que considero relevantes para a definição do "campo" da análise da sociolinguística, entendido aqui como resultante da interseção entre as

perspectivas metodológicas da antropologia social e as da lingüística propriamente dita.

Enquanto a antropologia social tem valorado a participação do pesquisador na vivência cotidiana no mundo ou horizonte do "outro" (seu objeto de reflexão) como condição e fonte da legitimação da autoridade do seu saber, essa autoridade teórica, no campo da lingüística, tem se imposto no diálogo entre pesquisador-informante, este último considerado como o sujeito dominante, genérico e condensado da "outra língua".

No campo da pesquisa antropológica, a "observação participante" tem sido, a partir das pioneiras experiências de Malinowski, o método base da pesquisa, deslocando o eixo central das análises do quantitativo para o qualitativo, privilegiando a inserção do pesquisador numa situação social dada. Os vínculos sociais estabelecidos entre "pesquisado" e "pesquisador" propiciariam a atualização de padrões de referência (lingüísticos e comportamentais) próprios do grupo social estudado.

Nesta tese há uma mudança de enfoque da abordagem quantitativa, (capítulo " A radiografia do uso da língua terena"), para a qualitativa (no restante do trabalho), quando a pesquisa desloca seu eixo para a análise das histórias de vida e do discurso terena. Como instrumento de análise nos detivemos em reconstruir a produção e interpretação das significações sociais nos contextos da enunciação. A questão não era analisar o uso de uma ou outra língua (português ou terena) em relação a uma situação determinada

(escola, cidade, espaço doméstico, etc.), mas analisar este uso na produção discursiva de significações sociais.

James Clifford, em obra recente (1998), apresenta uma provocativa análise da história da construção da autoridade etnográfica e da constituição da antropologia enquanto ciência. Assim, segundo este autor,

"... a autoridade do teórico pesquisador de campo acadêmico tenha sido estabelecida entre os anos de 1920 e 1950. Esse amálgama peculiar de experiência pessoal intensa e análise científica (entendida nesse período como "rito de passagem" quanto como "laboratório") emergiu como um método : a observação participante. Ainda que entendida de formas variadas, e agora questionado em muitos lugares, esse método continua representando o principal traço distintivo da antropologia profissional. Sua complexa subjetividade é rotineiramente reproduzida na escrita e na leitura das etnografias "(1998:33).

Clifford, em sua análise, coloca em evidência o peso da subjetividade da relação pesquisador/pesquisado, transferindo o eixo da significação para a relação pesquisador/discurso. Ao fazer este deslocamento, permite o surgimento de um locus específico que poderíamos pensar como o "campo" da sociolinguística ou da etnolinguística, quaisquer que sejam as nuances de significado destes termos.

Neste deslocamento, Clifford aponta o surgimento de uma "antropologia interpretativa" no sentido de que a interpretação seria baseada "num modelo filológico de leitura" contribuindo *"para uma crescente visibilidade dos*

processos criativos pelos quais os objetos culturais são inventados e tratados como significativos" (1998:39).

E lança a questão: *" O que está suposto no ato de se olhar a cultura como um conjunto de textos a serem interpretados?"*. Neste processo de textualização (e aqui o autor se refere a Ricoeur e Geertz), *"o comportamento, a fala, as crenças, a tradição oral e ritual "* passam a ser entendidos como um corpus, um conjunto potencialmente significativo, separado de uma situação discursiva imediata. Para Ricoeur, *" a textualização gera sentido através de um movimento circular que isola e depois contextualiza um fato ou evento em sua realidade englobante"* (id.ibd:39).

Nesta tese, a análise que efetuamos do discurso terena - em relação ao uso e situação de sua língua baseia-se no movimento de textualização acima descrito. A interpretação é desde logo a criação de um texto. Mas este se funda na sua relação necessária com o "mundo", que não é apreendido diretamente mas sempre inferido a partir do que é dito sobre ele, através de "discursos". É o processo interpretativo que transforma o discurso em texto, ao separá-lo de uma locução específica e de uma intenção autoral (id.ibd;40-41).

É a obrigatoriedade da interlocução no discurso que justifica, segundo Clifford, a necessidade do *"você tem de ter estado lá"*, na presença do sujeito, para entender o discurso que resgata, em outra ordem, a experiência de campo (a "observação participante") como instrumental metodológico e, ainda, o que viabiliza o "outro" como autor de seu discurso(id.ibd:40-41).

Uma possível contribuição desta tese encontra-se, assim, na utilização do instrumental metodológico da antropologia (observação participante, genealogias, histórias de vida, etc.) não usual na área da lingüística⁴, para responder a questões formuladas por ela, e, assim, contribuir para a constituição da sociolingüística, enquanto um campo de interseção entre as duas disciplinas. Neste sentido, a utilização desta metodologia vem se somar à abordagem sociológica da língua terena⁵, de modo a ampliar a compreensão de questões afetas à área da sociolingüística.

A importância destas referências metodológicas surgiu após a aplicação dos questionários sobre o uso da língua terena, quando os dados obtidos pareciam induzir a uma compreensão da situação da língua terena como tendendo irremediavelmente ao desaparecimento. Questionando esta proposição, com base no conhecimento e nas relações acumuladas entre esta pesquisadora e os Terena, procuramos então, contextualizar a análise do uso da língua terena em uma perspectiva diacrônica, reiterando a colocação inicial de que estamos em um processo de interlocução com um "povo" a respeito da situação de uso da sua própria língua, interpretando os seus discursos e os contextos em que são produzidos e, sobretudo, não reduzindo a discussão a uma análise da relação entre "línguas de contato".

4 Entendida em seu sentido mais amplo: "A linguística é o ramo do conhecimento que estuda as línguas de todas e quaisquer sociedades: como cada língua está construída; como varia através do espaço e muda através do tempo; como se relaciona com outras línguas; como é usada pelos falantes" (Kanavillil Rajagopalan, 1998:23).

5 cuja proposta é "operar uma reaproximação teórica entre a língua e o grupo social falante, isto é, situar (ou mais exatamente, observar como se situam) um em relação ao outro, grupo social e sua expressão lingüística" (Poche, 1989: 60)

A minha presença, como a de qualquer pesquisador, introduz um elemento reflexivo no discurso terena, favorecendo nas representações sobre a relação entre as duas línguas, *"a passagem do discurso diglótico (do falante terena) para o discurso (de um falante terena) sobre a diglossia"* (Madray e Brés, 1989:158).

A ausência ou exacerbação de conflitos lingüísticos e sociais entre as línguas de contato ou a evocação de um outro tempo, valorado positivamente, *"quando os Terena falavam a língua do modo correto"*, presentes no discurso terena, longe de serem relativizados ou reificados, foram considerados como um dado fundamental em nossa análise; todos sabemos *"a que ponto, em matéria de consciência lingüística, o dizer não recorta o fazer. E a interpretação corre sempre o risco de tomar a ideologia pela prática"*.(id.ibd:158).

Um dos maiores desafios na elaboração desta tese foi a construção do texto dissertativo, de modo a responder às exigências desta perspectiva metodológica: Como evitar a combinação entre as minhas afirmações (pesquisadora) com as dos irmãos Albuquerque? Como realizar a escrita etnográfica sem suprimir a citação direta (dos informantes) na construção do discurso interpretativo e generalizador ?

Estou me referindo aqui à tática, cada vez mais utilizada nos textos etnográficos, de citar os informantes extensa e regularmente como uma forma de realizar a *"produção colaborativa do conhecimento etnográfico"* (Clifford,1998:54) rompendo a autoridade monofônica do etnógrafo.

Os irmãos Albuquerque são indivíduos reais e suas intenções sobredeterminadas. Os relatos gravados por cada um deles para mim, contando sobre sua vida, caso fossem transcritos em sua íntegra não teriam sentidos diferentes daqueles que lhes imputei, organizando-os do meu ponto de vista? Como o texto pode apresentar a leitura de outras vozes, a dos Albuquerque, além da minha, dominante, de modo a permitir ao leitor outras interpretações das descrições, textos ou citações aqui reunidos?

Estas questões me perseguiram principalmente na redação do segundo capítulo, quando reconstruo a história da família Albuquerque. Leitores desavisados podem julgar que ali está apenas uma apresentação dos dados coletados em campo. Ao contrário, a construção deste texto só pôde ser, como vimos, uma interpretação dessa história e de como se dá a construção da identidade terena, fundamental para se compreender as políticas lingüísticas deste povo, discutida no quarto capítulo.

CAPÍTULO 1

Falando dos Terena: aspectos históricos e padrões sócio-culturais.

1. Um pouco da história.

A historiografia nos informa que os Terena são o único subgrupo remanescente da nação Guaná. São os representantes mais meridionais da família aruaque. Atravessaram o Rio Paraguai, vindos da região do Chaco paraguaio/boliviano, região chamada de *Éxiva* na história oral terena. Vieram em levadas sucessivas que se intensificaram em meados do século XVIII, instalando-se no centro-oeste do atual Estado brasileiro de Mato Grosso do Sul.

A nação *Guaná* (também chamada pelos cronistas de *Xané*) era composta pelos povos Layana, Kinikinaua, Exoaladi e Etelenoe, hoje todos reconhecidos sob a identidade genérica de Terena.⁶

Até o final do século XVIII, os Guaná mantiveram uma estreita relação com um outro povo de origem chaquenha, os Guaikuru, atualmente mais conhecidos sob a denominação de Kadiwéu. Possuidores de uma agricultura sofisticada, os Guaná forneciam produtos agrícolas e tecidos aos Guaikuru, que lhes retribuía com instrumentos de metal expropriados dos colonos espanhóis e portugueses. Essa aliança entre os dois grupos entrou em declínio após o tratado de paz entre os Guaikuru e os portugueses, firmado em 1791.

O tratado de 1791 abriu caminho para o avanço português em direção ao território Guaná. No entanto, a presença portuguesa/brasileira na região se

⁶ Apesar de não considerada nesta tese a variedade lingüística decorrente da junção destes quatro subgrupos Guaná pode ser uma variável a ser explorada para se compreender o processo de construção, nos dias de hoje, de uma identidade comum .

deu de forma relativamente precária até a segunda metade do século XIX, limitando-se à construção de fortes ("presídios") e pequenas vilas que se erguiam junto a estas fortificações.

Durante esse período, as relações estabelecidas entre os diversos subgrupos Guaná e os portugueses/brasileiros não se deram de forma homogênea. Enquanto alguns grupos locais, principalmente Layana e Kinikinau, intensificaram suas relações com os "brancos", os Etelonoe (Terena) mantiveram uma relativa autonomia, ainda que fossem considerados "índios mansos".

Essa "independência" dos Terena teve fim com o início da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870). Envolvidos de forma compulsória no conflito, os Terena aliaram-se às forças brasileiras após terem seu território ocupado pelos paraguaios. A vitória da Tríplice Aliança em 1870 não significou a restituição do território Terena: o governo imperial brasileiro dá início a um processo de intensificação da presença brasileira na região de fronteira, doando grandes extensões de terra - terra indígena - aos oficiais que participaram do conflito.

A partir de então, os Terena viram seu território drasticamente reduzido. Muitas aldeias desapareceram e grande parte da população se dispersou pelas fazendas. Os Terena tornaram-se peões dos latifundiários. Intensificou-se, assim, um processo de profunda desestruturação de sua organização tradicional.

Após a guerra do Paraguai, dois fatos significativos marcariam a história Terena :a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, responsável direta pelo significativo incremento populacional da região e a instalação da linha telegráfica que ligava o interior paulista a cidade de Cuiabá. A região se abria à instalação da atividade pecuária, e os dois empreendimentos reforçaram a ocupação dos territórios Terena pelos brasileiros.

Essa situação, “o tempo da servidão”, segundo a história oral Terena - perdurou até, aproximadamente, 1905, quando foram demarcadas as primeiras reservas Terena. No início deste século, ao atravessar, através do serviço de instalação da linha telegráfica, a vasta região entre Campo Grande e Corumbá, que seria o território de circulação tradicional dos Guaná, o coronel Cândido Rondon encontrou diversas aldeias abandonadas e boa parte da população Guaná, já referida apenas como Terena, dispersa pelas fazendas. A demarcação de algumas áreas naquele momento (1904-05), apesar de pequenas “ilhas” cercadas por latifúndios, insuficientes para a auto-sustentação das comunidades, possibilitou, no entanto, uma reestruturação da vida comunitária Terena, com o retorno para as aldeias de muitas famílias que se encontravam vivendo nas fazendas.

Nesse período tem início, através do Serviço de Proteção aos Índios/SPI, criado em 1910, uma forte presença de agentes do Estado. Buscava-se, então, propiciar a integração dos Terena à “comunhão nacional”, eufemismo para a descaracterização cultural.

No entanto, as áreas reservadas aos Terena a partir do início deste século não foram suficientes para garantir-lhes a autonomia necessária frente à sociedade envolvente. As mudanças decorrentes da colonização do sul do Mato Grosso acarretaram mudanças significativas no sistema social indígena, estimulando alguns arranjos organizatórios com o intuito de manter uma coesão tribal constantemente ameaçada.

Como já apontava Cardoso de Oliveira(1968:34-35), por exemplo, a solidariedade tribal, decorrente dos casamentos entre os indivíduos da camada *Naati* de grupos locais distintos, enfraqueceu-se a ponto de as comunidades formarem elas mesmas unidades discretas e alheias ao destino das demais.

Entre os *Naat*, a residência matrilocal não era obedecida quando havia casamentos interaldeias; neste caso, o homem trazia a mulher para sua aldeia, passando ela a pertencer ao seu grupo local. Entre os *Wahêre*, embora ocorresse a exogamia de grupo local, ela era menos freqüente, não só devido ao maior mercado matrimonial, como também pela resistência do jovem em sair de sua comunidade para residir na de sua esposa.

"O resultado disso...foi o desaparecimento de contatos freqüentes e sistemáticos entre as comunidades agora distribuídas em Reservas Indígenas, com o conseqüente desinteresse do Terena por seu patrício de outra aldeia. Embora não seja difícil a um indivíduo encontrar um parente em qualquer das aldeias hoje existentes, esse parentesco é tão distante e tão frouxo que não o compele a estreitar suas relações. O Terena continua a identificar-se com sua

comunidade de origem, como antigamente se identificava com seu grupo local, sua camada e sua metade' (idem, ibd: 35).

Atualmente os Terena aldeados habitam o oeste de Mato Grosso do Sul, nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Anastácio, Sidrolândia, entre outros. Há também alguns Terena aldeados no Estado de São Paulo, região para a qual foram deslocados há aproximadamente cinquenta anos pelo extinto SPI.

Destacamos o termo "aldeados" pelo fato de ser cada vez maior o número de Terena que se dirigem à periferia das cidades da região em busca de melhores condições de sobrevivência. As raízes desse êxodo em direção aos centros urbanos estão na exigüidade das terras das comunidades Terena, pequenas "ilhas" cercadas por grandes fazendas, incapazes de comportar a grande população desse grupo étnico. Não há dados precisos a respeito do total da população Terena, mas acredita-se que seu número atinja 13 mil pessoas, das quais 11 mil vivendo basicamente da agricultura e do trabalho temporário nas usinas de cana-de-açúcar.

2- Os Terena enquanto grupo Aruaque: o modo de relação com "os de fora"

- A relação dos Terena com outros grupos indígenas-

Para Max Schmidt (1917), o termo "Aruaque" é uma noção artificial, criada por americanistas e sob a qual foram reunidos um certo número de

tribos do continente sul americano cujas línguas têm afinidade mútua. Em suas palavras textuais:

"...não há dúvida que entre povos com línguas da mesma família existem ou existiram certas ligações diretas ou indiretas, ou certas relações, pelo menos em um período anterior. Não devemos, no entanto, sem provas concretas, tomar como certo que também os limites dessas ligações ou relações culturais sejam os mesmos da afinidade lingüística..." (Schmidt,1917: 6)⁷.

Segundo Schmidt, analisando sobretudo os grupos Aruaque do Xingu, estas sociedades faziam uma separação entre "cultura" e "língua", a partir da importância exagerada que davam ao domínio de seus bens culturais e o desprendimento com que abandonavam os "seus dialetos". E cita vários exemplos de tribos aruaque que abandonaram a língua materna em favor da dos invasores.

"Que a natureza aruaque de cada tribo nem sempre pode ser reconhecida pelo estado atual de seus idiomas, depreende-se dos casos em que o original dialeto aruaque de uma determinada tribo foi, comprovadamente, usurpado por outra língua... Tais modificações de idiomas

⁷"Quanto à localização das culturas aruaques, o acervo principal das tribos aruaques tem atualmente sua localização nos afluentes superiores do Amazonas. Mas nós as encontramos também em grande número no Orinoco e nas Guianas. Em épocas antigas, as Antilhas foram habitadas por aruaques. Também os Goajiros, que habitam o norte da Venezuela, pertencem a esse grupo. As tribos do Purus, sobretudo os Ipurinás, distribuídos por uma região bem vasta, constituem a ligação às tribos Ucaiali dos Piro e Anti, por um lado, e com as tribos Mamoré dos Mojo e Bauré, por outro. Daqui em direção sul os Chané devem ser considerados uma tribo aruaque. Os Pareci, finalmente, formam o elo de ligação com as ramificações orientais desse grupo no Xingu, bem como suas ramificações mais ao sul, na bacia do Paraguai, os Guaná e seus parentes. A extensa região pela qual estão distribuídas as tribos aruaques não é habitada somente pelas mesmas, pelo menos não em massas compactas, sendo perpassada também por toda a parte, por tribos de outros idiomas e outras culturas" (op.cit:8)

por meio de apropriação de outros foram naturalmente influenciadas de modo peculiar pela formação de línguas gerais, de intercâmbio, que se formaram principalmente nas diversas zonas de aculturação... Tendo-se em vista a superioridade cultural dos aruaques sobre as tribos vizinhas é uma ocorrência que desperta a atenção passarem os dialetos aruaques, na formação de línguas gerais, tanto para o plano secundário" (grifo nosso ,id ibd:12).

E Schmidt vai mais além, marcando esta tendência como expressão e/ou condição de um "*expansionismo*", que ele chama de político-administrativo, característico dos aruaque:

"Já aqui deve ser frisado que o retroceder dos dialetos aruaques não está necessariamente ligado a um retrocesso das culturas aruaques; pelo contrário, a adoção e o emprego da língua alienígena serve justamente para expansão da própria esfera de poder sobre influências estranhas" (id ibd: 12-13)

Deduzimos da análise de Schmidt que a relação destes grupos com os seus bens culturais e lingüísticos, diferentemente da maioria de outros grupos indígenas, não são tomados em si como fundamentais na definição de uma identidade própria.

Schmidt aponta ainda este impulso *expansionista* como visando uma obra "colonizadora". Na concepção deste autor, os aruaque não se conceberiam como "invasores" e, conseqüentemente não manteriam com "os outros", "os de fora", uma relação fundada nesta dicotomia invasor/invadido:

"As tribos aruaques não se expandiram em massas compactas, partidas de um ou mais centros, por sobre a atual região influenciada por sua cultura; foi a classe dominante, como a portadora propriamente dita dessas culturas que difundiu sua influência sobre unidades étnicas cada vez maiores na região selvagem da América do Sul. Mais exatamente se designaria essa espécie de expansão com o termo "colonização", pois ela equivale, em seus traços essenciais, àquilo que do ponto de vista europeu se quer designar por essa expressão. A espécie de expansão que ocorre com as culturas aruaques seria mais acertadamente comparada com a colonização pela cultura européia, tal como ela se verifica atualmente no continente africano (grifo nosso). Por conseguinte, as diferenças nas diversas tribos aruaques não devem ser atribuídas a modificações sofridas por uma população originalmente uniforme, devidas às condições de meio ou de tempo ou ainda a contatos externos com outras culturas, mas baseiam-se simplesmente no fato de terem os aruaques, durante a sua grande obra colonizadora, entrado em contato com tribos diversas nos diferentes lugares... A multiplicidade dos dialetos aruaques explica-se, assim, pela ligação do idioma aruaque com diversos outros idiomas. Pelo mesmo motivo, explica-se a grande variedade de bens culturais dentro da unidade étnica pertencente à cultura aruaque, e a grande diferença no nível cultural da população" (idem: 42).

A distinção e as nuances decorrentes desta dicotomia "colonizador/invasor" me parecem pertinentes para se pensar nas estratégias políticas e lingüísticas construídas pelos Terena para continuarem existindo como tal.

A relação de "colonizador" pode ser reforçada se atentarmos para os relatos dos cronistas que tiveram, nos séculos XVI e XVII, contato com os **Guaná** e constataram a existência entre eles de "cativos" - presos de guerra de outras etnias chaquenhas, como os Chamacoco, Chiquito e Guató, principalmente. Notaram ainda que tais "cativos" recebiam um tratamento suave, não humilhante, revelando ao mesmo tempo que estavam empregados em tarefas domésticas e não-agrícolas e que forneciam prestígio social aos seus senhores, mais do que um valor propriamente econômico (Cardoso de Oliveira, 1968; 20-21). Reforça esta constatação o fato de os cativos serem tratados como "estrangeiros" e o termo *kauti* - utilizado ainda hoje pelos Terena - ser uma corruptela da expressão hispano-portuguesa "cativo".

Estas considerações são importantes porque fornecem elementos para a compreensão do *ethos* dos atuais Terena e, sobretudo, para entendermos o significado social e político da relação dos *Guaná* com os demais grupos indígenas e posteriormente com a sociedade nacional. Uma sociedade cuja base econômica está na agricultura⁸, necessitando de terra e braços para o trabalho, sua expansão caracterizando-se por meio de alianças que se consolidariam através das trocas matrimoniais e do comércio.

Como exemplo, lembramos que as relações com os Mbayá-Guaycuru eram claramente de aliança e baseadas na troca de produtos alimentícios por

⁸ "Depois seguimos adiante e chegamos a uma nação chamada Chané, ...pelo caminho achamos muitos campos de cultivo de milho, raízes e outros frutos mais, que ali se encontram frutas e comida todo o ano. Quando eles colhem um roçado, o outro já está amadurecendo e quando este está maduro, já se plantou num terceiro, para que em todo o ano se tivesse alimento novo nas roças e nas casas". (Schmidel (1534-1554) 1968: 88),

produtos de ferro, conseguidos pelos Mbayá nas suas incursões contra os estabelecimentos espanhóis (Cardoso de Oliveira, 1976, capítulos 1 e 2).

O processo político e social que envolveu uma sociedade demograficamente superior e estratificada (os *Guaná*) e outra inferior em população e predominantemente caçadora-coletora (os Mbayá) é ainda pouco estudado. Mas segundo Azanha, "*os dados históricos nos levam a suspeitar que foi a agricultura Guaná que permitiu aos Mbayá ampliarem sua potência guerreira que, somada aos cavalos tomados aos espanhóis, transformaria este povo no mais aguerrido adversário da colonização das margens do rio Paraguai, entre os rios Apa e o Taquari. A dependência (entre os dois povos) observada pelos cronistas, era na verdade **mútua** e gerou um sistema social único na América do Sul, responsável pelo domínio, durante quase dois séculos, de um território superior ao da França*"(1999:12-13).

Segundo o autor citado, as relações de aliança Guaná/Mbayá estavam alicerçadas no casamento: os chefes Guaná cediam mulheres da sua casta para casarem-se com os "maiorais" Mbayá. As relações entre os dois grupos, por essa via, consolidaria, ao longo do tempo, uma estrutura social complexa: de um lado, um segmento social autônomo na posição de fornecedor de mulheres e alimentos; de outro, um segmento guerreiro responsável pela segurança dos grupos locais e supridores de instrumentos de ferro e cavalos (id.ibd: 5).

Mesmo atualmente, quando as relações entre estes dois grupos se dão em outras bases, podemos encontrar uma população expressiva de Terena

(Guaná) residindo em terras reconhecidas pelo governo brasileiro como pertencentes aos Kadiwéu-Guaicuru (Mbayá atuais). Na área Kadiwéu, existem quatro aldeias, das quais três (São João, Tomázia e Campina) constituem-se de indivíduos Terena e sua descendência, que vieram pelas mãos do SPI para aquela área para ajudar na "colonização" destes índios. Na verdade, os Kadiwéu estão restritos à aldeia de Bodoquena, onde também o número de Terena e seus descendentes é significativo. Há, ainda hoje, um número expressivo de casamentos de homens Kadiwéu com mulheres Terena, reforçado pela imaginário Kadiwéu de que elas são "esposas melhores". Em 1994, estando na aldeia Kadiwéu de Bodoquena, conversava com uma mulher Kadiwéu, de ascendência "nobre", e perguntei quem ela escolheria para casar com seu filho. Ela respondeu que preferia, primeiro, que ele casasse com uma mulher terena, depois, se isto não fosse possível, com uma mulher branca (não indígena) e, por último, uma mulher kadiwéu.

Os Terena vieram para São Paulo, para o território Kaingang, também pelas mãos do SPI. E mesmo dentro de algumas áreas Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul, podemos encontrar indivíduos Terena, bem como em grandes centros urbanos como Campo Grande, Miranda, Aquidauana, Brasília, Corumbá, Cuiabá.

Em todas estas situações, os Terena mantendo pois um padrão tradicional, vão através das mulheres estabelecer relações matrimoniais preferencialmente com "os de fora", quer sejam Kadiwéu, *purutuya*, Kaingang ou até mesmo Kaiowá. Esta é uma das formas que caracterizaria o

“expansionismo” aruaque apontado por Schimidt, que cita vários exemplos da difusão da cultura aruaque por meio do casamento.

-A relação dos Terena com a sociedade nacional-

Desloquemos a atenção agora para verificar como se dá a relação dos Terena com a sociedade nacional. Vejamos algumas citações de Schmidt, tratando do modo de relação dos aruaques com os “invasores europeus”:

"Em todos os lugares em que a literatura menciona a relação das tribos aruaques com os invasores europeus é frisada sua disposição amistosa para com eles..... e o motivo dessa harmonia com os invasores europeus está intimamente ligado aos motivos da expansão das culturas aruaques. A fundação e manutenção da posição dominante perante outras tribos de modo algum pode ser tão bem alcançada como meio das vantagens oriundas de relações amigáveis com culturas mais elevadas. Característica é a maneira pela qual os Aruaques procuram se prevalecer de sua boa relação com os europeus em detrimento de outras tribos ... a isso acrescenta-se, porém, como segundo fator que não pode ser subestimado, a tendência inerente à cultura

aruaque de se aperfeiçoar cada vez mais, por meio de empréstimos de culturas estranhas superiores à sua."(id.ibd.: 45-46).

Estas considerações são importantes porque enquadram o foco para se pensar por que, por exemplo, os Terena procuraram sempre, ao longo da história, manter relações não conflituosas com os portugueses.

Os documentos de cronistas e fontes oficiais indicam o papel fundamental dos Guaná no fornecimento de gêneros alimentícios e alguns bens manufaturados (em algodão, palha e couro) para os raros núcleos populacionais brasileiros na região (os presídios e guarnições militares de Coimbra, Albuquerque e Miranda).

Em 1803, o sargento engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra em seu "Parecer Sobre os aldeamentos dos índios uaicurús e guanás", noticiava ainda que "*(os Guaná)...vendem todos os anos em Coimbra algumas redes e panos, bastante galinhas, grande soma de batatas e alguns porcos, tendo assim essas permutações enriquecido mais esta nação que os uiacurús...*" (Almeida Serra, 1845: 199, apud Azanha,1999).

Hercule Florence, que participou da Expedição Langsdorf nos anos de 1825 a 1829, assim descreve os Guaná:

"Os Guaná....acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de uma língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa d'África. De quanta tribo tem o Paraguai (o rio,

ressaltamos), *é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores, cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer cana e fazem grandes peças de pano de algodão com que se vestem, além de redes e cintas. Industriais, vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá para venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco"* (1977: 103-104).

As "relações de amizade"⁹ entre portugueses e *Guaná* seriam reforçadas pelos agentes da Coroa: ainda em 1797, um dos principais chefes *Guaná* recebeu uma carta patente do Governador Geral das Capitanias do Mato Grosso, em troca da sua fidelidade e vassalagem à Coroa portuguesa. O documento recomenda aos agentes oficiais portugueses que *"...tratem e auxiliem com todas as demonstrações de amigos e de vassalos da Coroa Portuguesa, deixando-os gozar de todas as liberdades, privilégios e isenções de que gozam os demais vassalos da mesma Coroa..."*¹⁰.

Como enfatiza Azanha, os Terena (*Guaná*) reforçariam a aliança, muito mais vantajosa, com os portugueses proporcionalmente ao declínio da aliança com os Kadiwéu (*Mbayá*):

"Este comércio acentuou-se depois de finda a aliança com os Mbayá-Guaicuru. Para os Guaná, os purutuyé representavam uma aliança muito

⁹ Essas "relações de amizade" devem ser entendidas no contexto da disputa entre Portugal e Espanha no estabelecimento das fronteiras naquela região.

¹⁰ Documento original depositado no Arquivo Público do Estado do Mato Grosso (*in* Carvalho & Carvalho 1998)

mais vantajosa que aquela com seus antigos aliados... Além disso, os primeiros ocupantes ocidentais da região eram agentes do Império, sobretudo militares, a quem interessava basicamente manter boas e amistosas relações com os povos autóctones. Não eram (ainda) "colonizadores" que disputavam recursos e, conseqüentemente, territórios com os Guaná."(1999: 7).

Portanto, até a Guerra do Paraguai os Guaná negociavam com iguais e assim eram por eles tratados. Esse conflito acarretou " *uma mudança radical no 'modus vivendi' dos grupos Guaná com a população brasileira local. Se antes a relação era de mútua dependência, alicerçada na troca recíproca e no comércio justo e respeito mútuo entre os índios e as tropas regulares que formavam a população dominante nos "presídios" de Miranda e Albuquerque, depois da guerra as populações indígenas passarão a se relacionar com um grupo humano heterogêneo e oportunista*" (id.ibd:22))– passaria a receber apoio oficial para a "colonização" da região, quando se altera radicalmente o caráter e a intenção dos novos ocupantes : os *purutuya* agora os tratavam como "bugres", como mão-de- obra necessária, e suas autoridades não mais os respeitavam como antigamente, rompendo sistematicamente os contratos amistosos. Nestes novos tempos, a antiga relação de respeito e solidariedade será alterada.

Numa fala de Pacalalá, chefe Guaná (Kinikinaua) recolhida por Taunay quando da guerra do Paraguai, esta relação de igualdade entre *purutuya* e Guaná é realçada: "*Cuidado com os purutyé. Não somos seus escravos. Eles são nossos iguais e não nossos senhores. Nesta terra não deve haver duas*

espécies de gente: uma que manda e outra que trabalhe. Todos devem trabalhar e receber a paga justa de seu trabalho" (apud Bittencourt e Ladeira, 1999:57).

Findo o conflito com o Paraguai, o antigo território das aldeias já era disputado por novos "proprietários", em geral oficiais desmobilizados do exército brasileiro e comerciantes que lucraram com a guerra e que permaneceram na região.

Estes novos colonizadores, grande parte originários de regiões do Brasil onde a relação com os índios era fundada na prepotência e no desprezo ao "bugre", desconheciam totalmente qual havia sido o papel dos Guaná na conquista e manutenção da região em mãos brasileiras. E os índios se surpreenderam com o caráter eminentemente predador destes novos *purutuya* e recorriam como podiam às autoridades de Cuiabá – que antes os tratavam com o respeito devido a aliados - para defenderem suas terras.

Este período da história é conhecido como o ***tempo da servidão***. Este tempo ainda é lembrado nos relatos dos Terena:

"O pessoal daquela época tinha medo ...o patrão os chicoteava na fazenda. Quem se atrasava para tomar chá de manhã era surrado...foi o finado meu avô quem me contou. Como castigo o pessoal tinha que arrancar mato com a mão. Quando a comida estava pronta, eles mediam toda a sua tarefa. Eram quinze braças de tarefa e, mesmo não terminando a tarefa do dia, de manhã mediam outra tarefa, que acumulava" (João Martins Menootó, aldeia Cachoeirinha, apud Bittencourt e Ladeira,1999:72).

"Naquela época os Terena se encontravam fora de sua aldeia, trabalhando nas fazendas em condições de quase escravidão. Trabalhavam quase sem remuneração e muitas vezes os fazendeiros simulavam o acerto de contas e diziam, aproveitando-se dos índios: ' você ainda está devendo, portanto tem que trabalhar mais um ano'. E a cada acerto de contas eles repetiam o mesmo" (Genésio de Farias, aldeia Argola, apud Bittencourt e Ladeira, 1999).

Dispersos em razão do conflito, os vários sub-grupos *Guaná* começariam a recompor suas antigas aldeias, agora pedindo "licença" aos novos ocupantes. É a época em que se intensifica a abertura dos estabelecimentos pecuários e o "fechamento" dos pastos, com apoio das autoridades do Império, pretendendo consolidar a ocupação brasileira na área. E todos estes empreendimentos só foram possíveis graças à "liberação" das terras e ao uso intensivo da mão-de-obra indígena, agora disponíveis.

O advento da República – e as concessões político-administrativas descentralizadoras feitas aos Estados federados e, conseqüentemente, aos chefes políticos regionais – só fez agravar a situação dos Terena. Nas palavras de Rondon, esse tempo de pós-guerra, o tempo da servidão, é assim descrito:

"São comumente explorados pelos fazendeiros. É difícil encontrar um camarada Terena que não deva ao seu patrão os cabelos da cabeça...Nenhum 'camarada de conta' poderá deixar o seu patrão sem que o novo senhor se responsabilize. E, se tem ousadia de fugir, corre quase sempre o perigo de sofrer vexames, pancadas e não raras vezes a morte, em tudo figurando a

polícia como co-participante de tais atentados" (1949: 83-84 apud Bittencourt e Ladeira,1999:72).

Estes fatos relatados pelos velhos Terena e por Rondon embasam os alicerces da mudança no relacionamento com o *purutuya* e marcam o início da "modernidade" na história Terena.

3 A manutenção do padrão tradicional de reprodução social na atualidade.

Contando com uma população bastante numerosa e que mantém um contato intenso com a população regional, o Terena é o povo indígena cuja presença no Estado do Mato Grosso do Sul se revela de forma mais explícita, seja através das mulheres vendedoras nas ruas de Campo Grande ou das legiões de cortadores de cana-de-açúcar que periodicamente se deslocam às destilarias para a changa. Essa intensa participação no cotidiano sul-matogrossense favorece a atribuição aos Terena de estereótipos tais como "aculturados" e "índios urbanos".

Essa conceituação é, no caso, uma apreciação positiva. Apesar de ocuparem um território exíguo, sempre levaram seus produtos para abastecer os mercados locais, impondo, de certo modo, uma necessidade (um "gosto") . Além disso ocupam grande parte dos postos "subalternos" de serviços na região de Miranda, Aquidauana e Campo Grande (como vigias, cobradores, auxiliares na estrada de ferro, empregadas domésticas, porteiros, pedreiros,

carpinteiros, pintores, motoristas etc.) e, ainda, fornecem mão de obra temporária para as usinas de cana-de-açúcar.

Ou seja, eles participam "do nosso mundo", e fazem questão de andar *bem vestidos e limpos* e de mandarem seus filhos estudar na cidade, diferentemente dos outros povos indígenas da região ,principalmente os Guarani-Kaiowá, cuja apreciação por parte da sociedade regional é carregada de estereótipos negativos - "sujos", "preguiçosos", "bêbados" etc., epítetos que só aplicam aos Terena em situação de conflito aberto.

Os Terena ocupam cargos dentro da FUNAI local, inclusive, atualmente, o de chefe da Administração Regional em Campo Grande - e também nas Secretarias de Estado do Mato Grosso do Sul. Mesmo em Brasília há vários Terena ocupando cargos na sede central da FUNAI.

No estudo já citado, Azanha(1999) retrata a situação atual de consolidação das áreas indígenas Terena como "reserva de mão de obra" e descreve como o "posto" da FUNAI atuou no passado recente para *imobilizar* a força de trabalho interna e torná-la disponível externamente.

"De fato, já nos anos 50 os dados colhidos por Cardoso de Oliveira em Cachoeirinha impressionavam: dos 127 grupos domésticos que constituíam a aldeia em 1957, apenas 19 (17%) viviam exclusivamente da agricultura interna e do artesanato, enquanto 46% viviam exclusivamente do trabalho externo e outros 37% combinavam o trabalho em suas roças com o trabalho esporádico externo. A população na época era de cerca de 900 pessoas" (Azanha,1999: 23).

Esses números, na sua distribuição relativa, não se alteraram nos últimos anos; com a implantação de usinas de açúcar e álcool na região, no final dos anos 70, os números, em termos absolutos, com certeza aumentaram - assim como a população indígena residente nas "reservas" Terena, que ultrapassaria os *dez mil* em meados da década de 1980.

O fenômeno da urbanização de indivíduos Terena nos centros urbanos regionais, crescente a partir do final dos anos 50, estaria diretamente ligado à "sobrepopulação" das "reservas" e a ausência de futuro nelas (como já indicado por Cardoso de Oliveira, *op. cit.*: capítulo VI). Em 1960, este autor registrou 418 indivíduos Terena morando em Campo Grande; hoje certamente esse número passa dos 2 mil indivíduos - grande parte mantendo ainda vínculos com as suas aldeias de origem.

A maioria desses migrantes são oriundos da reserva chamada "Taunay/Ipegue" (município de Aquidauana), vivendo a maioria como prestadores de serviços. As razões alegadas pela primeira geração de migrantes urbanos para deixarem as reservas foram os conflitos internos (por diferenças sobretudo religiosas, quando da chegada dos missionários protestantes à reserva citada). Comparativamente às outras reservas, os Terena urbanizados egressos de Cachoeirinha são relativamente menores em número; porém ainda mantêm laços permanentes com suas famílias de origem que permaneceram na reserva.(cf. Azanha,1999: 33).

Este mesmo autor aponta ainda o papel importante desempenhado pelo trabalho externo (a "changa"), que, segundo ele, deve ser entendido não

somente como uma fonte de renda para determinados membros da aldeia mas

"... como uma válvula de escape fundamental para a pressão social advinda da superpopulação nas reservas - sobretudo para a imensa maioria dos jovens que desistiram da escolarização completa, seja no mundo dos brancos (o 2º grau nas escolas dos purutuyé) ou nas aldeias (onde têm a chance de completar o 1º grau)...Estes jovens - que integram 90 % dos trabalhadores das "turmas" que vão para a changa - se encontram em um momento crítico: já fora da escola (por isso changueam), perderam a chance de escapar "para o mundo dos brancos" e competir num mercado de trabalho em condições de extrema inferioridade (só uns poucos privilegiados o conseguem); nas "reservas", hesitam entre casar - e assumir o futuro nela, na roça e no trabalho externo eventual - ou tentar a sorte no subemprego das cidades, usando (quando existente) a rede de solidariedade da parentela ali já estabelecida (1999: 36).

A situação atual da saída da " rapaziada para a changa", e os dilemas em relação ao futuro e ao papel da escola são assim descritos por Altenfelder em 1949: *"A nova geração dos Terena vem se esforçando cada vez mais para aprender, e as escolas do Posto e da Missão, até certo ponto, lhes estão possibilitando esse desiderato. Há ainda a mencionar a grande escola prática representada pela caserna, pois muitos já serviram voluntariamente no Exército. Além do mais os Terena tem consciência de seus problemas e desejam ser tratados em pé de igualdade pelos brasileiros.*

Quanto ao trabalho nas fazendas vizinhas, regime que, ao que nos parece perdurará ainda por longo tempo, é preciso que se lembre que os antigos Terena não agiam de forma muito diversa; semeavam eles na estação chuvosa e, na seca dedicavam-se à caça e pesca. Hoje a caça e a pesca não são mais possíveis pela falta de territórios adequados, e o trabalho nas fazendas vem corresponder, de certo modo, a essas atividades”(Altenfelder,1949:317-318)

Fora da changa as opções são poucas - e o próprio sistema de poder não favorece outras alternativas:

"Os números do levantamento sócio-econômico que efetuamos durante nosso trabalho de campo apontam para uma situação social preocupante no curto prazo: nas 03 reservas objeto deste relatório, os Terena situados na faixa etária 0-24 anos ultrapassam os 65% da população total. Os conflitos geracionais (entre jovens e a autoridade dos mais velhos) e entre os jovens são cada vez mais violentos, sobretudo em Cachoeirinha e Taunay-Ipegue, onde as possibilidades da utilização da changa como válvula de escape estão se tornando cada vez mais pequenas.” (idi. ibd: 37).

Por outro lado, a capacidade de absorção dos jovens Terena no ambiente urbano é extremamente limitada, pelas razões já apontadas. Mas mesmo assim, os dados de Cachoeirinha levantados por Azanha (op. cit.: 35) e pelo CTI (in Rezende, 1997) indicam que 10% da população da aldeia-sede tem pelo menos um filho empregado (ou subempregado) em centros urbanos.

Considerando uma amostragem de 20% da população terena de Cachoeirinha, Rezende (1997:4) aponta que a proporção de mulheres (6 em cada 10) que mudam da área indígena é maior que a dos homens (4 em cada 10). E que desses Terena que saem de Cachoeirinha, 4,6% (1 em cada 20) vão residir em outras áreas indígenas em São Paulo ou no Mato Grosso do Sul mesmo. E que a maioria das pessoas que saem da área de Cachoeirinha vão para Campo Grande (77%), seguido de Aquidauana (5,5%) e em índices menores, para São Paulo, Coxim, Brasília e Miranda.

As reservas atuais, dadas suas óbvias e extremas limitações territoriais, também colocam sérios obstáculos para a absorção econômica dos jovens Terena: como os pais são agricultores, o destino natural seria a lavoura na área do grupo doméstico a que pertencem. Contudo, dadas as condições técnicas das lavouras Terena, a absorção de um novo membro não incrementa a área plantada; logo, a alternativa seria a abertura de uma nova área de lavoura em reservas de matas - o que sempre acaba em uma negociação política tensa com o Conselho da aldeia, que em geral não permite novas aberturas, devido ao risco de ficarem sem matas, necessárias para reserva de lenha, material para artesanato e fonte de remédios.(cf. Azanha, 1999,30)

Neste contexto é que os Terena creditam à escola, e à língua portuguesa por consequência, um papel fundamental na construção de seu futuro. Nos últimos 15 anos, o empenho dos pais para que seus filhos freqüentem a escola na aldeia e os esforços para que consigam fazer o "ginásio" na cidade têm sido imensos.

Ao mesmo tempo em que o SPI e posteriormente a Funai consolidavam uma série de mecanismos que impediam a auto-sustentação da comunidade terena dentro das reservas, voltando-as para o trabalho externo, "elegeram" os Terena como um dos grupos mais adaptados à sua proposta de integração do índio à "comunhão nacional", devido a seu longo e amistoso contato com a população regional. O rótulo de "semi-aculturados" fez com que o SPI deslocasse famílias Terena para outras áreas indígenas, (Guarani, Kadiwéu, Kaingang) para que estes "aprendessem" com os Terena. Essa posição "privilegiada" ocupada pelos Terena foi também a responsável pela introdução da escola pelo SPI em algumas comunidades, inclusive a de Cachoeirinha, ainda na primeira metade do século XX. O objetivo declarado dessas escolas era "apressar" o processo de aculturação dos Terena. Data deste período a elaboração de todo um discurso segundo o qual " não há futuro no interior da reserva", fundamental para a compreensão do papel da escola no imaginário Terena.

Atualmente todas as aldeias Terena possuem escolas com turmas de 1ª a 4ª série do 1º grau. Em algumas aldeias, como Bananal , existe inclusive o 1º grau completo. Em Miranda, por exemplo, há 10 escolas distribuídas entre as 8 aldeias daquele município (incluindo a área de Cachoeirinha), atendendo a aproximadamente 950 crianças. Praticamente todas as crianças das aldeias, a partir dos 7 anos de idade, freqüentam a escola. E todos os professores são Terena (salvo uma professora "branca" que é casada com um homem terena).

Apesar dos altos índices de repetência, a evasão escolar nas escolas da aldeia é muito reduzida.¹¹

Estes dados encobrem uma série de dilemas enfrentados por lideranças, pais de família e professores Terena, que reconhecem na escola um instrumento fundamental para o relacionamento, tal como o concebido pelos Terena, com o mundo do branco. Mais que isso, a escola é encarada, por setores consideráveis das comunidades Terena, como um instrumento de ascensão individual, a possibilidade de seus filhos escaparem da vida "sem futuro" na aldeia e nas usinas de álcool. Em outras palavras, seria a possibilidade para um desaldeamento mais "seguro". As limitações dessa concepção de escola, herdeira direta dos tempos do SPI, são cada vez mais evidentes para os Terena, já que ela não consegue cumprir seu objetivo manifesto: capacitar para "vencer" no mundo dos brancos. É cada vez maior o número de jovens "estudados", como no dizer dos Terena ,com ginásio completo, que não conseguem arranjar emprego em Miranda. Esses jovens ficam na aldeia sem exercer quase nenhuma atividade produtiva, já que não foram criados pelos pais para trabalharem na roça, e, como vimos, mesmo a opção da "changa", que o estudo tinha como proposta redimir, vem diminuindo cada vez mais.

Os Terena, já vimos, mantiveram um padrão de reprodução social sem grandes discontinuidades, desde o Êxiva até a guerra do Paraguai, em um território cujas dimensões estimamos em cerca de 40 mil hectares. A dispersão

¹¹ CTI - Ladeira , ME e Rezende, Rogério : Relatórios do Programa Educação Escolar/1994-1999

das aldeias e o processo de expropriação de seus antigos territórios ocasionados pela guerra do Paraguai, acarretou um desequilíbrio profundo na sociedade Terena. Recompota parcialmente a partir das primeiras décadas do século XX, parcialmente com a criação das "reservas", a sociedade Terena continuou a buscar o equilíbrio necessário entre as novas condições físicas internas, dadas pelos limites físicos das reservas e a taxa de crescimento dos grupos domésticos.

Em relação ao crescimento demográfico Azanha nos informa:

"O boom demográfico verificado entre os anos 1930 e 1970 em todas as reservas Terena no Mato Grosso do Sul¹² foi consequência da recomposição do equilíbrio sócio-ecológico. Se antes, nos tempos históricos, o padrão médio suportado pelas condições físicas e técnicas era de 5 indivíduos por família nuclear - o que implicava, dadas as condições sanitárias à época, numa taxa de fertilidade muito alta para compensar a mortalidade infantil - esse número cresceria, no período acima, porque, a um só tempo, foi mantida a taxa de fertilidade porque determinada culturalmente, e melhorada as condições sanitárias nas reservas".

E, finalizando, recoloca a questão da "expulsão" de alguns dos filhos para os centros urbanos como uma política consequente de manutenção de uma reprodução social em moldes tradicionais.

¹² 1926: Cachoeirinha = 436 Ipegue = 1330 Buriti = 420 (1)
1954: Cachoeirinha = 834 Ipegue = 1060 Buriti = 483 (1)
1985: Cachoeirinha = 1915 Ipegue = 3182 Buriti = 1075 (1)
1999: Cachoeirinha = 2303 Ipegue = 3468 Buriti = 1330 (2)

"O fenômeno da urbanização é a consequência do esforço realizado pelos Terena para manter o equilíbrio socio-econômico dentro das reservas. Os dados de Cardoso de Oliveira e de outros pesquisadores indicam que, desde o período do boom demográfico na década de 40, e a cada geração desde então, um número crescente de indivíduos - cuja imensa maioria é do sexo feminino - vem sendo excluído da sociedade Terena (não só da reserva, note-se bem) . Foram, literalmente "mandados para fora", para os centros urbanos - onde, ao casarem-se com brancos, se autoexcluíram do sistema de reprodução da sociedade terena."

E na seqüência, aponta o esforço terena para manter o equilíbrio entre este crescimento demográfico e os recursos naturais das áreas Terena :

"Os dados demográficos...confrontados com os dados da paisagem refletidos nas imagens-satélite das áreas de Cachoeirinha, Taunay-Ipegue e Buriti, indicam claramente o enorme esforço realizado pelos Terena para manter aquele equilíbrio. A manutenção das altas taxas de fertilidade ,pois não se altera um padrão cultural no curto prazo, e a disponibilidade dos recursos naturais mínimos (porém eloqüentes, se comparados às fazendas do entorno) para assegurar as bases da economia tradicional, revelam um esforço enorme para a manutenção da reprodução social Terena "segundo seus usos, costumes e tradições"".

(1) dados apresentados no PCBAP (2) dados dos autores

Em suma, o que Azanha enfatiza é que o fenômeno da urbanização é *interno* às reservas e função das suas dimensões atuais; não é motivado pela "atração aculturativa" que os centros urbanos poderiam exercer.

Os Terena construíram e o continuam fazendo quotidianamente uma relação com os *purutuya* marcada por uma distância no plano afetivo e uma consciência de que a possibilidade de continuarem se reproduzindo enquanto povo passa pela convivência obrigatória com a sociedade nacional.

Como pudemos observar, o padrão tradicional "aruaque" de reprodução social, é um padrão expansionista, que se dá através das alianças matrimoniais e do comércio, mas esta relação não é estabelecida simetricamente entre as partes. Os Terena, via de regra, não casam com mulheres de fora. Disso resulta que em suas aldeias vivam apenas Terena, já que as mulheres ao se casarem com alguém não Terena, perdem o direito de residir dentro da área. E o comércio é tratado como sempre: uma oferta de gêneros alimentícios em troca de bens manufaturados. Antigamente com os Mbayá, os instrumentos de ferro e, atualmente, com os *purutuyé*, o trator, as ferramentas agrícolas, o combustível, aqueles bens que podem contribuir para a realização de sua "vocação de agricultor".

A equação atual de pouca terra, padrão alto de crescimento demográfico e relação de dependência externa de bens manufaturados, é resolvida pelos Terena tendo como referência o mesmo padrão de um outro momento histórico: as relações com os Mbayá. Se, com os Mbayá, os Guaná ofereciam suas mulheres e produtos agrícolas, os Terena continuam mantendo a oferta

de gêneros alimentícios e as suas filhas para que se casem com os *purutuya* ou trabalhem para os eles.

O novo, hoje, é a oferta de uma mão-de-obra masculina barata excedente nas aldeias, já que a reprodução do grupo, ainda que expansionista, não significou paralelamente uma expansão de terras disponíveis para a lavoura, ou para a manutenção daquelas atividades complementares como a caça e a pesca. Por isso, vemos dois movimentos: um referente à consolidação de uma ocupação já dada em décadas passadas de residência em outras áreas indígenas e o outro, de uma política deliberada de ampliação de suas fronteiras de socialidade, criando pontos de referência nos centros urbanos (através do movimento de expulsão de alguns de seus membros, principalmente através do casamento das mulheres terena com moradores da cidade)

Esta compreensão da relação entre a sociedade Terena e a sociedade nacional ao longo da História é importante para se apreender em sua contextualidade as histórias de vida dos Albuquerque.

CAPÍTULO 2

Um Grupo Familiar Terena: a História dos Albuquerque

1. A história de Alexandre ,o fundador do grupo. ¹³

Alexandre Albuquerque *Vouiongué*, era filho de uma terena, Angelina *In'namá*, e de um homem branco, Lili Albuquerque, que depois de engravidar Angelina *In'namá*, "*sumiu no mundo*".

¹³ A recriação desta história se dá a partir das informações obtidas das entrevistas com 5 dos filhos homens . Todos os 6 filhos homens moram na reserva e as 2 filhas mulheres em Campo Grande. Apesar do meu empenho não consegui manter contato com estas mulheres. Em anexo estão as genealogias levantadas deste grupo familiar.

Lili Albuquerque morava perto do rio Salobra, "**quer dizer o rio Salobra ali é uma área de índio também, do outro lado, então a minha avó morava ali, era empregada e aí gostou do meu avô e ele ficou com ela, aí quando teve a guerra, foi um momento de guerra em 30,31, aí eles se afastaram, aí foi embora e nunca mais voltou**" (Rafael Albuquerque).

Quando Lili Albuquerque vai embora Alexandre era "criança de colo". Seu Rafael acrescenta ainda que "**meu pai não conhecia o pai dele ... foi bem chamado três vezes para conhecer ele, mora no Rio de Janeiro**".

Angelina, pelas informações obtidas com as genealogias, veio a se casar posteriormente com José Polidoro Terena, com quem teve mais 4 filhos , Carlo, Leonardo, Francisco, Florisa, todos moradores da aldeia de Cachoeirinha.

Esta história conta da descendência de Angelina com Lili Albuquerque, ou seja da descendência do único filho, Alexandre Albuquerque. Os irmãos de Alexandre por parte de mãe são do grupo dos Polidoro¹⁴

¹⁴ Na genealogia constante do apêndice, os Polidoro estão representados pela cor azul.

Alexandre foi criado na área de Cachoeirinha juntamente com seus meio –irmãos vindo a se casar com Cecília Lopoie , terena também de Cachoeirinha, com quem veio a ter 8 filhos: Rafael, Lefôncio, Hélio, Almerinda, Marina, Sabino, Izídio, Mário e Alberto. Lefôncio faleceu ainda criança, aos 10 anos. Alberto veio a falecer em agosto do ano 2000

Segundo o relato de Sabino, "***a gente quase não saía da aldeia, trabalhava aqui, meu pai fez açougue e foi trabalhar na lavoura, fazia rapadura, ganhava...***".

Em 1954, já com 6 filhos "***saiu daqui da aldeia Cachoeirinha para uma fazenda militar, Bettioni, hoje município de Bodoquena, para buscar uma vida melhor, foi convidado pelo sargento Adauto Ferreira Souto para ficar encarregado das margens do rio Miranda***" (Alberto, apelidado "Mané").

Continuando com o relato, Alberto diz "***Ficamos lá na fazenda militar sete anos, depois nós viemos para um patrimônio (vilarejo) por nome de Duque Estrada, perto da aldeia Cachoeirinha***".

Alexandre Albuquerque era um exímio criador de gado, e quando acabou o arrendamento, desocupou a fazenda retirando seu gado; devido a uma enchente "*brava*" ficaram em Duque Estrada esperando juntar a totalidade do gado até poderem voltar para a aldeia de Cachoeirinha.

Quando Alexandre, em 1954, saiu da aldeia de Cachoeirinha para a Remonta (fazenda Bettione) não levou consigo os dois filhos mais velhos, Rafael e Hélio, já rapazes. O filho mais novo, Alberto, nasceria na Fazenda no ano da mudança (1954).

Quando indagado porque não acompanhou o pai, seu Rafael assim responde: "***Não fui porque estava trabalhando (fora, nas fazendas)... não tinha como nosso pai tratar nós, então eu tinha que sobreviver, né?...***" "***Tinha de sair para fora e... eu me sustentava sozinho e quando é jovem tem que procurar um meio de se arrumar mais, né?***"

As lembranças deste tempo na memória de Sabino apontam a saída da aldeia no carro de boi levando a mudança "***Eu não sentia falta da aldeia, eu era muito pequeno (6 a 7 anos). Meu pai fez uma mangueira (curral) grande e nós cerrava gado, meu pai fazia queijo e ele vendia em Miranda, nós ficávamos montando viveiro parte da manhã, parte da tarde nós apartava as leiteiras e nós ficávamos na mangueira; brincava com bezerro, laçava ema. Nós vivia brincando,***

às vezes nós laçava tamanduá, nós amarrava bastante latinha de massa de tomate no rabo dele, saia fazendo barulho, nós brincava só com bicho mesmo.”

Foi em Duque Estrada que uma das filhas, Almerinda, casou com um *purutuya*. E os dois meninos, já rapazinhos, Sabino e Ezídio, vão pela primeira vez para a escola : ***“meu pai pôs a gente para estudar em Duque Estrada, mas a gente não ia, a gente falava que ia mas a gente ia para o córrego tomar banho...”*** E nenhum dos oito filhos, a não ser os dois mais novos, Alberto e Mário, são alfabetizados, apesar de Sabino ter sido vereador pelo PMDB de Miranda.

Voltaram para aldeia em 1961. Uma volta conturbada, já que o chefe da aldeia na época, capitão Julio Siriaco, recusava permissão para Alexandre estabelecer novamente moradia na aldeia de Cachoeirinha , ***“ele alegava que por ter passado um tempo para fora ele não era mais índio, foi quando meu pai falou com o compadre dele que era Chefe de Posto na época, sr. Américo. O chefe de Posto teve que conversar muito com o cacique e mostrar todos os documentos do finado meu pai, que era analfabeto.....se não fosse o Chefe de Posto o cacique atual na época não estava aceitando ele Eu já não lembro muito bem dessa história, meu pai contava para mim: meu filho, foi difícil de nós voltar novamente para a nossa área...então meu filho não sai daqui, fica aqui, aqui você constroi a sua vida..”***(Alberto)

Alexandre nunca mais saiu da área indígena. Vivendo um pouco mais retirado no lugar chamado Cachoeirinha, criou gado, comprou terras fora da área indígena, em um lugar chamado Paratudal: **"quando o velho faleceu, vendemos as terras , meus irmãos se reuniu para vender essas terras, aí teve a herança, aí ficou até hoje a gente tem um gadinho e aí que a turma fica com inveja com o que a gente tem, sei que meu pai foi perseguido por causa de gado, então até hoje a turma tem coragem de falar que a gente não é índio, minha mãe é índia e meu pai filho de índia... meu pai não condeno que ele é brasileiro, não sei o que ele é, mas o pessoal de Albuquerque de Miranda, coitado, todo mundo xinga ele de índio, de bugre.... acho que é mais inveja né, ninguém pode ter nada aqui que a turma fica de olho em pé"** (Sabino).

"Nós sentia (a inveja do povo) desde pequeno, porque o finado meu pai desde quando novo teve o costume de trabalhar, trabalhar na lavoura e mexer com a criação de gado, sempre gostou , e com isso nunca apertou a vida dele, nunca trabalhou pra ninguém, sempre trabalhando para ele e foi levando a vida, não era farrista, sempre o que ele tinha ele segurava porque ele tinha esperança de deixar alguma coisa para os filhos no dia dele morrer, como de fato deixou algumas vaquinhas, um terreno para nós, e nós não soubemos levar e acabamos com tudo que ele deixou para nós." (Mario)

A forte lembrança da figura paterna marca todos os discursos dos cinco filhos entrevistados (Sabino, Mário, Alberto, Rafael e Hélio) e orienta suas ações: ***“Ele me aconselhava para não sair da reserva porque muita gente vinha pegando no pé do finado meu pai...aí naquele conselho de meu pai, fiquei com ele, não saí do poder do meu pai...eu não tenho queixa aqui da reserva, muitos amigos meus convidam para eu sair daqui da reserva para procurar uma vida melhor lá fora, eu disse para eles que não, aqui estava bom, que eu podia ficar...”*** (Alberto).

“...O nosso pai toda a vez foi um homem esforçado pela nossa área também, tinha aquela esperança, falava que um dia ia ser demarcado, lutava também mas não tinha poder, né?, ele falava, falava, mas ficava em nada, né? Toda vez tinha aquele esforço de boa vontade e dizer que a área ia crescer, mas até agora ...”(Rafael).

“...Meu pai trabalhava na roça. Um homem que trabalhava no capricho, não era estragado de lixo, essas coisas, aquelas coisas, era no capricho. Uma coisa também que ele sempre falava pra nós, que temos que saber, saber receber os outros e ele falava assim, que tinha que ter moral (Rafael).

De Cecília, mulher de Alexandre, quase não há referência por parte dos filhos, a não ser a do Sabino, quando interrogado diretamente sobre ela: ***“meu pai falava ela acompanhava, nunca retrucou meu pai, né, meu pai onde ia, chegava, era uma coisa só. Até hoje eu falo para a***

Genésia (sua mulher) como tem de ser a vida, minha mãe não deu trabalho para o meu pai não” e a do seu Hélio , quando se refere aos conselhos que ela lhe deu para não abandonar a área indígena.

Depois do falecimento de Alexandre, Cecília veio viver sozinha em uma casa na aldeia, onde veio a falecer muitos anos depois.

2. A história dos filhos.

Sabino, um dos filhos de Alexandre Albuquerque, com uma significativa expressão política em Cachoeirinha, tendo sido eleito vereador pelo PMDB, aponta em sua fala a satisfação pelo aumento do número de Albuquerques na aldeia:

“... Mas agora está aumentando Albuquerque, tem bastante homem, outro dia nós fizemos a conta...acho que somos umas 50 pessoas de família Albuquerque..., eu pedi a Deus mesmo, pro fundo eu sentia mesmo o que a turma fazia com o meu pai, um dia eu falei para o Hélio (seu irmão), de tanto que o pessoal não queria meu pai, eu vou fazer força para representar essa gente e graças a Deus consegui”.

“Então é isso aí, é minha luta sempre adquirir as coisas pra deixar meu nome, pra não apagar pros meus netos, essa é que é minha preocupação né, deixar a família Albuquerque desprotegida né, quero que o meu filho seja considerado, por isso que eu luto pra

adquirir alguma coisa, por causa do começo da vida do meu pai aqui, disso eu tenho sentimento e graças a Deus, eu tenho correspondido, e eu acho que daqui pra frente vai ser respeitado meu nome ..a gente tá lutando pra adquirir mais terra pra comunidade, essa é a minha luta".

A descendência entre os Terena é patrilinear; os "*Albuquerque*" são contados apenas entre os homens cujos filhos serão também *Albuquerque*. O *Albuquerque* das filhas serve apenas como referência da sua família de origem.

Em todos os depoimentos gravados e em todas as conversas mantidas os filhos fizeram questão de manifestar sua mágoa pela marginalidade de seu pai, Alexandre Albuquerque, na comunidade terena. Na verdade, seu pai, por ser filho de branco, não poderia ser enquadrado em nenhuma das camadas sociais, já que a descendência, como vimos é patrilinear. E, conseqüentemente, seus filhos também não.

Mas, paradoxalmente, todos, com exceção do Ezídio, procuram reforçar sua identidade terena lutando para fazer o nome Albuquerque, nos padrões atuais de pertencimento de um grupo, como dos *Xuna Xati*, de onde saiam os "chefes de guerra". Daí o empenho de Sabino em ser eleito como chefe e lutar para conseguir um grande feito para a comunidade: a ampliação do território indígena.

A patrilinearidade na transmissão dos sobrenomes é amenizada pela tendência a uma residência com "caraterísticas matrilocais", ou seja o homem

tenderia a residir junto à família de sua mulher. Definir a atualização, nos dias de hoje, desta regra exigiria um levantamento à parte, que foge dos propósitos desta tese. O importante é marcar esta força centrípeta dificultando a dispersão das mulheres. Entretanto as mulheres Terena, via de regra, sempre seguirão seus maridos quando de casamentos realizados entre aldeias, ou quando de mudanças. Vejamos:

-Cecília, mulher do velho Albuquerque, acompanhou-o em sua andança fora da área indígena, na fazenda Betione;

-Genésia Pinto, mulher do Sabino, nasceu na aldeia Ipegue, mas veio morar em Cachoeirinha;

-Dominga, mulher do Rafael; Idalina Polidoro, mulher do Hélio; Maria Darci Toríbio, mulher do Mário e Maria Aparecida, mulher do Mané, nasceram na aldeia de Cachoeirinha e vivem aí com seus maridos;

-Eulógia, mulher do Ezídio , não é Terena, tendo nascido perto de Aquidauana e morando com o marido na área indígena.

Portanto, todos os filhos homens do velho Albuquerque vivem na reserva de Cachoeirinha com suas mulheres. As duas filhas, Almerinda e Marina, casadas com *purutuya*, vivem desde o casamento fora da área indígena. Almerinda durante muitos anos morou na cidade de Miranda. Atualmente as duas moram em Campo Grande, acompanhando seus maridos. Dificilmente visitam a aldeia e seus filhos e netos praticamente não têm relações de proximidade com os filhos de seus irmãos. Entretanto pude

verificar que foi para a casa da irmã, Marina, que Sabino mandou suas duas filhas adolescentes quando quis que elas estudassem em Campo Grande. Depois de alguns meses, trouxe de volta a mais nova, na época com 15 anos, alegando que a tia deixava a menina "muito solta".

Rafael Albuquerque.

Seu Rafael é o filho mais velho de Alexandre: "***eu tô com 69 anos e eu nasci em 1930***". Tem o apelido de "alemão", por ser de pele muito clara. Pastor evangélico, vive com sua mulher, filhos e netos, retirado 1Km do núcleo central da aldeia de Cachoeirinha, mas ainda dentro da área indígena. Aposentado, exímio agricultor, continua contribuindo para o sustento da casa com o produto da lavoura.

Casado com d.Dominga Américo (Terena), teve sete filhos: quatro mulheres (Enedir, Wanda, Edmar e Edenilza) e três homens (Pedro, Rafael e Nivaldo), têm atualmente onze netos.

Dos quinze aos vinte e cinco anos permaneceu praticamente fora da área indígena, trabalhando nas fazendas... **"eu comecei a sair fora com 14 anos de idade e parei de novo na Cachoeirinha, na aldeia aqui, com 25 anos"**... Lembra o passado sempre como uma época repleta de dificuldades. Não acompanhou o pai quando este foi para a Remonta, fora da área indígena, porque já estava se sustentando sozinho, trabalhando nas fazendas da região:

" Nessa época era costume, toda a rapaziada saía , daquele antigos cada um se virava, cada um tinha que se dar conta.. agora do meu tempo era difícil, eu tinha que me levar, paga passagem, tudinho...agora é não, agora é tudo conduzido.Agora está mais fácil prá eles. Sai daqui de ônibus. Naquele tempo não era assim, era mais união da rapaziada, agora não tem mais preocupação, tá mais bem encaminhado, quando vai trabalhar vai de ônibus, já sabe onde vai, no meu tempo não era assim, eu chegava na cidade tinha que pagar meu pouso no hotel, para outro dia buscar serviço ... agora quando já sai, já sai tudo com a vida boa, não sabe quanto é difícil a qualidade do homem.."

Conta que aprendeu mesmo o português quando saiu para trabalhar fora. Praticamente não frequentou a escola. Tem orgulho de seu passado e das relações sempre amistosas com os *purutuya*.

"Eu parei de uma vez aqui, até hoje, e nunca mais saí pra fora porque aprendi, mas aprendi lá fora, sobreviver, tratar os outros é isso aí, não tem como se arrepende por ter saído pra fora, tem que andar pra poder sair, pra aprender as coisas"...

Sua mulher é filha de uma antiga liderança de Cachoeirinha, seu Samuel Américo. Observando a genealogia, podemos verificar que grande parte da descendência dos seis filhos de Seu Samuel, sogro do seu Rafael, não reside mais em Cachoeirinha. Somente os filhos de Joana permanecem na aldeia. Pedro casou com uma Terena de Limão Verde e reside nesta aldeia, onde tem um emprego. Lídia reside em Cachoeirinha com seu marido e apenas uma de suas filhas. As outras duas residem em Campo Grande, tendo se casado com *purutuya* e os dois filhos, mesmo casados com mulheres Terena de Cachoeirinha, também residem em Campo Grande. Da descendência de Maria e Teodora, já falecidas, dois homens, um casado e outro solteiro moram em Cachoeirinha, e uma mulher casada com um terena de Bananal reside nesta aldeia. O restante, três homens e duas mulheres, todos casados, residem em Campo Grande.

Este quadro exemplifica uma dispersão muito maior do que aquela da família Albuquerque, mas reitera a tendência apontada de que é através do

casamento das mulheres Terena com os de fora, que as alianças com a sociedade nacional se efetiva, permitindo a possibilidade real de expansão geográfica através das relações estabelecidas entre os cunhados (o marido da irmã e o irmão da mulher). Os homens Terena, que os dados da genealogia referendam, dificilmente se casam com *purutuya* e quando vão morar na cidade , perto de seus cunhados, levam suas mulheres Terena consigo.

Dos sete filhos de seu Rafael e dona Dominga, somente o caçula, Nivaldo, é solteiro e estava terminando a 8ª série na cidade de Miranda. Dois de seus filhos moram em Campo Grande:

Pedro, casado com uma Terena de Cachoeirinha, Clemência, com quem tem quatro filhos, foi residir em Campo Grande depois de casado.

Edmara foi para Campo Grande trabalhar como doméstica e "casou por lá" com um *purutuya*, Romeu, com quem tem dois filhos.

O grupo doméstico de seu Rafael é um grupo isolado, tendo o restante dos filhos morando em seu entorno, optando por viverem mais afastados do centro da aldeia. Por serem crentes, não participam de muitos dos eventos sociais da aldeia.

Seu Rafael fala um português fluente, mas é extremamente reservado, demorou muito para que ele concordasse em gravar uma conversa comigo. Com exceção dos netos que residem em Campo Grande, o restante de sua descendência fala português (aprendido no tempo certo) e terena.

Seu Rafael não tem atualmente muito bom relacionamento com os demais irmãos, a não ser com os dois mais novos, Mário e Mané (Alberto)

Hélio Albuquerque

Seu Hélio tem hoje aproximadamente 65 anos de idade. É casado com Idalina Polidoro (Terena), uma reconhecida ceramista. Reside em uma casa ao lado dos sogros, Alberto Polidoro e Júlia Mendes, ainda vivos. O casal tem oito filhos: Élcio, Laercio, M. Djanira, Luzia, Enilson, Elanda, Enivaldo e Ivana . Destes, seis são casados e têm um total de quinze netos.

Segundo filho de Alexandre, já era rapaz e não acompanhou o pai quando ele saiu para a Remonta porque estava trabalhando fora. Seu Hélio narra as suas andanças, em sua juventude, em busca de trabalho e os empregos como diarista nas fazendas, tendo trabalhado em Miranda, Campo Grande e até mesmo em São Paulo.

" No meu tempo, quando eu era moço, andava trabalhando pra lá, fora de casa, era mais difícil porque naquele tempo você que procurava patrão, não era patrão que vinha buscar você dentro da casa do seu pai, né?"

Nesta fala seu Hélio faz uma referência explícita ao fato de que o caminhão das fazendas vem buscar os rapazes e homens dentro da aldeia para o trabalho nas fazendas, principalmente de cana, fazendo contratos fechados, que variam de 2 a 4 meses, quando então são trazidos de volta.

"... E nós saía aqui, pegava o trem e desembarcava em outra estação atrás do patrão.....você batia a cabeça, você pousava no hotel, noutro dia você batia o pé e se não encontrava você era obrigado a andar mais um dia ainda com a mala na mão, quando você não tinha dinheiro você pousava no mato, eu cansei de pousar no mato porque faltava dinheiro e tinha que fazer economia para não terminar aquele dinheiro, você não sabe se vai voltar para casa ou achar patrão por aí. Agora hoje em dia essa rapaziada....abusa muito é porque nunca sofreu, não sabe o que é a vida, de primeiro é que era difícil..."

Durante sua juventude, sai assim para trabalhar nas fazendas da região. A principal dificuldade para permanecer fora da área indígena foi a falta de documentos, o que o levou a se alistar: ***" aí esses brancos começou a me apertar pelo documento, eu não tinha documento, aí o que que eu fiz...foi me alistar, não durou muito tempo eu fui para o quartel , do quartel queria ir direto para Bauru, aí não deu. Mamãe me deu muito conselho, aí eu fiquei até hoje aqui em Cachoeirinha, minha vida é isto aí, fiquei com a minha velha (dona Idalina)...1960, até hoje graças a Deus eu estou com a minha velha. Agora eu estou velho, acho que eu tenho esperança de não sair mais daqui, vou sair de Cachoeirinha só depois de morto "***

Reforça a idéia de que aprendeu a dominar o português, como o trato, sempre apontado como amistoso com o *purutuya*, porque saiu por longo tempo para fora da aldeia. Fala terena e português com fluência.

Casou-se , como nos conta, em 1960, com D. Idalina Polidoro , uma mulher que nunca trabalhou para fora como doméstica e tem pouca desenvoltura junto aos *purutuya*, mas como um grande número de mulheres Terena sai para "fazer a feira" (sair da aldeia por alguns dias para vender cerâmica ou produtos agrícolas em Corumbá ou Campo Grande) .

Dos oito filhos somente a filha mais velha, Maria Djanira, vive em Campo Grande, tendo saído da aldeia "mocinha" para trabalhar como empregada doméstica. Em Campo Grande casou-se com um Terena da aldeia Bananal, Reginaldo, tendo este casal três filhos. Segundo a avó Idalina, as crianças não falam, mas entendem o "idioma"¹⁵

Elanda, a outra filha, também saiu para trabalhar como doméstica em Campo Grande; tendo engravidado de um *purutuya*, voltou para a aldeia. O filho desta relação, Rodrigo, foi adotado como filho por seu Hélio, seu avô

¹⁵ Idioma é o termo utilizado pelos Terena para fazer referência à própria língua terena.

materno, herdando assim o nome de Albuquerque. Atualmente Elanda é casada com um Terena da aldeia de Morrinho(pertencente à área indígena de Cachoeirinha) tendo um filho com ele e residindo naquela aldeia.

A filha mais nova, Ivana, com quinze anos (nasceu em 1984) ainda solteira, também quer sair para a cidade. Seus pais relutam em consentir, temendo que lhe aconteça o mesmo que com a irmã . A justificativa para ir para Campo Grande é trabalhar para poder comprar roupa .Visita com frequência a irmã mais velha , Maria Djanira, que reside em Campo Grande.

Luzia não saiu para a cidade, casou-se com um Terena de Cachoeirinha, Lourenço, de uma família muito tradicional, os Muchacho, residindo perto da casa da sogra.

Dos filhos homens, o mais velho, Élcio, nascido em 1962, nunca residiu fora da aldeia. Quando jovem, trabalhou na changa, mas por pouco tempo. Casado com Sílvia, tem quatro filhas mulheres e um filho homem. Vive junto à casa do sogro. Não chegou a completar a 8ª série, mas "é estudado", como dizem os Terena. Desde 1986, com algumas interrupções, é um dos articuladores do Centro de Trabalho Indigenista (organização não governamental) na área, tendo a partir de 1993 se responsabilizado pela bibliovideoteca da AITECA (Associação Indígena Terena de Cachoeirinha), sendo também seu secretário, recebendo um salário mínimo pelo trabalho.

Laercio, o segundo filho homem, separou-se de sua primeira mulher, tendo deixado suas duas filhas com a mãe. Laércio casou-se novamente com

Valdelina, tendo com ela um casal de filhos. Reside na aldeia perto do sogro. Bota roça e faz changa para sustentar a família.

Enilson, nasceu em 1970, casado com Elenilda, tem também um casal de filhos e mora com o pai, seu Hélio. Ele fez até a 4ª série e trabalhou na changa várias vezes. Segundo ele, ficou "três anos" trabalhando na Fazenda Bodoquena e a última vez que saiu foi para a Fazenda Desbrava, plantar cana, por "seis meses".

Enivaldo, o Vado, o filho mais novo, foi entrevistado por nós " **... meu nome é Enivaldo Albuquerque, tenho 23 anos, eu moro aqui na aldeia Cachoeirinha...**". Solteiro, já saiu duas vezes para trabalhar na changa. Segundo ele, achou bom, não sentiu saudades da aldeia, e tem vontade de sair para a cidade: " **falta trabalho aqui, aqui não tem trabalho não. É por isso que eu quero sair para lá, para trabalhar. Cair fora. Ninguém me impede**". E quando interrogado porque não ia, responde: " **Não tenho estudo, só até a 7ª. série**".

Enivaldo mora com os pais. A sua situação é semelhante a de muitos jovens, cujo período de "juventude" vem aumentando em termos de tempo. Difícil casar sem ter como sustentar uma família. O "pouco estudo" serve como entrave, real ou simbólico, para sair de vez para fora da aldeia e arranjar um emprego na cidade. A pouca disponibilidade de terra na reserva, que dificulta o seu acesso aos jovens, aliada à ideologia propagada de que o estudo redimiria estes jovens do trabalho de seus pais - o trabalho duro da lavoura -

afastou-os deste afazer, criando uma situação de indefinição de futuro que vem gerando um clima de tensão e violência na aldeia.

Todos os descendentes de seu Hélio falam terena , com exceção dos três netos residentes em Campo Grande. O português falado nessa família é peculiar, com um sotaque muito forte, característico, influenciado pela "entonação" da língua terena, mas tanto os filhos como as filhas são capazes de se expressar com clareza e prontidão no português. O português do seu Hélio é muito fluente, sendo ele um exímio contador de casos.

Somente a dona Idalina, mulher de seu Hélio, fala um português muito precário. Mora perto de sua mãe e irmãs, com quem divide quintais, palco de reuniões destas mulheres para a fabricação da cerâmica. A casa está sempre com movimento. Uma família terena tradicional, nos tempos atuais.

Sabino Albuquerque

Sabino é o terceiro filho de Alexandre e na casa de quem me hospedo sempre que vou a Cachoeirinha. Expressiva liderança, é, atualmente, pela terceira vez, capitão da aldeia de Cachoeirinha. Fundador da Aiteca em 1984(Associação Indígena Terena de Cachoeirinha), foi seu presidente durante quatro gestões. Foi por três vezes candidato a vereador, pelo PT e PMDB, tendo sido eleito pelo PMDB em 1993/1996 .

" toda eleição sou bem correspondido, não tenho queixa, por exemplo, eu já concorri 4 eleições aqui dentro e tudo fui vitorioso,

acho que as pessoas se dá bem comigo porque nunca perdi eleição...então eu acho que a comunidade corresponde comigo, eu já to com 3 mandatos aí de capitão, fui eleito 3 vezes, vereador foi uma vez, da Associação não digo que fui eleito...fui fundador...".

Sabino nasceu na aldeia, tendo acompanhado a família quando se mudaram para a Remonta (fazenda Betione) em 1954; na época ele tinha ***"não sei não, uns 6 ou 7 anos, não lembro, eu lembro male e male que nós fomos de carro de boi para Miranda , aí seguimos viagem"***. Permaneceu na fazenda , afastado do convívio de outros Terena : ***"de criança era eu, Ezídio, duas irmãs minhas, Mário, Mané... não lembro direito, aí ficamos lá"***.

"..quem mais brincava era eu e o Ezídio, montado, separado, às vezes nós pegava 20, 30 bezerros, metade ele, metade eu, repassava tudo aqueles bezerros, pra nós ir embora, tomava banho e ia embora para casa"

Quando termina o contrato de seu pai com a fazenda , a família retorna para Duque Estrada, na época um pequeno vilarejo, até que consegue autorização para a voltar a residir na aldeia: ***" um patrimônio, uma cidadezinha que tinha antiga pedreira, a gente chamava de Jataó, então tinha muita gente, moramos lá. Meu pai comprou um lote, ficamos lá, aí logo minha irmã casou em Duque Estrada"***

Nessa época, Sabino fica residindo junto com sua irmã, Almerinda, que se casa com um *purutya* , ***" para fazer companhia porque era só ela e o***

marido, quando era 11 horas eu levava almoço para ele (que devia estar trabalhando na roça ou pedreira), aí ficava, por isso que acho que ele se dá bem comigo"

Sabino retorna para a aldeia antes que seus pais consigam a autorização,

"o Chefe de Posto, que era padrinho meu, pediu pra que viesse morar com ele também, aí passei pra cá pra Cachoeirinha, primeiro que ele (o pai), fiquei morando no Posto muito tempo, aí eles depois chegaram, mas eu já estava aqui morando no Posto, eu cuidava de vaca, de cavalo"

Quando o Chefe de Posto da Funai foi transferido para outro Estado, Sabino volta a residir com seus pais. Aos quinze anos começa a "sair para fora" :

"...aí começamos a trabalhar essa tal de usina, aí fui cortar cana, aí foi indo, aí depois fui para ...perto de Corumbá... numa fábrica de farinha, fiquei lá trabalhando, não lembro quantos anos ficamos na fazenda... aí vim embora."

"...fui pra Miranda trabalhar lá, trabalhei na oficina, trabalhei de encanador, um pouco de eletricista, aí comecei a montar bomba de água, aquela tocada a vento, daí logo tomei conta de trator, da manutenção no moinho, tocado a vento, nós ia pro campo, pro retiro (de gado) e só voltava no final de semana "

" ...trabalhei bastante na fazenda de Miranda, aí um dia, uns 5 meses, vou embora, já enjoiei de trabalhar, tinha muito mosquito, aí vim embora. Aí trabalhei com o governador, Dr. Pedro (Pedrossian), aí fiquei muito tempo, aí que em 70 casei."

Sabino casou-se com Genésia Pinto, filha de um Terena funcionário do posto da Funai, que havia sido transferido da aldeia Ipegue. O casal tem seis filhos: Genilda, Genimara, Salmir, Geni, Saulo e Samir("Branco"), e cinco netos. Todos os filhos falam terena e o português próprio da idade. Genésia se expressa com muita fluência e clareza no português, mas conversa sempre em terena com os filhos.

Sabino mandou as duas filhas estudarem em Campo Grande quando elas estavam cursando o ginásio . Ficaram morando na casa da tia, Marina, irmã de Sabino. Sabino acabou trazendo as duas de volta para a aldeia, descontente com a liberdade que usufruíam em Campo Grande. Genilda , a mais velha, retorna para Campo Grande escondida do pai. As relações são reatadas depois de algum tempo. Atualmente Genilda está casada com um *purutuya*, policial, tem um filho e mora em Campo Grande. Ela e seu marido visitam com regularidade a casa do pai, permanecendo em Cachoeirinha finais de semana inteiros.

Genimara, depois de um tumultuado namoro, acabou casando-se, já grávida, com um jovem terena de Cachoeirinha. Mora perto da casa da sogra, na aldeia mesmo, e tem já dois filhos pequenos. Passa o dia na casa da mãe. Genimara é uma moça independente e consciente das diferenças da vida na cidade. ***"É difícil estudar lá. Pegar ônibus todo dia às 6:00 vem cheio, lotado pra quem estuda e trabalha é mais puxado(na cidade)"***.

Salmir é solteiro, tem vinte anos, estuda na cidade de Miranda e trabalha como motorista da prefeitura , no ônibus que faz a linha para os alunos que estudam em Miranda. Ajuda o pai na manutenção do caminhão e dos carros da família. Nunca trabalhou na changa, numa situação privilegiada em relação aos demais jovens da aldeia. Indagado se gostaria de trabalhar fora e o porquê Salmir responde : ***"Tenho vontade de trabalhar fora, quero fazer minha vida, construir minha vida... Eu volto (para morar na aldeia)..."***

Saulo é dois anos mais novo que Salmir; com dezoito anos estava cursando a 6ª série no ginásio de Miranda. Já foi uma vez para a changa . Segundo ele, "**tenho vontade de ficar aqui não**" e indagado do que o segurava na aldeia, responde: "**minha mãe**"; e afirma que apesar de ter uma namorada na aldeia, que ficando mais velho sai pra fora e não volta. Alega que a vida hoje é mais difícil para o jovem: "**não tem emprego... pra sustentar a família**".

Esta conversa foi gravada em 1999.No ano 2000, ele já havia trazido para casa a sua namorada, agora mulher, que estava grávida. Saulo ajuda o pai campeando o gado, é, já, um jovem vaqueiro.

Geni estuda em Miranda, onde cursa o Ginásio. Passa o máximo de tempo possível na casa da irmã mais velha, em Campo Grande; por ela já estaria em Campo Grande.

Samir, o "Branco",seu apelido devido ao cabelo castanho e pele muito clara, tinha 12 anos e estava cursando a 4ª série na escola da aldeia em 1999.

Sabino Albuquerque é, hoje, um homem rico para os padrões terena. Durante anos morou em uma pequena casa, de dois cômodos, de adobe, em que mal cabiam seus filhos. Em 1996 acabou a construção de sua atual casa , uma imensa casa avarandada (três suites) no final da rua principal, símbolo de seu "*status*".

Sua principal fonte de renda vem da linha diária que faz com o seu caminhão no trajeto Cachoeirinha /Miranda/Cachoeirinha. Depois que casou,

Sabino conta como "enricou" : ***"aí comecei a trabalhar, comecei a comprar caminhão, puxar gente, daí vendi caminhão, tive mais de uns quinze caminhão, caminhontete, jipe, rural, tudo eu tive. Então fui marretando, comprava gado, vendia gado, comprava caminhão, vendia caminhão, foi indo. Aí comecei a fazer a linha. Naquele tempo eu lembro que eu ganhei dinheiro... Eu cheguei a ter dois ou três caminhão pra mim, aí fui vendendo e tou até hoje na linha aqui. A linha sempre me deu(dinheiro) , eu podia contar com aquele dinheiro no mês, na semana, e foi, poupando, vaca, cavalo, nunca pus dinheiro fora, sempre comprando e trazendo para cá, e foi indo, também não cheguei e fiz casa boa, morei na casa de barrote, de sapé, e foi indo comprando gado fiado pra pagar a prazo ...aí ficou até hoje... a gente tem um gadinho..."***

" Eu acho que eu puxei o lado do meu pai, sempre tenho vontade de criar, como sempre falei pra Genésia, eu não quero depois de eu ficar velho, eu não quero ficar sofrendo, trabalhando, daí eu quero sentar, viver minha vida, por isso eu faço tudo pra adquirir as coisas, né, então minha vida é isso aí."

"Então é isso aí, é minha luta sempre adquirir as coisas pra deixar meu nome, pra não apagar pros meus netos, essa é que é minha preocupação né, deixar a família Albuquerque desprotegida, né, quero que o meu filho seja considerado, por isso que eu luto pra adquirir alguma coisa, por causa do começo da vida do meu pai aqui,

disso eu tenho sentimento e graças a Deus, eu tenho correspondido, e eu acho que daqui pra frente vai ser respeitado meu nome ..a gente tá lutando pra adquirir mais terra pra comunidade, essa é a minha luta".

Ezídio Albuquerque

Ezídio é o quarto filho de Alexandre. Não gravamos uma entrevista com Ezídio, mas durante anos visitei sua casa, conheço muito bem sua mulher e seus filhos¹⁶

Ezídio foi o companheiro de infância de Sabino, hoje seu maior desafeto político. Foram crianças para a Remonta, junto com o pai, e na ausência de outras crianças eram juntos que brincavam.

Quando vieram para Duque Estrada, como seus irmãos Sabino e Mário, também ficou no vilarejo, junto com um padrinho, para estudar. Mas se depois os dois voltaram para Cachoeirinha, Ezídio continuou muito mais tempo fora.

Ezídio trabalhou muito, como muitos dos rapazes de então, nas fazendas da região, mas aprendeu a dirigir, a mexer com mecânica, "aprendeu

¹⁶ Ezídio era capitão da aldeia em 1995, quando realizamos a pesquisa macro- sociolinguística... Negou-se na época a permitir a nossa entrada na área porque não tínhamos autorização da FUNAI. Acabamos recebendo a autorização, mas esta demonstração de força marcou o rompimento de nossas relações. Afinal, desde 1987 venho freqüentando a aldeia, sem nunca ter precisado de autorização da FUNAI. Foge ao propósito desta tese analisar o contexto político de Cachoeirinha, marcado por um extremo facionalismo, para justificar a atitude de Ezídio. Mas depois de finda a aplicação dos questionários pela equipe de pesquisadores, não retornei a Cachoeirinha nos dois anos seguintes, enquanto ele foi capitão da aldeia.

um serviço", não ficou só no trabalho de enxada, como seus irmãos mais velhos, Rafael e Hélio.

Não sei como se deu sua volta para a área indígena, já que se casou com uma *purutuya*, Eulógia, e foi residir no limite da área, "apartado" da aldeia. A primeira vez que visitei sua casa levei um susto: era um pequeno sítio, muito acima dos padrões de residência e "conforto" do restante da população terena de Cachoeirinha. Um grande portão virado para a estrada que faz limite com a área permitia seu acesso independente. Publicamente ele morava em uma propriedade particular e não em uma área indígena. Politicamente, era o capitão da aldeia de Morrinhos, localidade da área indígena onde está situada a sua residência e onde sua mulher lecionou por anos. Nos anos 90, se tornou presidente da Associação Indígena Terena de Cachoeirinha/AITECA e, posteriormente, capitão da aldeia de Cachoeirinha.

Eulógia é professora e continua lecionando até hoje. Natural do município de Aquidauana, é a única professora *purutuya* que leciona na área de Cachoeirinha. Teve com Ezídio cinco filhos, dois homens e três mulheres, que foram criados, principalmente as mulheres, completamente afastados da aldeia e do convívio com os demais parentes. Somente o filho caçula, que por seu pai ter sido presidente da AITECA e depois capitão da aldeia de Cachoeirinha, enquanto ele era ainda criança, passou a freqüentar um pouco mais a aldeia. Todos diziam que ele estava começando a "*entender o idioma*". Em sua casa somente se fala o português.

A filha mais velha, Solange, casou-se com um purutuia e mora em Campo Grande com dois filhos. A segunda filha, Mara, também casou-se com um purutuia e mora na cidade de Aquidauana com os dois filhos. A terceira filha, Elisangela, foi estudar e trabalhar em Campo Grande e voltou grávida; tem uma menina e mora com os pais.

O filho mais velho, Clodoaldo, casou-se com uma Terena de uma família tradicional da aldeia de Argola, com quem teve dois filhos, tendo ficado morando na casa do pai. Na minha última estadia na aldeia, estavam se separando e o processo de negociação em relação à guarda dos filhos estava tenso. A proposta de Ezídio é que eles ficassem com o menino e deixassem a menina com a mãe. Provavelmente deve ter sido este o desfecho do caso.

A história de Ezídio inverte na geração abaixo o par inicial dado por seu pai . Seu pai, filho de "branco", reforça a sua identidade terena casando-se com uma terena. Ezídio, neto de "branco", reforça sua identidade de branco casando-se com uma "branca". Clodoaldo, bisneto de "branco" e filho de "branca", casa-se com uma Terena, garantindo aos seus filhos a identidade terena.

Mas tanto Alexandre como Ezídio reforçam aos filhos homens a necessidade de permanecerem na aldeia, apesar de Ezídio atualizar esta mensagem em seu discurso, abrindo um horizonte de futuro fora da reserva.

Alexandre, como Ezídio, e os demais homens terena, não fazem questão da permanência das filhas na aldeia. E, exemplarmente, as duas filhas de Alexandre (Almerinda e Marina), como as três filhas de Ezídio (Solange, Mara e Elisângela), saem da área para se casar com *purutuya*. A situação dos filhos homens é diferente. Todos os filhos de Alexandre permaneceram na reserva. E o filho adulto de Ezídio, Clodoaldo, também permanece junto a seu pai, e, sintomaticamente reforça a sua identidade indígena casando-se com uma mulher terena, invertendo o par inicial de seu pai, que casou-se com uma branca.

Mário é o penúltimo filho de Alexandre de Albuquerque, tendo nascido em 1951. Ainda era muito pequeno quando saiu da aldeia, junto com a família, para a Remonta. Quando a família saiu de Duque Estrada para retornar para a área indígena , Mário ficou no patrimônio (vilarejo) residindo com o seu padrinho de crisma: **" eu fiquei lá na casa do meu padrinho, ele pediu para o meu pai se eu ficasse lá com ele estudando, aí eu fiquei lá e comecei a estudar... aí lá eu comecei a aprender a falar mais ou menos português, ...daí vim embora pra cá e quando completei 15 anos larguei do estudo e fui trabalhar pra fora..."**

Como todos os irmãos, durante a sua juventude saiu para trabalhar fora, mas casou-se mais cedo, aos 19 anos. Depois, ficou alternando o trabalho na changa com o trabalho na roça: **"trabalhei sozinho, trabalhei sozinho pros brancos, daí voltei outra vez, daí comecei a trabalhar no canavial, até agora mexo um pouquinho com lavoura e vou para o canavial de novo, assim vou levando a vida"**

Como os irmãos, tem um domínio fluente do português, do qual tem orgulho: **"falo igual eles (purutuia) mesmo, não tenho vergonha porque acostumei a trabalhar pra fora, mexer com os patrões, então a gente não se amarra pra falar"**

" tem muita gente que pensa que eu não falo o idioma. Muitos brancos que gostam de conversar no meio dos índios, porque eu não falo o idioma perto do branco, falo mais português, por isso eles gostam de falar comigo e tem muita gente que fala que eu sou

diferente dos outros, que é difícil eu falar em língua, mas não é que eu não sei, eu falo bem (o idioma)"...

Casado com uma mulher terena , dona Maria Darci Toríbio, tem quatro filhos e nenhum neto. Seus filhos, Marilson, Magno, Lívia e Marivane, moram todos na aldeia, sendo que Magno e Lívia estudam em Miranda.

Marilson é o único casado; sua mulher é uma terena de Cachoeirinha mesmo, Nelceline Canale, e estava grávida durante a minha última ida a campo. Marilson reside com sua mulher na casa de seu pai. Todas as vezes em que visitei sua casa, mesmo durante o dia, foi Marilson quem me abriu a porta, estando sentado sozinho na sala, assistindo à televisão : ***"É, tô parado, procurando ...se não der jeito de arrumar serviço... vou pra changa, já, já fui pra changa umas duas vezes...parei com o estudo porque casei...mas tô pensando em voltar"*** . Por causa do casamento, havia largado o estudo, mas não estava encontrando trabalho. Estava pensando em voltar a estudar. Segundo Marilson, não sabia lidar com a lavoura; assim,

ajudava pouco seu pai, que é um "lavorista" (que tira seu sustento no trabalho da lavoura). Estava em casa esperando a época da changa.

Moram todos em uma casa de alvenaria, espaçosa, no centro da aldeia. Todos os filhos falam terena e falam o português de acordo com a idade. Na expressão de seu Mário, **" eles falam mais no idioma..., igual como era antes (no meu tempo),...com tudo que eles estuda, o colégio ajuda né?, mas eles são meio amarrado de falar português".**

Alberto Albuquerque (Mané)

Mané é o mais novo dos filhos de Alexandre, tendo nascido no ano em que a família Albuquerque chegou na Remonta, em 1954. Como ficaram sete anos nesta fazenda e mais um ano em Duque Estrada, Mané acabou por conhecer a aldeia com oito ou nove anos aproximadamente. Pelos relatos, Mané foi o único que voltou imediatamente com os pais para Cachoeirinha, já que os outros três irmãos, Sabino, Mário e Ezídio, ficaram um tempo em Duque Estrada, estudando. Mas, na verdade, somente Mané sabe ler e escrever em português.

" Estudei só até a 4ª série, não saía do poder do meu pai e na época que estudo era muito fraco, não tinha recurso para estudar em Miranda, era difícil transporte, condução para Miranda difícil, somente a cavalo e carreta de boi. Aí fui crescendo, ajudando meu pai na lavoura, cuidando da criação do meu pai, nós mudamos daqui

da sede para a divisa lá da Cachoeirinha com Agaxi. Moramos lá mais oito anos, só nós. Aí eu falei pro meu pai que eu ia sair um pouco pra fora, pra aprender uma profissão..."

Acompanhado do irmão Ezídio, que trabalhava como tratorista e motorista, aprendeu a dirigir trator de esteira. Trabalhou dois anos na cidade de Bodoquena, abrindo, com trator, um cafezal. Foi para Cuiabá, onde ficou quase dois anos. Mas sempre voltando para Cachoeirinha.

Casou em 1976, aos 22 anos, com uma mulher terena Maria Aparecida com quem teve cinco filhos, um deles morreu aos nove anos, afogado no açude da aldeia. O mais novo recebeu o nome do avô paterno, Alexandre Vojõngue. Os quatro filhos, Ana Cecília, Patrícia, Alexandre e Alexandra moram em sua casa. Mesmo Alexandra, que é casada e já tem dois filhos pequenos.

Mané é um dos fundadores da AITECA, e, em 1999, exercia o cargo de presidente da entidade. Trabalhou como tratorista da AITECA, depois como motorista do caminhão da aldeia, que leva diariamente os Terena para a

cidade de Miranda. "Fraco de saúde", não trabalha na roça, provendo sempre o sustento de sua casa como prestador de serviço.

Maria Aparecida, mulher de Mané, é uma ceramista e uma feirante. Constantemente, sai para fazer a feira em Campo Grande, onde tem muitos parentes. Tem um domínio exemplar do português e das relações com os brancos. Conversadeira, foi uma grande informante. Foi a única que se prestou a me dar os nomes Terena de seus familiares e sabia com prontidão me informar a que metade cerimoniais, se Sukiriano ou Xumonó, pertenciam várias pessoas da aldeia. Apesar de ser uma "Naati", casou-se com Mané, que na verdade, não seria nem "Waherê"¹⁷, já que, a descendência sendo patrilinear e seu pai sendo filho de branco, não pertenceria a nenhuma camada.

A história da família de Aparecida é elucidativa. Pela análise da genealogia podemos ver que somente ela e sua irmã ,Feliciana (irmã, mongetxá, pela terminologia de parentesco terena, genealógicamente é sua prima paralela matrilateral) permaneceram em Cachoeirinha.

A avó materna de Aparecida, Lídia, levou o filho mais velho para se tratar em Campo Grande e nunca mais voltou. Suas filhas, Letícia, Elza e Lurdes foram acabar de se criar nas mãos da avó materna em Cachoeirinha mesmo.(bisavó de Aparecida).

¹⁷ Naati e Wahêre são as camadas da estrutura social terena. Da camada dos Naati saíam os chefes e os Waherê eram os homens comuns ou o povo. O matrimônio não era permitido, salvo algumas exceções, entre estas camadas.

Antonio Pedro, avô paterno de Aparecida, matou um homem em Cachoeirinha e foi transferido, como punição, para o Posto de Icatu em São Paulo, área Kaingang onde moram muitos Terena. Levou a família e os filhos ainda pequenos.

Simão Pedro, pai de Aparecida, acabou indo residir junto com o pai em Icatu. Simão Pedro era casado com duas irmãs, Letícia e Elza (mãe de Aparecida). Levou para Icatu os filhos que teve com sua mulher Letícia, mas não levou Feliciano, filha de Letícia com outro homem; e dos filhos que teve com sua outra mulher, Elza, (irmã de Letícia e mãe de Aparecida) levou apenas seus filhos homens, Nilton e Márcio Pedro. Este último reside até hoje em Icatu(SP), onde está casado com uma Kaingang. Nilton estuda em Campo Grande. Aparecida ficou com Feliciano em Cachoeirinha, onde ambas se casaram.

Suas duas irmãs, Antônia e Marcia, que haviam ido com o pai Simão Pedro, casaram-se com "brancos" em Campo Grande e lá vivem. Dos irmãos solteiros, um está estudando em Brasília.

Aparecida tem, assim, uma grande parentela em Campo Grande, para onde se desloca com freqüência, tendo, inclusive, trabalhado por alguns anos como empregada doméstica. Sabe ler e escrever com fluência, melhor que seu marido, e tem nestes últimos anos tentado criar uma organização de mulheres ceramistas.

A família mora bem no centro da aldeia de Cachoeirinha, em uma pequena casa de alvenaria. Todos os filhos falam terena e português e o estudo é valorizado, mas não tem como horizonte que seus filhos saiam para fazer a vida em Campo Grande. Como no dizer de Mané : "***Meus amigo sempre me convida para Campo Grande. Eu falei: não, eu fico aqui mesmo. Aqui eu construí minha família, vou educar meus filhos. Daí quando eles crescerem , se eles quiserem sair fora, mas por enquanto estão no meu poder, eles vão continuar aqui porque eu não quero que eles acaba cultura deles, deixa de falar idioma.... se nós começar a sair pra cidade, no fim vai acabar Terena, vai deixando a reserva só saindo para a cidade, não é por ali não. Nós tem que ficar por aqui, procurar um meio de trabalhar na lavoura, outro tipo de serviço, por aqui a gente vai construindo nossa vida, assim como o meu pai... eu quero criar meus filhos até eles casar, aí se eles sair do meu poder aí eles vão resolver para onde eles quer , mas se for por mim, eles vão***

ficar velhos aqui na Cachoeirinha. Eu com esta idade de 45 anos estou aqui, saí para fora só para dar umas voltas conhecer o mundo, não é para largar Cachoeirinha"

Mané veio a falecer em agosto de 2000, tendo sido sepultado em Cachoeirinha.

CAPÍTULO 3

Uma radiografia da língua terena.

1.A pesquisa

Em 1995, por solicitação da **APROTEM**, Associação dos Professores Terena de Miranda, foi realizada a **"Pesquisa Sociolingüística nas Áreas Terena do Município de Miranda, MS"**. Esta pesquisa foi uma atividade conjunta da FFLCH da Universidade de São Paulo e do Programa de Educação Escolar Indígena do Centro de Trabalho Indigenista/CTI, sob a coordenação do

Prof. Dr. Waldemar Ferreira Neto e da doutoranda em questão Maria Elisa Ladeira.¹⁸

O propósito da pesquisa era verificar a extensão do uso da língua terena nas comunidades Terena do município de Miranda, subsidiando possíveis ações dos órgãos governamentais competentes, com o intuito de implementar o uso da língua terena nas comunidades Terena do Mato Grosso do Sul. Para nós era clara a necessidade de se conhecer com exatidão os ambientes em que o uso da língua tradicional do grupo se mantém e as pessoas que ainda são capazes de fazê-lo como condição para se compreender os mecanismos viáveis para estimular a reprodução desses ambientes.

A pesquisa estava considerando a totalidade das aldeias Terena localizadas no município de Miranda (referidas no texto como locais de gravação), com a estimativa de uma população de quatro mil e quinhentas pessoas assim distribuídas:

P.I. Cachoeirinha: população 2.273 indivíduos; 2.660 hectares de área total:

<i>Aldeias</i>	<i>população</i>
Cachoeirinha	1.220
Argola	439
Babaçu	450
Morrinho	164

¹⁸ A equipe envolvida no levantamento de campo realizado em julho/95 e outubro/96: o assessor de área do CTI, Rogério Alves de Rezende os alunos de graduação Ana Lúcia Dantas de Viveiros, Rosângela Anzzelotti, Luciana H. Siqueira de Castro, Dayane Cristina Pal, Néelson José Tercino. A pesquisa contou ainda com a participação dos Professores da Aprotem e de Elcio de Albuquerque Terena, responsável pela bibliovideoteca da AITECA.(Associação Indígena Terena de Cachoeirinha). A Secretaria Estadual de Educação apoiou logisticamente a pesquisa.

P.I. Pílade de Rebuá: população 1.377 indivíduos; 208 hectares de área total:

<i>aldeias</i>	<i>população</i>
Moreira	480
Passarinho	897

P.I. Lalima: população estimada de 900 indivíduos em uma única aldeia; 1.973 hectares de área total.

Não houve a preocupação em valer-se de testes sociolinguísticos rigorosos, para avaliar a variação interna à própria língua. O objetivo básico foi estabelecer um mecanismo de avaliação da proficiência do entrevistado na língua Terena. Assim, optou-se pela aplicação de um conjunto de questões abertas, gravadas em fitas "cassete", para as quais o entrevistador orientava-se por um conjunto de perguntas previamente elaboradas.¹⁹

O conjunto de perguntas dividia-se em três blocos básicos:

- 1) *identificação do entrevistado*, no qual procurava-se conhecer a história de vida de cada um, sua origem étnica, idade, sexo, filiação, estado civil, escolaridade e algumas informações subjetivas sobre o uso da língua;
- 2) *conhecimento da língua*, no qual procurava-se verificar a proficiência do entrevistado na língua terena, a partir de alguns estímulos, como gravações em língua terena e em língua

¹⁹ Ver questionário aplicado em anexo.

portuguesa, que o entrevistado teria de traduzir para o Português e para o Terena e uma seqüência de desenhos, a partir da qual teria de criar uma narração em terena e em português;

- 3) *uso da língua*, no qual, a partir de questões fechadas, o entrevistado teria de oferecer respostas tipo “sim” ou “não” a perguntas sobre o uso da língua terena em situações específicas.

Por tratar-se de um conjunto de questões abertas, a avaliação objetiva da proficiência lingüística do entrevistado teve de pautar-se pelas traduções dos textos em terena e em português e pelas narrativas, também nas duas línguas.²⁰

Do total das 308 entrevistas realizadas em julho/95 apenas, por problemas diversos, 222 gravações constam do acervo da FFLCH. No caso específico desta tese, não consideramos para fins da análise aqui apresentada, as 69 aplicações do questionário realizadas na aldeia Lalima, o que circunscreve a análise dos dados a um total de 153 entrevistas. Os dados indicaram que nessa aldeia a língua terena não é mais utilizada por 89,8% de sua população. Na verdade, foi durante a realização das entrevistas que pudemos perceber, confirmado depois pelos dados obtidos e pela pesquisa histórica, que esta aldeia, apesar de se posicionar como Terena perante a sociedade nacional, regionais vizinhos e órgãos governamentais, é uma aldeia de descendência Mbayá-Guaicuru. Os poucos que apresentaram alguma competência na língua

3-A título de informação o levantamento considerava também uma seqüência de fotografias, em que apareciam objetos comuns, mas estranhos à cultura tradicional Terena, e objetos tradicionais da cultura Terena, os quais o informante teria de denominar em Terena e em Português. Por constarem de um imenso e variado acervo, cujas respostas referentes aos nomes de objetos exógenos e endógenos mereceria uma pesquisa a parte, não foram considerados na avaliação aqui apresentada.

terena, eram nada mais, que os Terena que ali vivem com suas famílias exercendo a profissão de professores e chefe de posto. Isso significa que estaremos analisando um levantamento por amostragem em torno de 5%.

Nessa mesma pesquisa, também, foram gravados em vídeo doze depoimentos de pessoas idosas em língua terena. Na pesquisa realizada em outubro/96, foram gravados em fitas cassete depoimentos de jovens e de adultos, bem como gravações em vídeo de depoimentos de indivíduos das mesmas categorias de idade.

Inicialmente prevíamos que a categoria "criança" tivesse um peso de 25% no total das respostas, as categorias "jovem" e "adulto" 30% cada e a categoria "velho", 15%. Justificam-se esses valores, pela hipótese básica de que, muito embora a fala dos velhos seja, em princípio, mais conservadora, ela não atua como modelo para os processos de reprodução lingüística na comunidade. Esse papel é assumido, principalmente, pelas categorias "jovem" e "adulto". A categoria "criança, embora não atue como modelo para a reprodução lingüística, aponta na direção dos processos de desuso da língua da comunidade. Como muitas das gravações das entrevistas, por problemas técnicos, não puderam ser consideradas, não conseguimos manter essa proporção; estaremos considerando, na tese, uma amostragem em que as crianças representam 18,3%, os jovens 26,6% , os adultos 34,6% e os velhos 20,0% no total das respostas. De qualquer forma, ao menos, conseguimos lidar com uma amostragem a mais próxima possível da proposta inicial.

A distribuição das categorias de idade considerou :

Criança :de 6 a 10 anos, em período pré escolar ou no primeiro ano de escola. Nesse período, a criança mantém um contato bastante aproximado com seus familiares, apresentando, dessa maneira, uma área de influência bem definida no uso da língua. Com a vida escolar, a criança inicia outros processos de contato lingüístico, que só se afirmarão na categoria seguinte;

Jovem : de 12 a 20 anos, ainda solteiro e freqüentando a escola. Nesse período específico , o indivíduo intensifica seu contato com outras esferas, diferentes das familiares, e tem uma escolarização mais sedimentada e uma maior influência no uso da língua portuguesa. Por ser solteiro, está disponível e disposto para atuar em ambientes diversos dentro e fora da aldeia;

Adulto: de 25 a 45 anos. Nesse período, o indivíduo tem uma situação bem mais estabilizada, em processo de constituição de família, e, conseqüentemente, estabelecendo os padrões de uso da língua entre as crianças;

Velho: acima de 50 anos. Nesse período, o indivíduo não mais estabelece, salvo raras exceções, novos contatos em novos ambientes, não forma outra família nem é tomado como modelo para a reprodução de usos lingüísticos.

Visando ao estabelecimento de critérios que permitissem discriminar o grau de proficiência na língua terena, desenvolveu-se um sistema de avaliação que consistia em atribuir nota, de 1 a 4, às tarefas referentes aos itens do questionário: "*Narrativa em Terena*", "*Tradução do Terena para o Português*" e "*Tradução do Português para o Terena*". Assim, para os que não foram capazes de realizar nenhuma dessas tarefas, foi atribuída nota 1, para os que

realizaram apenas uma tarefa, nota 2, para os que realizaram duas, nota 3, e , finalmente, para os que foram capazes de realizar todas as tarefas, nota 4.

Ao analisar o material coletado, a equipe verificou que o sistema de avaliação do conhecimento nas categorias "criança" e "velho" apresentavam dificuldades de ordem diversa. Estas dificuldades ficaram muito evidenciadas em dois conjuntos de respostas : *Narrativa em Português* e *Narrativa em Terena* e *Tradução para o Português* e *Tradução para o Terena*.

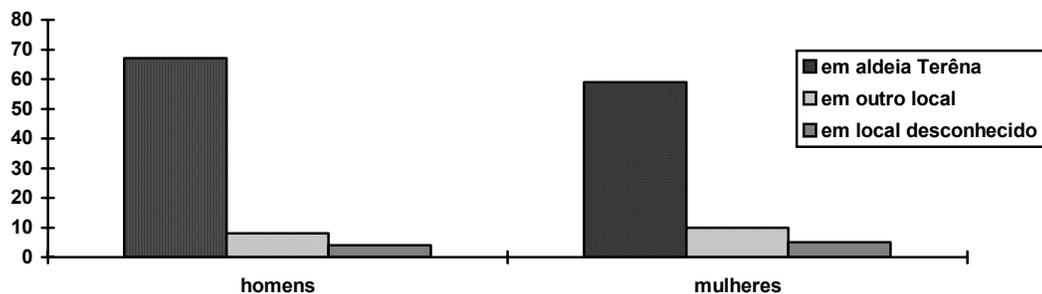
As notas atribuídas às crianças ficavam bastante aquém do esperado. Pode-se imaginar que a habilidade metalingüística das crianças tenha interferido sobremaneira no desempenho da tarefa, de tal forma que o conjunto de respostas obtido refletia muito mais essa dificuldade do que a sua proficiência na língua Terena. Semelhante ao que ocorreu nas entrevistas com crianças, o desempenho demonstrado pelos velhos parecia refletir muito mais uma dificuldade em compreender uma linguagem diversa daquela a que estão acostumados, história em quadrinhos, do que sua proficiência na língua Terena.

2. A radiografia da situação apresentada pela análise dos dados

gráfico 1

Amostra total, considerando as variáveis **Local de Nascimento** (em aldeia terena x em outros locais x em locais desconhecidos) e **Sexo** (homens x mulheres)

	Em aldeia Terena	Em outro local	Em local desconhecido	TOTAL
Homens	67	8	4	79
Mulheres	59	10	5	74
TOTAL	126	18	9	153



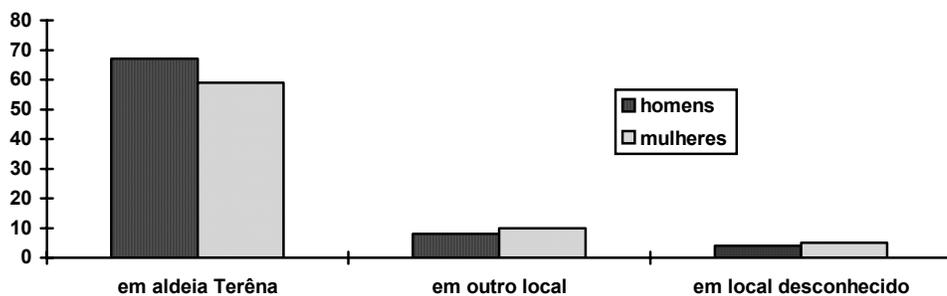
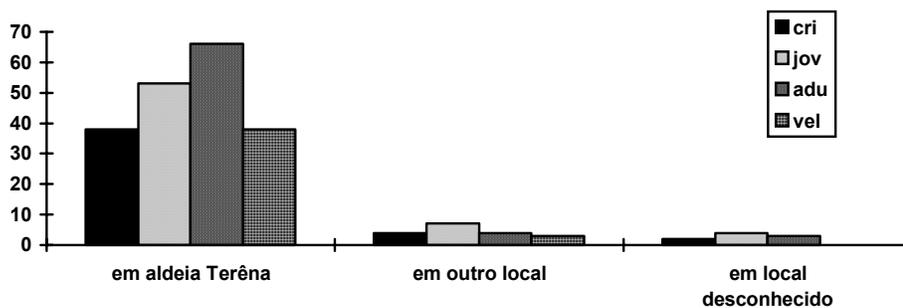


gráfico 2

*Amostra total, considerando as variáveis **Local de Nascimento** (em aldeia terena x em outros locais x em locais desconhecidos) e **Categoria de Idade** (cri x jov x adu x vel)*

	Cri	Jov	Adu	Vel	TOTAL
em aldeia Terena	22	30	46	28	126
em outro local	4	7	4	3	18
em local desconhecido	2	4	3	0	9
TOTAL	28	41	53	31	153



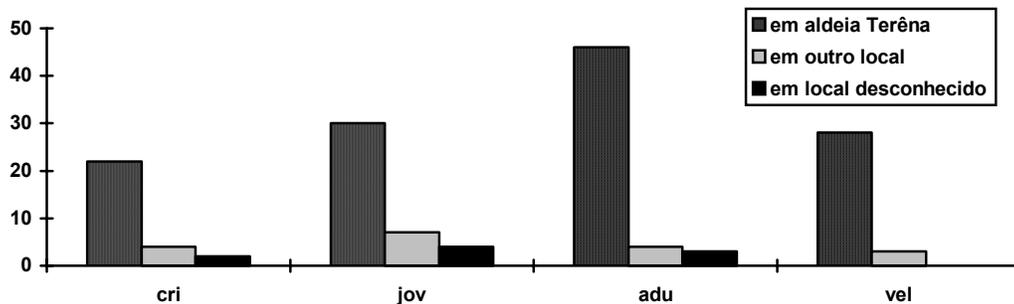
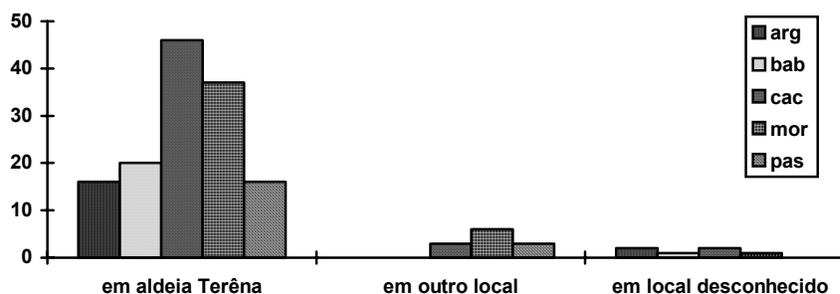
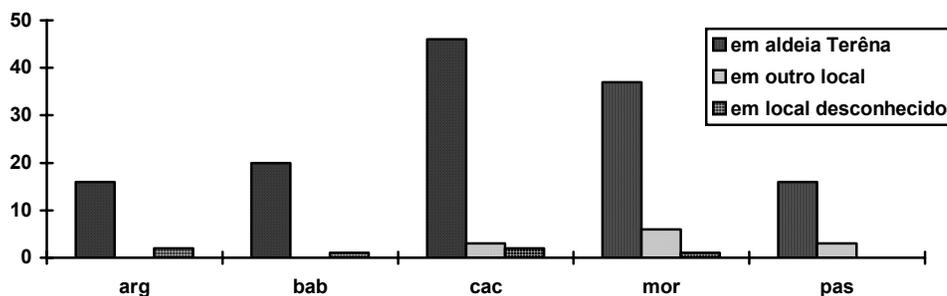


Gráfico 3

Amostra total, considerando as variáveis **Local de Nascimento** (em aldeia terena x em outros locais x em locais desconhecidos) e **Local de Gravação** (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

	Arg	Bab	Cac	Mor	Pas	TOTAL
Em aldeia Terena	16	20	46	37	16	135
Em outro local	0	0	3	6	3	12
Em local desconhecido	2	1	2	1	0	6
TOTAL	18	21	51	44	19	153



Observando os dados contidos nos gráficos acima (gráficos 1,2 e 3), relacionando as variáveis *local de nascimento/ sexo/ categoria de idade/ local de gravação*, podemos verificar, de um modo geral, uma baixa incidência de mobilidade entre os Terena desta região. E que esta pouca mobilidade independe do sexo e idade. Praticamente a população das aldeias nasceu em aldeias, e o retorno para a aldeia daqueles que nasceram nas cidades ou fazendas, considerados no gráfico com "*em outro local/local desconhecido*", é quase que nulo. Mesmo naquelas aldeias, como Moreira e Passarinho, onde a proximidade com a cidade de Miranda é muito grande, os moradores nasceram nas próprias aldeias.

A situação de pouca mobilidade espacial, expressa nestes gráficos está de acordo com a proposição de que a perda do antigo modelo de vida e, conseqüentemente, de aspectos importantes que regiam a organização social

(como por exemplo o sistema de classes e de metades endogâmicas ou o sistema de chefia), obrigou os Terena a transferirem para um domínio cada vez mais restrito à aldeia as trocas sociais que, antes do contato, eram estendidas em toda a sua amplitude aos limites internos de suas camadas ou metades.

Os Terena sabem que, mesmo no interior da reserva indígena, não é mais possível recuperar e manter vivos antigos padrões de vida. Assim, adaptam estes padrões a um estilo comunitário de "vida na aldeia", em que mesclam antigas referências com os novos hábitos e costumes, decorrentes de sua relação com os brancos.

Isto significa que a identificação é dada pela aldeia de origem: a aldeia de onde eu sou, já que ela expressa os limites reais de vivência social. Ou seja, se antes o pertencer a uma das metades cerimoniais (*Xumono* e *Sukirianô*) era para os *Naati* e *Waherê* uma referência definidora de sua identidade e possibilidade de relações sociais (e matrimoniais), na atualidade esses padrões são referidos através do pertencer a uma aldeia, àquela em que se nasceu.

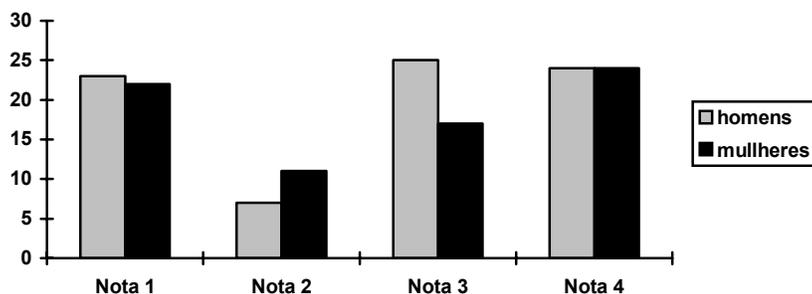
Sem dúvida, poderíamos acrescentar a estas considerações o fato de que a pouca mobilidade pode ser expressão também de uma alta densidade populacional, acrescida de áreas insuficientes para a reprodução do grupo, ou seja, aldeias Terena já superpovoadas. "Sair da aldeia", não de forma temporária, prática usual entre os jovens quando do trabalho na changa (e já demonstrada como possibilidade de se permanecer dentro da reserva), mas como uma alternativa definitiva, expressa principalmente através do matrimônio com "os de fora", é um risco de encontrar resistência da comunidade caso se queira voltar para o interior da reserva.

Este quadro é decorrente também da exiguidade de terras dentro da reserva, dificultando aos homens o trabalho na lavoura, da qual tiram seu sustento e o de sua família. Lembramos que estamos nos deparando com uma situação limite - territórios exíguos, alta densidade populacional, características culturais expansionistas - e que a pesquisa foi realizada entre os Terena moradores das aldeias. Há um significativo contingente de indivíduos Terena egressos apenas das aldeias de Miranda vivendo nas cidades. O que a pesquisa aponta é um fechamento das áreas indígenas ao retorno daqueles que saíram e uma conseqüente tendência ao "casar entre si"²¹.

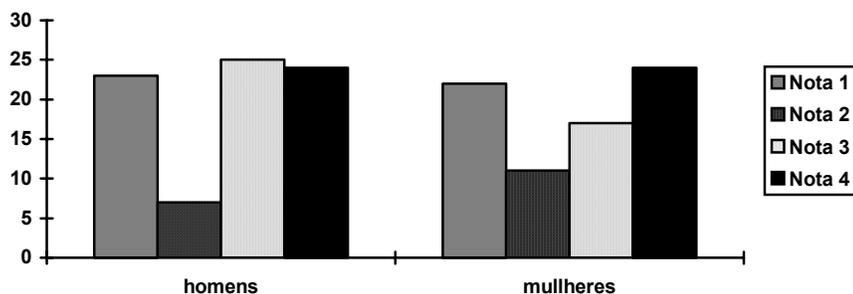
gráfico 4

- A distribuição de **Notas**, considerando a variável **Sexo** (homens x mulheres)

	Homens	Mulheres	TOTAL
Nota 1	23	22	45
Nota 2	7	11	18
Nota 3	25	17	42
Nota 4	24	24	49
TOTAL	79	74	153



²¹No capítulo anterior foi narrada por Alberto Albuquerque a dificuldade que foi para o seu pai voltar para a reserva, depois de uma ausência de 7 anos. "O chefe da aldeia na época, capitão Julio Siriaco, recusava permissão para Alexandre, seu pai, estabelecer moradia na aldeia de Cachoeirinha, "ele alegava que por ter passado um tempo para fora ele não era mais índio, foi quando meu pai falou com o compadre dele que era Chefe de Posto na época, sr. Américo. O chefe de Posto teve que conversar muito com o cacique e mostrar todos os documentos do finado meu pai, que era analfabeto.....se não fosse o Chefe de Posto o cacique atual na época não estava aceitando ele ..."

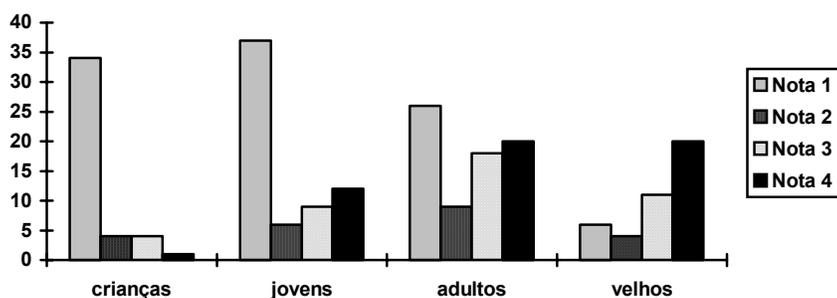
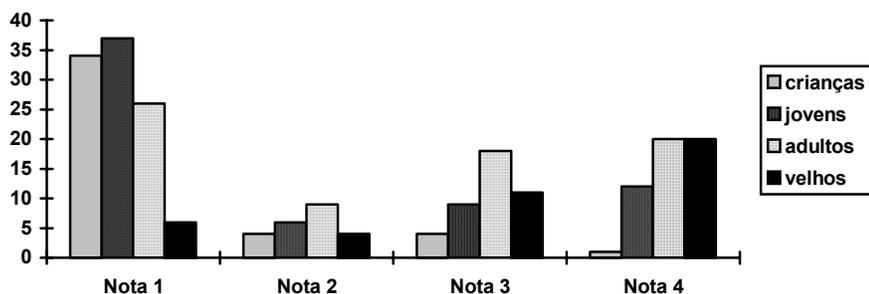


A análise dos dados sobre o domínio da língua Terena expressos acima no gráfico 4, *A distribuição de notas, considerando a variável sexo*, indicam uma quase igualdade, atualmente, entre homens e mulheres quanto ao domínio da língua terena. O quadro informa que, agrupando-se as notas 1 e 2 como "não falantes" e 3 e 4 como "falantes", teríamos 62% de homens falantes e 55% de mulheres falantes. Este equilíbrio significa que esta habilidade mantém as condições básicas necessárias para a reprodução da língua Terena no interior da comunidade falante. Entretanto, indica-nos também, que um número significativo da população terena de Miranda, 41%, não teria a competência necessária para garantir a manutenção da língua terena nas próximas gerações.

gráfico 5

*A distribuição de **Notas**, considerando a variável **Categoria de Idade**.*

	Crianças	Jovens	Adultos	Velhos	TOTAL
Nota 1	19	16	9	1	45
Nota 2	4	4	6	4	18
Nota 3	4	9	18	11	42
Nota 4	1	12	20	15	48
TOTAL	28	41	53	31	153



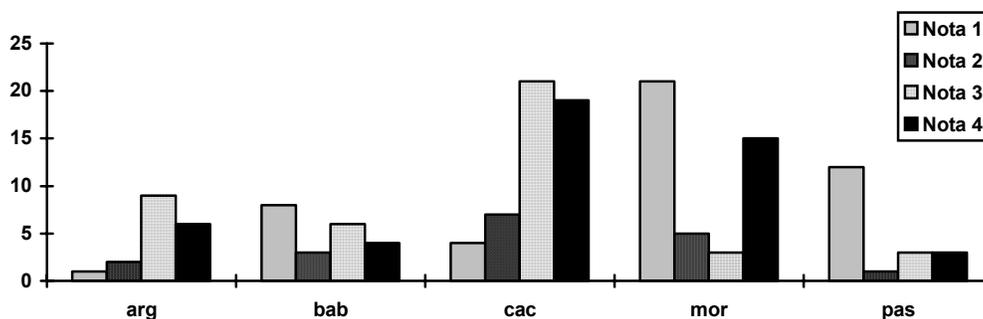
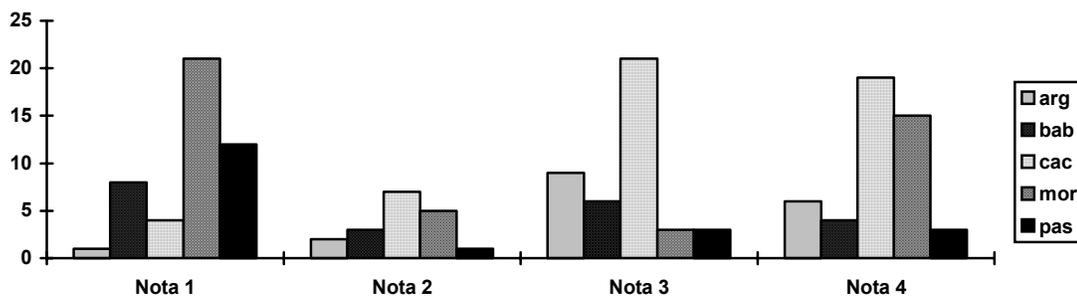
As informações contidas acima, no gráfico 5 : *A distribuição de Notas, considerando a variável Categoria de Idade* nos indicam um percentual de 51% de jovens, 72% de adultos e 84% de velhos em relação ao maior domínio da língua terena. Sem dúvida, o quadro informa também que, a distância entre "falantes" e "não falantes" em cada categoria de idade, vem se reduzindo ao longo do tempo. Entre os jovens esta diferença seria apenas de 2%, enquanto na categoria "velhos", essa diferença, de 68%, seria significativa. Entretanto, estes dados devem ser avaliados com cuidado, em relação a uma possível desvitalização da língua.

Gráfico 6

*A distribuição de **Notas**, considerando a variável **Local de Gravação**-*

Aldeias	Arg	Bab	Cac	Mor	Pas	TOTAL
---------	-----	-----	-----	-----	-----	-------

Nota 1	1	8	4	21	12	46
Nota 2	2	3	7	5	1	18
Nota 3	9	6	21	3	3	42
Nota 4	6	4	19	15	3	47
TOTAL	18	21	51	44	19	153



O gráfico 6 : *A distribuição de Notas, considerando a variável Local de Gravação*, nos confirma as aldeias de Cachoeirinha e Argola como aquelas em que o domínio da língua é generalizado na população, com um índice de 78,4% e 83,3% respectivamente. Outro aspecto importante, indicado pelo quadro acima, é que das 3 aldeias que compõem o universo do PI Cachoeirinha (Cachoeirinha, Babaçu e Argola) considerado um dos mais tradicionais no universo Terena, a aldeia de Babaçu é a que apresenta uma menor percentagem de falantes, 48%, índice muito abaixo das outras duas aldeias.

Esta situação deveria merecer uma atenção especial no sentido de se verificar quais as causas que fazem da aldeia Babaçu uma situação tão particular no universo do PI Cachoeirinha.

Diferença significativa aparece também, em relação às duas aldeias do P.I. Pílade Rebuá: a aldeia de Moreira, separada da de Passarinho por apenas uma rua, situada no mesmo contexto de "periferia" da cidade de Miranda, mantém ainda um número relativamente significativo, 40,9% de falantes enquanto a aldeia de Passarinho apresenta um índice de 31,5% de falantes.

Tabela 7

*A distribuição de **Notas**, considerando a variável **Sexo** e a variável **Local de Gravação***

Aldeias	Arg		Bab		Cachoei		Mor		Pas		TOTAL
	m	f	m	f	M	f	m	f	m	F	
Nota 1	1	0	2	6	3	1	11	10	6	6	46
Nota 2	1	1	1	2	3	4	1	4	1	0	18
Nota 3	7	2	3	3	11	10	3	0	1	2	42
Nota 4	4	2	2	2	5	14	9	6	3	0	47
TOTAL	13	5	8	13	22	29	24	20	11	8	153

Podemos observar na tabela 7 , *A distribuição de Notas, considerando a variável Sexo e a variável Local de Gravação* , uma variação entre os sexos no domínio da língua terena nas aldeias de Babaçu e Moreira, sendo que em ambos os casos as mulheres apresentam um domínio menor. Agrupando-se as notas 1 e 2 como "não falantes" e 3 e 4 como "falantes", teremos uma percentagem, na aldeia de Babaçu, de 62% de falantes masculinos contra apenas 38% de mulheres consideradas "falantes". Na aldeia de Moreira os

índices são de 50% de homens "falantes" contra 30% de mulheres na mesma categoria.

Nas demais aldeias a variação é pouco significativa. A aldeia de Argola tem 84 % de homens "falantes" e 80% de mulheres; a aldeia de Cachoeirinha possui 77% de homens "falantes" e 82% de mulheres; finalmente, a aldeia de Passarinho tem 36% de "falantes" homens e 25% de "falantes" mulheres.

De qualquer modo, é muito expressivo o fato de que, com exceção da aldeia de Cachoeirinha, nas demais aldeias as mulheres apresentam, em graus variados, um domínio menor da língua terena que os homens. Considerando que tradicionalmente são as mulheres que permanecem um tempo maior junto às crianças pequenas, desempenhando, assim, um papel importante na reprodução do sistema social e lingüístico, é significativo que justamente elas tenham um domínio menor da língua terena.

Esta diferenciação pode estar sendo influenciada pela divisão sexual do trabalho. Como vimos, a população Terena de Miranda (com exceção da aldeia de Lalima) soma 3.650 índios vivendo em duas pequenas glebas de terra (um total de 2.868 hectares) reservadas pelo governo. Tradicionalmente agricultores, os Terena que vivem nas chamadas "reservas" ainda conseguem com seus pequenos roçados produzir algum excedente de mandioca e feijão. Mas uma grande maioria depende do emprego de sua mão de obra nas destilarias de álcool de cana de açúcar e do trabalho temporário nas fazendas da região. De qualquer modo, via de regra, estas saídas se dão em grupos de "patrícios" de uma mesma aldeia, quando continua existindo a possibilidade de falar em terena. Diferentemente das mulheres, que colaboram com o trabalho

externo para o sustento da casa, através de seu emprego, individual, como empregada doméstica, quando a possibilidade do falar em terena é restringida. Mesmo quando saem em grupos para vender sua cerâmica ou o excedente das roças em Corumbá ou Campo Grande, a exigência do domínio do português é muito forte e o fato de estarem expostas constantemente aos olhos dos *purutuya* pode vir a ser um fator de inibição para o falar em terena entre si.

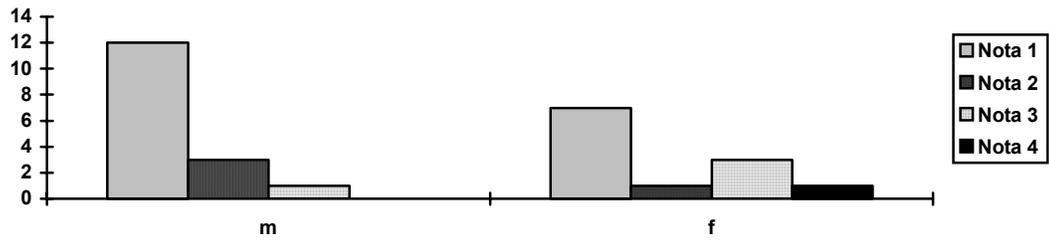
Analisando os dados apresentados em Rezende (1997) a população feminina na aldeia Cachoeirinha é inferior à masculina, em todas as faixas etárias, em quase 10%, num total de 45,57% de mulheres e 54,43% de homens; o mesmo ocorre em todas as demais aldeias da área indígena. Este quadro está de acordo com os dados apresentados quanto ao número significativamente maior de mulheres que vivem nas cidades. Em Campo Grande, a cidade que abriga o maior número de indivíduos Terena desaldeados, existem 33 homens para 51 mulheres que saíram da aldeia de Cachoeirinha. No cômputo geral das demais cidades, vamos encontrar 43 homens para 66 mulheres.

gráfico 8

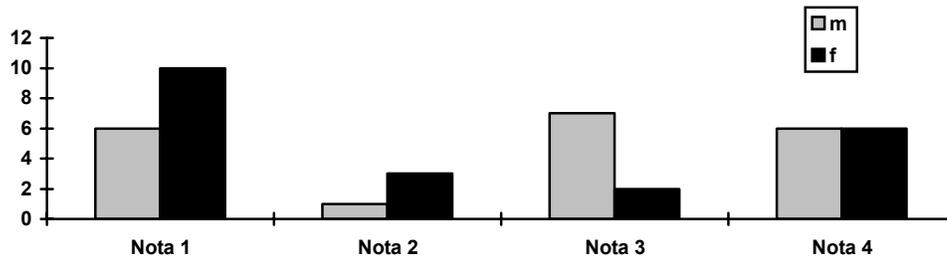
*A distribuição de **Notas**, considerando a variável **Sexo** e a variável **Categoria de Idade***

	Criança		Jovem		Adulto		Velho		TOTAL
	m	f	m	f	m	F	M	F	
Nota 1	12	7	6	10	4	5	1	0	45
Nota 2	3	1	1	3	2	4	1	3	18
Nota 3	1	3	7	2	11	7	6	5	42
Nota 4	0	1	6	6	8	12	10	5	48
TOTAL	16	12	20	21	25	28	18	13	153

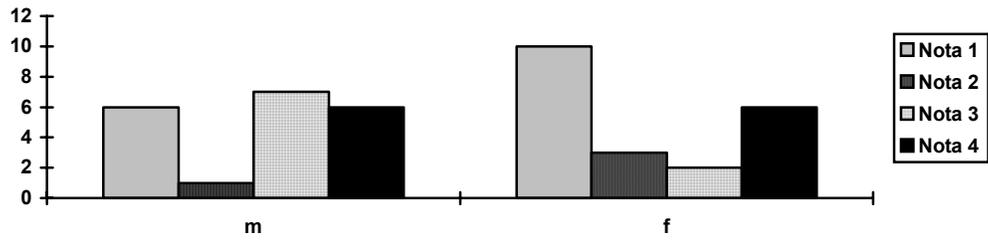
crianças



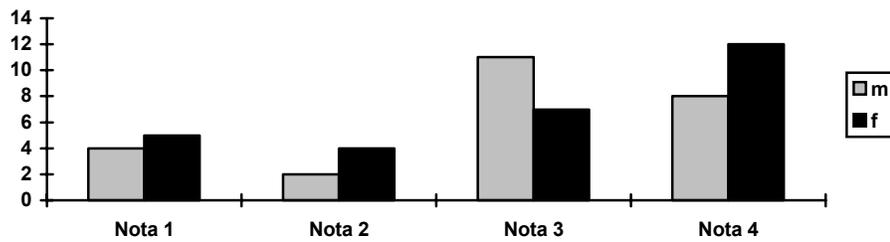
jovens



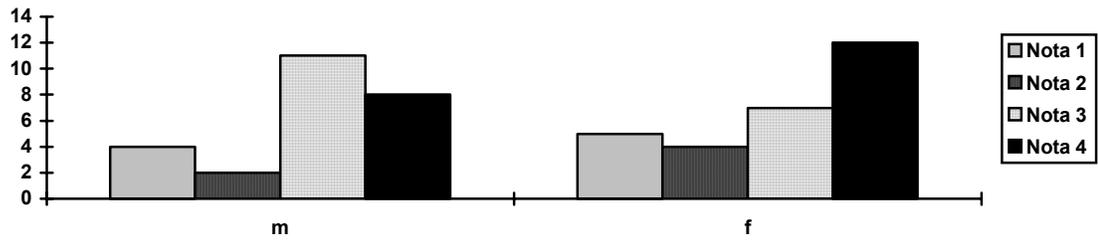
jovens



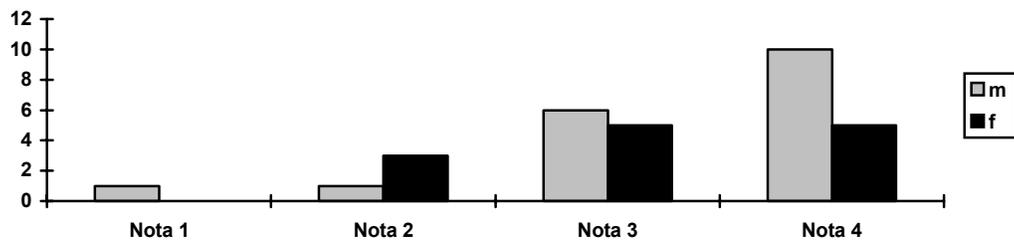
adultos



adultos



velhos



velhos

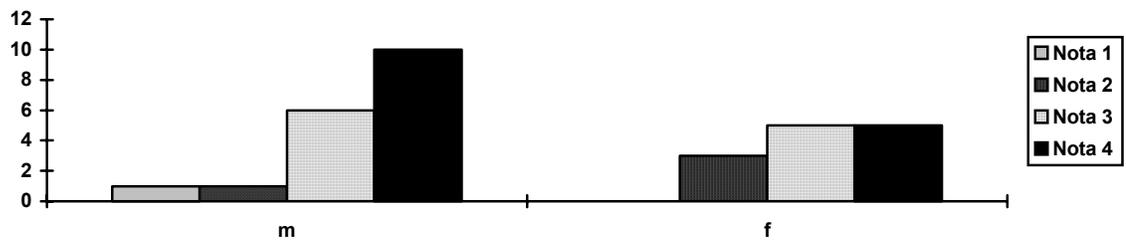


Tabela 9

*A distribuição de Notas, considerando a variável **Sexo** e a variável **Local de Nascimento**.*

	Em aldeia Terena		Em outro local		Em local desconhecido		TOTAL
	m	f	m	f	m	f	
Nota1	17	13	5	6	1	3	45
Nota2	7	9	0	1	0	1	18
Nota3	23	14	1	2	1	1	42
Nota4	20	23	2	1	2	0	48
Total	67	59	8	10	4	5	153

Tabela 10

*A distribuição de Notas, considerando a variável **Categoria de Idade** e a variável **Local de Nascimento**.*

Aldeias	Argola				Babaçu				Cachoeirinha				Moreira				Passarinho			
	cri	Jov	ad	vel	cri	jv	ad	ve	cri	jo	ad	ve	cri	jo	ad	ve	cri	jo	ad	ve
Nota 1	1	0	0	0	2	3	3	0	1	0	2	1	11	7	3	0	4	7	1	0
Nota 2	1	0	0	1	1	0	1	1	2	0	4	1	0	4	1	0	0	0	0	1
Nota 3	1	3	3	2	1	1	1	3	2	5	10	4	0	0	2	1	0	0	2	1
Nota 4	0	1	3	2	0	0	2	2	1	7	8	3	0	2	6	7	0	1	1	1
TOTAL	3	4	6	5	4	4	7	6	6	12	24	9	11	13	12	8	4	8	4	3

Os dados contidos no gráficos 8 e nas tabelas 9 e 10: *A distribuição de Notas, considerando a variável Sexo e a variável Local de Nascimento e A distribuição de Notas, considerando a variável Categoria de Idade e a variável Local de Gravação* - indicam, primeiramente, que a diferença quanto ao local de nascimento e o domínio da língua não parece ser preponderante . Dos homens nascidos em aldeia 46% são falantes contra 37% dos que nasceram em outros

locais. Em relação às mulheres nascidas em aldeia, 42% são falantes contra 30% das que nasceram em outros locais.

E, traduzindo percentualmente ao dados acima, vemos que na aldeia Babaçu na categoria "jovens" vamos encontrar apenas de 25% de "falantes" contra 42,8% de adultos e 80% de velhos, o que indica uma linha decrescente de forma muito rápida. Esta mesma situação vamos encontrar na aldeia de Moreira, onde a diferença é de 15,3% de jovens falantes contra 66% de adultos e 100% de velhos. Numa gradação menor, na aldeia de Passarinho, apenas 12,5% dos jovens são falantes de terena contra 75% de adultos e 66,6% de velhos.

Na aldeia de Argola e Cachoeirinha os jovens tem um domínio da língua terena de 100%, o que indica a língua terena enquanto um sistema vivo e operante. As categorias "adulto" e "velho" apresentam, respectivamente, 100% e 80% na aldeia de Argola e 75% e 77,7% em Cachoeirinha. O que indica uma curva ascendente. Uma curva que nos leva a pensar que a situação das aldeias de Moreira, Passarinho e Babaçu, pode vir a ser revertida em um futuro, como os dados indicam ter ocorrido na aldeia Cachoeirinha.

Em resumo²², esta primeira radiografia das aldeias resultante do levantamento sociolingüístico:

25-A pesquisa indicou, segundo seu propósito inicial, que qualquer definição de uma política lingüística e educacional de valorização da língua terena deve considerar a situação de cada uma das aldeias analisadas de forma diferenciada. Os dados apresentados permitem aos órgãos governamentais competentes definirem, com mais clareza, juntamente com os grupos Terena em questão, um programa viável neste sentido. Por outro lado esta discussão envolve a possibilidade e a vontade destes Terena em reforçar a sua identidade diferenciada, utilizando o domínio da língua como um elemento contrastivo.

- destaca a aldeia de Babaçu do conjunto das outras aldeias da reserva Cachoeirinha, mostrando uma situação extremamente preocupante; as aldeias desta reserva sempre foram consideradas como as mais tradicionais do universo terena, não só de Miranda, como de todo o estado do Mato Grosso do Sul. Neste levantamento, Babaçu aparece quase que na mesma posição que a aldeia de Moreira (reserva Pílade Rebuá).

- confirma as aldeias de Cachoeirinha e Argola, da reserva Cachoeirinha, como aquelas onde a língua terena é um sistema vivo e operante.

- apresenta a aldeia de Moreira com um índice muito mais significativo de falantes de terena do que a observação comum e o consenso genérico dos que vêm acompanhando a situação destes terena nos últimos anos faziam supor. Apesar de estarem situadas no mesmo contexto sócio-econômico da "periferia" da cidade de Miranda, os dados indicam que a aldeia Moreira valoriza mais que sua vizinha, a aldeia de Passarinho, o uso da língua terena como meio de comunicação e expressão.

Esta primeira análise dos dados do levantamento indica também:

- que as mulheres, com exceção daquelas da aldeia de Cachoeirinha, têm um domínio menor da língua terena que os homens. Nas aldeias de Passarinho a diferença é de 11% entre homens e mulheres considerados como "falantes"; na aldeia de Moreira essa diferença cresce para 20%, e ,na aldeia Babaçu atinge um índice de 24%.

- que a diferença, em relação ao uso da língua, entre os mais velhos e os mais jovens , com exceção de Argola e Cachoeirinha, é muito acentuada. Na aldeia

Passarinho essa diferença é de 54%; na aldeia Moreira é de 84,7% e , na aldeia Babaçu é de 55%.

Pensamos que o desequilíbrio entre os sexos quanto ao uso da língua terena, que passa despercebido ao senso comum, possa estar relacionado com o desequilíbrio de seu domínio entre as gerações.

De qualquer modo, se simplesmente projetarmos este desequilíbrio para o futuro, a previsão seria que daqui a no máximo mais duas gerações, o português terá se tornado a língua primeira.

Ferreira Netto, analisando os dados desta mesma pesquisa, aponta que *"...é facilmente perceptível que a proficiência aumenta ou diminui à proporção que aumentam ou diminuem as faixas etárias dos moradores. O gráfico aponta para o risco de , em poucas gerações, não haver uma curva crescente de proficiência, senão de forma muito tímida, com seu ápice atingindo algo em torno de 20% da população terena, caso não ocorram mudanças nas condições de uso da língua"* (1998: 2).

Neste mesmo artigo, Ferreira Netto chama a atenção para o fato de que na aldeia Cachoeirinha *"...a variação do conjunto acumula-se apenas nas gerações limites, caracterizando um grupo médio de falantes Terena em idade produtiva. É de salientar-se que o ápice da curva de proficientes ocorre na categoria dos jovens e, daí em diante, decresce progressivamente até a categoria dos velhos. O grupo de moradores dessa aldeia parece ter retomado o uso da língua em duas gerações após um período crítico em que houve risco de abandono da língua.."* (1998: 2)

Esta afirmação está coerente com a chamada introdutória desta tese, quando noto na entrada da reunião da AITECA, as duas crianças falando em terena entre si e os dois velhos falando em português. E nos leva igualmente a refletir sobre o cuidado ao se tomar como absolutas as indicações resultantes de uma pesquisa sociolinguística baseada apenas em uma metodologia de questionário. A reificação destes dados, destacados de uma perspectiva processual, pode induzir a uma análise empobrecedora da realidade.

A opção lingüística dos Terena por um uso intensivo da língua portuguesa, decorrente da sua situação de contato, é a solução encontrada por este povo para combinar um crescimento demográfico e o confinamento, em territórios exíguos, a que estão submetidos.

Como vimos anteriormente, os altos índices de crescimento demográfico aliados a uma coesão interna, devido ao seu sistema político-administrativo, permitem aos Terena uma grande flexibilidade nos arranjos com a sociedade nacional. A ponto de criar situações paradigmáticas: a língua terena não é mais falada por um contingente considerável da população terena, mas não corre risco de extinção devido ao número significativamente alto de falantes. De uma população de onze mil indivíduos residente nas aldeias podemos estimar, sem medo de erro, caso aplicássemos os mesmos critérios desta pesquisa para as demais comunidades terena, que teríamos, no mínimo, um total de seis mil "falantes". Por outro lado, os terena são considerados como um dos grupos indígenas mais "aculturados", com uma presença significativa nos centros urbanos regionais; mas em suas aldeias, muitas extremamente populosas, com mais de mil e duzentos habitantes e localizadas próximas aos núcleos urbanos e

de fácil acesso, somente residem indivíduos terena e são redutos exemplares do exercício da autonomia político-administrativa deste povo.

CAPÍTULO 4

O pensar e o atuar frente a língua

" Um pai fica todo orgulhoso quando um purutuya chega e o filho sabe cumprimentar em português" (Genésio de Farias , professor Terena da aldeia Argola)

1. Língua e Etnicidade

No Brasil, onde várias línguas existem num mesmo território nacional, as comunidades lingüísticas respondem com políticas lingüísticas diversas, muitas vezes utilizadas pelas sociedades e povos para o estabelecimento de linhas demarcatórias de territorialidade e/ou de identidade. São freqüentes as lutas pelo reconhecimento de uma identidade indígena que integram reivindicações de "*resgate de uma língua própria*" (como no caso de diversos grupos indígenas do nordeste brasileiro), como se isso fosse possível.

O problema da identidade étnica é excessivamente vasto para ser abordado em sua totalidade no quadro desta tese, mas nos parece oportuno esclarecer que, conceitualmente, estamos tratando os Terena enquanto "grupo étnico", segundo a definição de Barth: uma população que "*se perpetua principalmente por meios biológicos; compartilha de valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito;*

compõem um campo de comunicação e interação; tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem" (1969:10-11, apud Cardoso de Oliveira, 1976).

Muitos autores já demonstraram que a identidade étnica não é um dado inscrito em uma cultura, mas o produto de uma "construção situacional" (Carneiro da Cunha, 1985; Brandão,1986; Oliveira Filho, 1986 - *apud* Azanha, 1988). *"O que quer dizer que o problema da etnicidade se manifesta para um determinado grupo étnico sempre em contraste e oposição a um exterior que o engloba. Na afirmação do contraste frente aos outros busca-se justamente os sinais diacríticos, produzidos na situação do contato interétnico, que estes outros mesmos impuseram ao grupo como sua marca distintiva" (op. cit: 3).*

São inúmeros os exemplos de utilização objetiva pelos grupos indígenas dos estereótipos que lhes são atribuídos pela sociedade nacional. Azanha cita, por exemplo, os Gavião *"...que quando assumem os estereótipos de traiçoeiros e bravos é visando obterem...certo grau de autonomia e afastamento dos nacionais em relação a determinadas atividades, ou os Pataxó do sul da Bahia, que mandam alguns de seus membros aprenderem o maxacali (a língua) em Minas para se afirmarem (perante a sociedade nacional) como índios para receberem assistência do governo federal"*. Podemos citar um caso próximo, o da aldeia de Lalima, situada no município de Miranda (MS) antigo aldeamento Guaikuru, grupo Mbayá, que se identifica como uma aldeia Terena, para melhor usufruir da assistência governamental,

já que aos Terena são atribuídos estereótipos "positivos" (limpos, trabalhadores, esforçados, calmos) em contraposição aos estereótipos "negativos" atribuídos aos outros grupos indígenas do Mato Grosso do Sul.

Cardoso de Oliveira apresenta uma síntese do que considera como as propriedades estruturais do processo de identificação étnica: *"O caráter contrastivo da identidade étnica e seu forte teor de 'oposição' com vistas a afirmação individual ou grupal; sua manipulação em situações de ambigüidade, quando abrem-se diante do indivíduo ou do grupo alternativas para a 'escolha' (de identidades étnicas) à base de critérios de 'ganhos e perdas' (critérios de valor e não como mecanismos de aculturação) na situação de contato"* (1976:24).

Estamos nos referindo à representação da identidade tal como entende Bernard Poche, que coloca a seguinte questão: *"como se mobiliza esta representação, e que situação ela visa a definir? A resposta mais freqüente dada a esta é que a identidade minoritária é representada por meio da produção própria de um veículo de expressão, seja uma língua, ou outro sistema simbólico. E, bem entendido, a língua materna aparece como um dos "recursos" privilegiados do pertencer ao grupo, a uma comunidade. A situação que esta representação visaria definir é a da ruptura, da dissonância entre comunidade originária (forma social e línguas originais) e situação aculturante: conflito que é proposto como próprio da situação minoritária "* (1989:79).

No caso Terena, parece que a política lingüística expressada por eles **desconsidera** uma das referências quase obrigatórias do discurso ideológico

sobre o uso político da língua, a relação implícita estabelecida entre língua e cultura: defender a língua significa defender a cultura.²³

"A língua e a cultura são duas produções sociais paralelas, mais que isso, a língua é um "recurso" na produção da cultura, mas não é o único" (Poche,1989:60).

Brandão apresenta a distinção entre o que denomina *"cultura de um grupo tribal"* e *"cultura étnica"*. A primeira corresponderia à *"de indígenas não ameaçados por expropriações derivadas de tipos desiguais de contacto"* e a segunda à *"de indígenas a quem uma modalidade de contacto ameaça as condições de reprodução de todas as dimensões de sua peculiaridade"*(1986:154).

Apesar desta distinção nos levar a pensar que o primeiro caso seria uma possibilidade apenas teórica - já que todo e qualquer contato com a sociedade nacional é um contato assimétrico - ela é real para um grande número de grupos indígenas brasileiros. E Brandão mesmo explicita que a diferença entre os dois tipos de "cultura" , tribal e étnica , *"é que na primeira tudo o que é parcialmente peculiar, a língua, os ritos e mitos, os costumes, não é o resultado ativo e intencional de um trabalho de afirmação cultural da diferença. Afirmação esta que, para o bem ou o mal, como drama ou farsa, parece ser a razão de ser da segunda"* (id.ibd:154).

²³ Por cultura, estamos entendendo os esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais um grupo produz o discurso de sua relação com o mundo e o conhecimento, ou qualquer outra proposição equivalente (Poche,1989;60)

Esta distinção é elucidativa para se pensar o lugar da língua terena, não só na situação de contato como no interior mesmo da comunidade terena. A língua materna²⁴ para os Terena não tem a importância socializadora, no sentido de integrar o indivíduo em um mundo próprio conceitualmente diferente do "mundo dos brancos". Podemos afirmar que seu uso está ligado a uma *socialidade apenas afetiva*.

Em muitos casos, as comunidades indígenas se distinguem da sociedade circundante por suas formas de regulação específica, excluídas de qualquer contaminação. Mas este não parece ser o modelo de relação entre a "comunidade estável" dos Terena de Cachoeirinha e a sociedade nacional. Por outro lado, o uso da língua terena não vem sendo um marcador, enquanto sinal diacrítico, para afirmar qualquer diferença do grupo em relação aos *purutuya*. Pelo contrário, como podemos perceber em várias situações, os Terena quando na presença ou nos ambientes do "mundo dos brancos", preferencialmente conversarão em português, mesmo entre si.

Os Terena conseguiram ao longo da sua história, ao interiorizar a situação englobante do contato com a sociedade nacional e a decorrência obrigatória do uso do português, recolocar para si a questão da identidade minoritária recriando sua posição, enquanto povo, em um campo social mais amplo.

²⁴ A noção de língua materna nos remete, intuitivamente, à identidade lingüística do falante que a invoca e à comunidade lingüística cujos membros têm esta identidade em comum.

2. A política lingüística dos Terena

A fala do sr. Genésio, apresentada na epígrafe, "***Um pai fica todo orgulhoso quando um purutuya chega e o filho sabe cumprimentar em português***", é a resposta à pergunta feita por mim em sua casa: "*por que vocês ficam ensinando as crianças a falar em português tão cedo?*".

O subtexto da minha pergunta era "*o senhor não fica preocupado que as crianças deixem de falar a língua terena porque estão aprendendo a falar muito cedo em português?*".

Qual seria o subtexto da resposta do sr. Genésio? Muitos entenderiam como uma desvalorização do *ethos* terena, pois o que estaria sendo reafirmado como importante seria o uso do português. E, nesta visão simplista, esta valorização da língua portuguesa traria como contrapartida obrigatória o abandono gradual e irreversível do uso da língua terena.

Na verdade, o que vim a compreender no decorrer da pesquisa, é que os Terena, têm "orgulho" de dominarem, inclusive através do uso da língua do *purutuya*, a situação de contato com a sociedade nacional, e que é este domínio que lhes permite continuar existindo enquanto um povo política e administrativamente autônomo.

Durante a minha permanência na aldeia, sempre que possível procurei "conversar" sobre a questão do "idioma". Na verdade, a preocupação era quanto à aquisição do português e à ameaça da perda da língua terena nas

gerações subseqüentes, tal como expressa nos dados da pesquisa macrosociolinguística apresentados no primeiro capítulo.

A questão era se o aprendizado do português de forma precoce poderia ser considerado como um fator de abandono da língua de origem. E, se esta afirmação fosse correta, quais seriam as causas determinantes dessa situação.

Outra questão que nos preocupava era a relação entre o aprendizado da língua portuguesa e o insucesso ou atraso escolar das crianças e jovens Terena. Entre os Terena há uma tendência corroborada por uma "vox populi" que diz que os estudantes terena vão mal na escola, principalmente quando vão estudar na cidade, devido ao seu bilinguismo. Entendíamos que esta avaliação poderia estar motivando alguns pais terena a abandonar cada vez mais o uso do "idioma" junto às suas crianças, pensando desta maneira estar contribuindo para facilitar o aprendizado do português e o sucesso escolar²⁵.

Hoje o estudo é fundamental na proposta de futuro do povo Terena, como forma de garantir uma ascensão social e a possibilidade de incursão no "mundo dos brancos". E a escola aparece no discurso terena como um espaço complementar ao da casa no aprendizado do português.

"Porque hoje precisa ter mais estudo, porque uma pessoa dizia que se não tem estudo não tem nada, não acha um serviço nenhum, não tem mais emprego e quem faz isso é só o estudo, tem que se formar prá poder aproveitar o tempo dos jovens prá poder

²⁵ Avaliar com mais acuidade esta situação foi o objetivo primeiro da pesquisa "A língua Terena no município de Miranda-MS: Análise Macro-Sociolinguística" mencionada na primeira parte desta tese.

desenvolver....como diz tão querendo até esquecer o idioma, mas muitos que estuda, que não abandona o seu idioma..." (Seu Rafael)

" Eu sempre falo prá eles que eu queria que eles estudassem e não passassem a vida que eu tava passando uns tempos atrás, a vida é meio difícil e o estudo sempre ganha mais né?, do que serviço de braço" (Seu Mário).

Hoje em dia a escola faz parte do cotidiano terena, mas há 30, 40 anos era uma opção, sem o caráter de obrigatoriedade que assume hoje. Essa diferença de perspectiva em relação a escola transparece no depoimento de um dos filhos mais velhos de Alexandre, seu Hélio:

"...eu freqüentei a escola mais ou menos um mês, só um mês, porque não aprendi a ler , você sabe a criança não pensa em nada, então papai não me ajudava a ir para a escola de noite, papai falava para mim que papel não se come , que eu podia pegar o cabo da enxada, ferramenta qualquer para eu trabalhar, isso aí que ele dizia – O que você vai fazer lá? Passar horas? Você não vai comer papel, vem trabalhar aqui na roça né?. Assim que fazia .Papai nunca ajudava nós para estudar, eu não tenho irmão formado, nenhum terminou de fazer a 4ª série..."

"O senhor, seu Rafael, freqüentou a escola?" ***"Fui, tinha vez que eu vinha, tinha vez que não vinha, e depois eu não tinha quem me***

ajudasse na casa, não é como agora, nossos filhos já está mais adiantado, ajudam os outros, né?, está mais habilitado né?"

Seu Rafael faz referência à dificuldade de freqüentar a escola, devido à distância, (*tinha vez que eu vinha...*) e de que não havia quem os auxiliasse nas tarefas escolares. Os pais ainda não são capazes de auxiliar seus filhos nas tarefas escolares, mas, como aponta seu Rafael, têm a presença dos irmãos mais velhos, escolarizados, que cumprem um pouco esta função.

E D. Nilza falando,

"A vida da rapaziada é mais fácil. ...porque as mães já não são como antigamente, não era como a minha mãe. A minha mãe não tinha profissão nenhuma, a profissão dela era doméstica mesmo, então não tinha como ajudar meu pai. Agora nós , mudou, as minhas filhas agora já não são mais criadas como eu fui criada..."

"...Não, eu não tenho planos de mandar elas trabalhar em Campo Grande, enquanto elas não terminarem os estudos delas. Eu gostaria que elas fossem para Campo Grande porque elas têm que terminar a faculdade, elas tinham que enfrentar a faculdade lá fora, se não elas, só 2º grau, essa seria a minha opinião para elas ."

"...Eu penso o seguinte, sabe Maria Elisa, se tiver Ginásio na área quem vai trabalhar no Ginásio? Vai ser os que foram estudar lá fora. Essa é a minha idéia, não sei."

Qualquer que seja a proposta de futuro idealizada pelos Terena, a roça ou o emprego através do estudo, a importância do domínio da língua portuguesa continua sendo reiterada, como forma de garantir a expansão deste povo para outros espaços.

Há um consenso generalizado e difuso de que os Terena estariam “perdendo” a sua língua. Os dados apresentados no capítulo 3 desta tese parecem, em uma leitura superficial, reiterar essa situação. Eu mesma, no decorrer do trabalho de campo quando indagava : “ *O senhor acha que os Terena estão perdendo a língua terena?*”, a resposta era sempre a mesma : “ *Ah! Isso nós estamos mesmo, aquele terena de antigo já ninguém fala, aquele terena da minha avó*”.

A questão é que o sentido da pergunta era compreendido de maneira diferente daquela que era a minha intenção. Eu perguntava sobre o *desaparecimento da língua*, eles respondiam sobre as *mudanças da língua*. Eu interpretava, erroneamente, a perda da língua colocada na resposta, no sentido do abandono do uso da língua terena, quando eles estavam mencionando que tinham consciência das mudanças ocorridas na língua ao longo da História .E, logicamente, ficava sem entender quando mencionava na seqüência: “ *Ah! Quer dizer que os terena estão deixando de falar Terena*”, e a resposta era enfática: “ *Ah! Não!, a gente nunca vai deixar de falar Terena*”.

Indagado se achava que o pessoal de Cachoeirinha estaria deixando de falar o “idioma”, seu Hélio responde :

" Ah! Estão deixando, aquele idioma do tereno de início já está acabando, sabe. Agora nós estamos falando no nosso idioma, é mais popular que o português, mas não é mais língua terena puro, sabe? Já puxa pelo português."

"...Eu estou percebendo isso aí. Pessoalmente o que eu percebo isso é porque essa minha caçula aí já não fala mais diretamente....não sei qual é o costume certo, finado papai quando falava era , como se diz, era gramática do terena, falava palavra de gente antiga... tem diferença para quem sabe falar."

***"O (idioma) terena de hoje mudou muito?" E seu Rafael responde "*
Mas muito, acabou aquele do nosso idioma antigo, agora tá pegando mais o português, né?, puxa mais para o português..... Isso é por causa da civilização, outro já tem vergonha de falar, não quer falar no idioma quando está no meio dos outros"**

"Mas todo mundo fala?" "Todo mundo fala."(Rafael).

Assim se as mudanças na língua terena são constantemente reiteradas: "Não se fala mais o Terena de antigo"; " Aquela gramática dos Terena de antigo ninguém mais usa", estas mudanças não são traduzidas pelos Terena como decorrência do uso do português.

Pelos relatos obtidos durante o levantamento das genealogias, observamos que há a preocupação, por parte dos que residem na aldeia, de

acentuar enfaticamente que os filhos dos que saíram, ou falam “um pouquinho” ou já estão “entendendo a fala da avó”, o Terena.

A fala do seu Rafael de Albuquerque, ao tratar comigo da situação de seus netos que moravam em Campo Grande, é elucidativa. Ao se referir aos filhos de seu filho, casado com uma Terena de Cachoeirinha, que foi residir em Campo Grande, explica:

"Eles tinham dois filhos já quando foi pra lá, esses dois fala, só que não fala é os que nasceram lá, mas entendem."

E, na seqüência, quando indagado sobre os filhos de sua filha casada com um branco:

"Ela tem dois filhos guri,... esses tão aprendendo a falar..., nas férias vem tudo prá cá, semana que vem tão aqui...a avó só fala no idioma só, e respondem bem, já tá começando a falar..."

Ideologicamente, ao menos, há a representação de que no final do processo, estes netos, que residem nas cidades, também estarão dominando as duas línguas.

Um dos motivos levantados por mim para justificar um aprendizado precoce do português, e o conseqüente abandono do uso da língua terena, era a presença constante da televisão nas casas²⁶. O outro a saída da rapaziada para a changa. A influência da televisão é assim tratada:

²⁶ Todas as casas de Cachoeirinha, sem exceção, possuem televisão e ela fica ligada quase que o dia inteiro.

" ...agora o que é meu inimigo na minha casa? A TV. Porque a TV traz muito mal exemplo, eu acho muito errado a TV. Agora rádio vem trazer notícia, e você só escuta a voz, agora a televisão não,...vem trazer muito mal exemplo...esse negócio de luta...a criançada pega desde pequeno de trocar porrada, dar soco na cara do outro, dar chute na bunda do outro assim ... então por causa disso essa molecada que você vê, você anda de noite, você encontra cada rapaz mal encarado, amarra um pano assim no rosto para modificar o tipo dele...então aonde você viu isso aí? Viu na TV...Eu gosto de televisão na hora do jornal, do futebol, é isso aí...tem gente que fica o dia inteiro , a noite inteira quase toda na frente da TV..."(seu Hélio)

E a fala de seu Rafael "**Na casa, prá meninada, traz muitas coisas (a televisão), é perdição, ensina a fazer arte e aprende muita coisa que não deve aprender, né?, briga, essas coisas, é isso aí, a desvantagem é isso aí, ensina muitas coisas prá essas crianças que não deve aprender, né?... Do rádio é bom, porque a gente recebe notícia, não vê a figura e a televisão mostra a figura é onde as crianças acompanha a figura...**"

"E o senhor acha que a criança vai deixar de falar no idioma porque fica só escutando o português na televisão, no rádio?" eu pergunto e seu Rafael responde: "**Acho que não né?, acho que não....não tem nada a ver com o terena(idioma), a desvantagem é que a televisão tem figura, o rádio só tem música, notícia"**

A resposta de D. Nilza²⁷ sobre a influência da televisão no aprendizado do português: "***Eles estão aprendendo mais rápido...mas acho que não deixam o idioma, porque já fala na língua desde o berço, né?***"

As respostas do seu Hélio e seu Rafael sobre a influência da televisão e do rádio no cotidiano da aldeia foram explícitas. O problema não era escutar o português, o malefício da televisão era o exemplo para a "rapaziada", das cenas de violência que feriam os princípios éticos dos Terena e serviam, no caso, para justificar o aparecimento de situações de violência, senão banditismo, entre os jovens.

A rejeição à TV deve-se à imposição de costumes e de uma moral contrária à ética tradicional terena e não ao fato da presença cotidiana e massiva da fala em português. Estamos tratando aqui de representações. Se os Terena vão ou não deixar de falar na língua terena, em um futuro próximo ou distante, é um problema que diz respeito a eles. O que estou acentuando é que não há por parte dos Terena de Cachoeirinha a consciência de que correm o risco de deixar de saber falar no "idioma". E quando este risco é apontado pelo pesquisador, ele não é creditado, pelos Terena, ao uso da língua portuguesa.

O aprendizado precoce do português interferindo na língua também não é considerado como um fator negativo; ao contrário, a fala do professor Genésio, no início deste capítulo, expressa bem o orgulho de se ter logo cedo

²⁷ D. Nilza foi uma das primeiras professoras terena de Cachoeirinha. Atualmente está aposentada.e uma de suas filhas, Luzinete, assumiu seu lugar. Fundadora da Aprotém (Associação dos professores terena

o domínio das duas línguas. O domínio dessas "línguas de contato" é tido como necessário para se dominar a situação de contato.

Seu Hélio nos conta:

"...ah! Eu aprendi (o português) por mim mesmo, que eu adivinhava o que se falava na minha presença, foi, foi, até que eu baseei mais ou menos o que se ia dizendo..."

"... eu era pequeno, não sabia falar português, papai falava português, agora quando vinha visita do meu pai, então eu ficava perto escutando o que eles iam dizendo...eu escutava e pela senha(expressão) deles sabia qual mais ou menos o que eles vinha dizer..."

".. aí eu fui crescendo, trabalhando com os brancos, aí fui praticando..."

E Sabino Albuquerque nos conta :

"...aí quando começamos a morar em Duque Estrada, aí começamos a falar português... a gurizada tirava sarro que nós, eu e o Ezídio, não sabia falar... eu comecei a aprender mesmo quando fiquei morando em Duque Estrada com meu cunhado (que era purutuya)..."

de cachoeirinha,. Foi uma informante importante., principalmente por ser da camada dos Naati e ter simultaneamente estudo e uma vivência na cidade, onde trabalhou quando jovem,como doméstica .

"Por que o senhor, seu Sabino, praticamente só fala em português com seus filhos?" **"A gente falava com eles pra ver se eles aprendia a falar e quando saía aprendendo ...fosse estudar".**

Indagado quando começou a falar em português seu Rafael reitera o mesmo que seus irmãos :

"...comecei a aprender a falar em português quando comecei a sair para fora "... " eu entendia (o português), mas não falava, aí quando comecei a trabalhar pra fora , aí comecei a desenvolver mais um pouco, né? "

Eu pergunto: *" O seu pai falava em português ou na língua terena com vocês?".* E a resposta vem pronta : **" O pai falava em português mas nós se mistura com criança que não fala então não adiantava quase nada... A gente entendia o que o pai falava mas não fazia, respondia só no idioma, outra coisa que eu saí (da aldeia) porque senti que precisava"** (aqui ele se refere à necessidade de aprender o português).

" E com os seus filhos ?"

" Tenho falado em português, mas as crianças hoje em dia não é como no nosso tempo já nasce desenvolvido, já tem mais escola e naquele tempo escola era difícil, a gente morava longe..."

Você lembra quando começou a falar em português? pergunto ao seu Mário.

" Não, não lembro, na base de 10 ou 11 anos mais ou menos...era meio difícil porque eu não tinha costume de ficar com os brancos. Aí fui indo, as filhas do meu padrinho(em Duque Estrada) começou a me ensinar, aí fui aprendendo a falar."

"... em casa.... meu pai falava em português e no idioma comigo".

"E na sua casa com seus filhos?"

"Eu falo os dois. Falo no português e no idioma com meus filhos."

"E o senhor percebe se eles aprendem mais rápido o português hoje?"

"Igual como antes. Eles falam mais no idioma...eles são meio amarrado de falar no português".

Na verdade, os relatos nos dizem o óbvio: que se aprende a falar português quando ele passa a ser indispensável na relação com os brancos, "quando se sai para fora", quer seja para estudar, quer seja para o trabalho temporário nas fazendas da região, ou como empregada doméstica. A criança entende o português, mas antes, como agora, só passa a falar com alguma desenvoltura quando jovem e tem de sair de casa. O falar do pai em português no espaço doméstico é a expressão mais enfática da importância dada pelos Terena ao domínio da língua portuguesa.

Ou seja, o uso da TV e a saída da rapaziada não são causas reconhecidas para um possível desuso atual da língua terena. Quando seu

Hélio, seu Rafael ou qualquer um dos Albuquerque eram moços, como eles nos apontam, eles já saíam para as fazendas, numa situação muito mais difícil, porque iam sozinhos, o que os obrigava a ter um domínio maior do português. E já havia o rádio, que ocupava a posição e o *status* da televisão hoje.

As histórias de vida dos Albuquerque apresentadas no segundo capítulo, permitiram contextualizar no tempo aquilo que julgávamos como específico do momento atual da história terena. Antes, como agora, o pai sempre procurou falar em português com seus filhos. Antes, como agora, os jovens sempre saíram para trabalhar fora, conhecer o mundo, época em que passam a dominar o português e sempre, em sua grande maioria, retornam para a área indígena, casando-se com mulheres Terena.

O que nos leva a contextualizar que o aprendizado precoce do português é uma política deliberada e consciente da comunidade e não decorrência aleatória de interferências externas.

As respostas apresentadas acima nos levam a reiterar que as línguas são práticas sociais e, como tais, objetos de políticas lingüísticas. E que, as práticas lingüísticas são, via de regra, definidas por sua **oralidade**, isto é, o caráter primeiro do uso comunicacional verbal, da fala e também por sua **localidade**, isto é, pela totalidade do grupo que é tomado como referência na expressão "*o que todo mundo sabe*".

3. A mistura de línguas

Quando nos referimos aos Terena estamos tratando de uma população relativamente homogênea, que se caracteriza pelo fato de que cada indivíduo dispõe, ao mesmo tempo, de duas línguas distintas, o que se convencionou chamar, a partir de Weinreich, de "línguas de contato".(Cadiot,1989;141)

Bernard Poche, abre a perspectiva de que podemos ter situações onde os indivíduos tenham tão separado o campo social de uso de duas (ou mais) línguas que poderíamos considerar as práticas lingüísticas como "monolíngües justapostas", sem que houvesse qualquer possibilidade de contaminação entre elas: *"Cada situação, incluindo a linguagem na qual ela é descrita, forma então, um todo, e o indivíduo, ao participar de várias situações coexistentes, se desloca de uma a outra em vez de se dividir, inclusive na prática de misturas de línguas..."* (1989: 76).

Pierre Cadiot, ainda aponta que *"se as línguas de contato especializam-se, com efeito, em certos registros (língua nacional na escola, língua regional ou dialeto em casa), existem na prática situações (estas mais freqüentemente associadas a lugares de socialização "abertos") em que a alternância das línguas é a regra e é considerada um modo específico de comunicação"* (1989:141).

As situações de misturas de língua são muito diversas, mas geralmente os falantes, imersos em suas interações, freqüentemente têm

pouca consciência do fato de que alternam as línguas; preocupados apenas com o efeito de sua fala, quase não têm consciência de que, para comunicar-se, mobilizam dois ou mais códigos diferentes. (cf.Cadiot,1989:140)

Para as situações em que são duas (ou várias) as línguas que se alternam sem muita interferência, dispomos, no mesmo quadro de referência teórica, dos conceitos de "bilinguismo" e "diglossia".

No caso Terena, por tudo que já vimos, parece-nos que o modelo clássico de diglossia que traduz uma especialização social de cada uma das duas línguas, associada a uma hierarquia que coloca em questão, simultaneamente, os usos da língua, não dá conta das situações de comunicação.

Há de fato, entre os Terena, uma especialização por parte das línguas (terena e português) em certos registros, como por exemplo o falar em português, mesmo entre patrícios, quando estão na cidade e o falar terena no espaço doméstico. Existem situações em que a alternância das línguas é a regra e é considerada um modo específico de comunicação.

No caso Terena temos uma alternância, que Gumpertz (1989), chama de "conversacional", que é regida não pelo tipo de atividade ou meio social dos falantes, mas aflora à consciência, como uma das formas concretas das trocas verbais, um modo da fala (apud Cadiot.1989:144).

Entretanto esta alternância se dá através de um espaço delimitado pela aceitabilidade do conjunto dos falantes. E este espaço varia dependendo do

contexto onde se dá a alternância (espaço da escola, da casa, da cidade, das conversas informais, etc.).

Ao participar de uma reunião da AITECA, (Associação Indígena dos Terena de Cachoeirinha), quando compareceram cerca de quarenta associados, pude observar como a alternância terena-português aumenta a fluência, tendo o efeito de intensificar o significado, o sentido mesmo daquilo que está sendo expressado.

Entre os Terena a alternância ocorre em certos pontos dos discursos e o português aflora:

- em todos os termos de vocativos e de referência ao parentesco (mãe, pai, avô, vovô).
- em vários tipos de interjeições, interpelações, enunciados metadiscursivos (por isso, então, é?,) .
- em situações discursivas onde a palavra alternativa em português corresponde, grosso modo, ao registro de atividades adquiridas decorrentes do contexto do contato e próprias aos *purutuya* (trator, óleo, governo) mas neste contexto muitas vezes são utilizadas também palavras em português (semente, por exemplo) que teriam correspondência em Terena.

Neste último caso, a alternância serve para marcar quais são os segmentos que o locutor terena quer enfatizar em seu enunciado, aos quais dá ao falar um peso particular, introduzindo, em português, as palavras chaves que marcam o contexto externo, do contato.

Este procedimento foi observado com clareza durante a reunião da Aiteca, já referida. Realizada na aldeia de Cachoeirinha, contava com a participação extra, como observadores, de dois *purutuya*, eu e Giberto Azanha. Todos nos conheciam de longa data, apesar das relações extremamente formais. Durante a reunião, marcada para decidir os encaminhamentos para a próxima safra de feijão, todos falaram em Terena, introduzindo pontualmente o português ou para dar um encadeamento ao discurso (*por isso, então, vocês sabem*) ou quando se referiam ao que deveriam adquirir para a realização do plantio e os passos posteriores como colheita e armazenamento. Aí é que os substantivos em português afluíam. Afluíam tanto aqueles que eram característicos das novas condições de plantio (como trator, óleo, tratorista, ferramenta), supostamente importados sem passarem por um processo de "terenização" (estou pensando em "purutuya", "mangá", por exemplo) como aqueles substantivos que existiam em Terena, como semente ou mandioca.

Com este procedimento, marcava-se em sua totalidade as novas condições de plantio decorrentes do contato e da situação atual de inserção no "mundo dos brancos". E este seria o sentido da alternância das duas línguas.

Mas nos casos apontados acima não poderíamos, talvez, pensar na alternância como simples empréstimos lingüísticos do português no uso da língua terena?

Pensamos que a alternância, como produto de uma situação de contato, conduz a interferências entre as línguas. A alternância no uso das "duas

línguas", sem interferências, de forma simultânea em um mesmo contexto e com um mesmo interlocutor, corresponderia, na verdade, a constituição de uma nova "língua". A alternância neste seu sentido pleno se daria apenas como referência teórica.

4. O contato entre as duas línguas.

Como situar o "português de contato" falado pelos Terena e a referência normativa da língua portuguesa como tal?

Conversando sobre a avaliação que faziam de sua competência no uso do português nos diz seu Hélio:

"...porque eu não sei falar em português claro, esse português que eu falo é um tipo de..., eu falo assim porque eu comparo minha vida como fosse um papagaio, porque quando papagaio... você pega ele assim, chega a conversar perto dele, ele pega aquilo que você vai dizer, mas português mesmo não sei falar, você sabe quando chega gente de fora, tem gente que fala que eu não entende....então por causa disso que eu falo que não sei falar o português."

"...eu sei falar mais ou menos, pra cá, quando chego numa casa do comerciante, eu sei falar o negócio, eu vou fazer umas comprinhas: arroz, feijão, óleo, essas coisas. Mais eu não sei."

"...ah! Eu tenho vergonha de falar até hoje. O povo de Miranda fala tudo atrapalhado, então quando a gente junta assim, não "tamo nem aí", não fico chateado não, porque só quando falo com gente estudada aí que a gente sente que fala atrapalhado..."

"E no idioma, o senhor fala bem?"

"Bem não falo, é atrapalhado igual português mesmo..."

É importante assinalar que mesmo *"não sabendo falar bem o português"* os pais tomam para si a tarefa de introduzir dentro do espaço da casa o falar em português, iniciando seus filhos no aprendizado desta "outra língua", hipoteticamente nas mesmas condições em que se dá o aprendizado da língua terena, o *"idioma"*.

Os Terena percebem que o português que falam na aldeia difere do falado na cidade: *é um português terena*. Estou me referindo aqui as marcas sonoras e estruturais da língua e não quanto a questão de compreensão do sentido do texto.

O português falado pelos Terena apresenta características próprias decorrentes de sua utilização por falantes de outra língua, no caso o Terena. Não foi nosso objetivo nesta tese trabalhar estas influências. Mas o que quero marcar é que o mesmo indivíduo terena, dependendo do contexto onde está falando o português, pode reproduzir com maior ou menor intensidade certos traços, principalmente a entonação da língua terena. Com este procedimento

ele marca, simultaneamente, sua identificação e a sua distância em relação ao interlocutor.

Quando estamos na aldeia, a professora Josefina fala comigo em português guardando um máximo de traços, vestígios, da língua terena, através da entonação (a língua terena é oxítônica) e da respiração articulada, das constantes "paradas glotais". As "paradas glotais" podem ser entendidas como marcadores de proximidade e atenção entre dois interlocutores (o que corresponderia, a grosso modo, ao nosso *é mesmo? verdade?*). Quando estamos na cidade, em conversas com representantes das Secretarias de Educação, estas marcas quase desaparecem, restando apenas, ainda que suavizada, a entonação oxítônica.

Pessoas mais velhas e crianças guardam mais corriqueiramente estes traços terena ao usarem o português, mas eles estão presentes também entre os jovens. Entretanto estas marcas existem além das possíveis deficiências dos falantes terena, resultantes das dificuldades no domínio de uma outra língua. Elas aparecem quotidianamente mesmo naqueles jovens que são capazes de imitar, com perfeição, mas sempre em um tom de deboche, a fala dos locutores de rádio, apresentadores de televisão ou a fala empostada dos políticos. Isso nos leva a considerar a reiteração destas interferências do terena no português como marcadores de identificação.

Na verdade estamos tratando de formas de interferência entre as duas línguas de contato: as marcas do terena quando há o uso do português e os empréstimos lingüísticos do português no uso da língua terena, apontados

anteriormente, quando da alternância entre as duas línguas. Vejamos agora, as interferências do uso do português, decorrente da situação de contato, na produção atual da língua terena.

Kietzman, em um artigo de 1958, *Tendências de ordem Lexical da Aculturação Lingüística em Terêna*, indica as modificações que vêm ocorrendo na língua terena, principalmente quando de seu uso pela geração mais jovem. O autor afirma : " *Pode-se dizer que a perda vocabular que está ocorrendo nessa língua reflete em alto grau a intensa aculturação e integração na vida nacional que ora sofrem a cultura e a nação Terena.*" (1958 :15).

O importante nesse artigo é a relação que o autor estabelece entre listas coletadas entre informantes pertencentes a categorias de idade diferentes (velho, adulto e jovem). Dessa comparação ele estabelece alguns princípios orientadores na mudança do léxico da língua terena decorrentes da influência do uso da língua portuguesa:

1 - aqueles vocábulos referentes aos "empréstimos " já assimilados pela língua terena, quando é impossível " *estabelecer a existência dos termos aborígenes, que os vocábulos obtidos teriam substituído. Provavelmente o empréstimo deu-se muito cedo na história tribal e os termos introduzidos já não se distinguem dos vocábulos nativos em toda a área lingüística.*" (id.ibd.16) . Exemplo citado por ele: **Ma's'ete** para facão. Lembramos da existência do vocábulo português "machete" como sinônimo de "faca do mato", "facão".

2-aqueles em que *"os informantes estavam cômnicos de que davam um empréstimo português, mesmo quando a forma que usavam se achava um tanto alterada em relação ao aspecto fonético usual em português"* (id,ibd.16). Apesar do autor não citar exemplos podemos lembrar de mangá, para se referir a manga (fruto da mangueira, árvore muito comum nas reservas Terena).

Estes dois casos indicam, para nós, a temporalidade da língua. Com o passar do tempo o segundo caso, estará na mesma situação que o primeiro, quando os "vocábulos aborígenes originários " terão sido abolidos da memória do grupo.

3-aqueles que *" parecem ser a 'tradução' da forma portuguesa solicitada...é verdade que as partes constituintes são reconhecíveis morfemas terena, seguindo a primeira vista o processo terena, norma de formação vocabular, e outros falantes da língua provavelmente as entenderiam. Não obstante não refletem o uso geral e portanto não correspondem a um valor cultural"*.(id.ibd.17). Como exemplo cita o caso dos numerais maiores : **'pi'a'ya:hi**, "vinte", literalmente "dois dez".

4- aqueles formados pelo processo de tradução acima descrito, mas com falta de correspondência entre as formas apresentadas pelos informantes. *"nesta ocorrência, contudo , existiu, realmente uma forma aborígene, mas a geração mais moça a perdeu. É o que sucedeu em grande parte com termos de parentesco"*.(id.ibd.17)

O autor lembra que *"tal processo de construir novas formas aborígenes 'traduzindo-as' da língua auxiliar de intercuro constitui um caso nítido de perda vocabular"*(id.ibd.17). E, assinala ainda que o grupo maior de palavras desconhecidas às novas gerações, e *"portanto potencialmente perdidas para a língua, pode-se definir como os nomes de itens culturais que saíram do uso comum e que raramente, senão nunca, se nos deparam na época atual"* (id.ibd.18). Exemplo: veneno para seta, sarabatana, arpão etc.A comparação das listagens evidenciou também uma perda no *"vocabulário não cultural resultado de um desvio de ênfase cultural"* aqui referindo-se aos nomes de plantas e palmeiras, cujo desconhecimento poderia ser resultado do pouco interesse prático destes itens no modo de vida atual dos Terena.(id.ibd.18).

E, finalmente aponta uma *"grande espécie de perda vocabular correspondente à redução de uma terminologia ampla e diversificada a um único termo, que passa a cobrir toda a área semântica"*. Aqui a diversificada terminologia da geração mais velha se reduziu a um único termo na fala da geração mais nova. Como exemplo cita o termo **yu'ku**, que originalmente se referia a uma fogueira para cozinhar, dentro ou perto de casa, já que os Terena tinham mais outros dois termos para fogueira, mas que hoje é empregado no sentido geral de "fogueira".(id.ibd.19).

Neste último caso, *"as perdas se originam da pressão do português, que não tem uma terminologia especializada com distinções cabalmente paralelas as que citamos ...Aqui há mais a considerar do que a simples perda de vocábulos. Esse processo está provocando adicionalmente uma mudança de*

freqüência de ocorrência de certas construções sintáticas. Tornam-se necessárias expressões adjetivas explicativas para as mesmas diferenciações que antes se faziam com o uso de termos simples específicos."

E termina apontando para aquilo que consideramos extremamente importante e que vai de encontro ao que temos procurado apontar nesta tese quanto a relação do terena com a sua língua.

" O resultado continua a ser essencialmente Terêna, mas um Terêna mais 'semelhante' ao português, mesmo sem a introdução de qualquer empréstimo vocabular".(id.ibd.19).

Esta é a constatação explícita, não de uma "perigosa perda" da língua, concebida como um objeto autonomizável, desvinculado de qualquer influência decorrente das condições de vida de seus falantes; mas, ao contrário, é o atestado da sua vitalidade, da produção social da língua terena no quadro da comunidade, considerando-se as condições atuais de sua vivência. As "mudanças" na língua terena, apontadas com probidade por Kietzman, são perfeitamente percebidas e comentadas por seus falantes porque produzidas cotidianamente em suas falas. Explicitamos novamente a compreensão desta contaminação do português na língua terena, expressa em várias falas terena:

"... é porque essa minha caçula aí já não fala mais diretamente....não sei qual é o costume certo, finado papai quando falava era , como se diz, era gramática do terena, falava palavra de gente antiga... tem diferença para quem sabe falar. "

" acabou aquele do nosso idioma antigo, agora tá pegando mais o português, né?, puxa mais para o português..... Isso é por causa da civilização"

Esta capacidade dos terena de refletirem em sua língua a relação de contato com a sociedade nacional, e com a língua portuguesa, lhes permite o domínio sobre a pressão "aculturativa". Este domínio pode ser percebido, por exemplo, quando a interferência do português na língua terena é aprisionado no processo terena normal de formação vocabular. Tal como o expresso nas palavras de Kietzman, *apesar de tudo uma língua terena*. E que, acrescentamos, dá conta perfeitamente das demandas internas de comunicação e expressão de seus membros.

Rajagopalan, em um artigo em que analisa o conceito de "identidade em lingüística", afirma: *"a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isto significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo"* (1998:41-42).

E analisando o *status* de línguas como o inglês, conclui que esta língua *"hoje funciona como língua franca mundial número um é língua materna de ninguém...e o segredo de sua vitalidade é sua identidade múltipla, proteiforme"*, e que juntamente com o espanhol, mostra *"o que todas as*

línguas já revelam em sua própria constituição - uma tendência para a dispersão ilimitada e para a hibridização". (id.ibd.39)

Esta tendência para a hibridização entre as línguas é inevitável, segundo este autor : *" é compreensível que isso alarme chauvinistas e puritanos obstinados, aqueles que se consideram os cães de guarda da suposta pureza de sua língua materna e o baluarte contra a possível contaminação por línguas estrangeiras. No entanto, por mais que eles queiram que as coisas sejam diferentes, as línguas vivem em constante contato uma com a outra e se 'contaminam' mutuamente, constantemente criando possibilidades novas e nunca sonhadas"*(id.ibd.39).

A compreensão dos Terena da contaminação do português em sua língua é que permite, a nosso ver, a sua resistência linguística e expressa a forma terena de se apropriar terenamente dos bens ou das imposições decorrentes da situação do contato.

A língua terena vem se despregando de sua "identidade local restritiva" no sentido de estar referida, presa, a um passado supostamente "puro", falado por terenas "puros", sem a contaminação do contato. A língua terena, hoje, se nutre na sua importância para os terena enquanto expressão de sua socialidade e como forma atuante de comunicação entre seus membros, ligados, inclusive, por uma lealdade lingüística originária.

5. O bilingüismo Terena

Rainer, preocupado com a situação de dispersão da investigação das relações entre língua nacional e línguas indígenas no México, apresenta um resumo da discussão sobre o desaparecimento ou a manutenção das línguas indígenas (cf.1988). Em síntese, ele indaga se esta questão pode ser reduzida ao fato de que a relação entre língua nacional e idiomas minoritários seria sempre conflitiva e se insere em um processo de mudança, ou se pode se conceber a existência de um bilingüismo estável.

Rainer estudou os Otomíes do vale do rio Mezquital chegando à conclusão de que a tendência de abandono ("desplazamiento") da língua própria deste grupos, era dominante. A partir desse estudo, considera a situação de bilingüismo estável como um "mito", concebido principalmente sob a influência da sociolingüística americana.

No contexto sociolingüístico, os aspectos referentes a aquisição da língua indígena e da língua da sociedade nacional desempenham um papel fundamental para a compreensão dos processos de abandono e resistência da língua minoritária. Existe uma distribuição clara entre as línguas A e B, de maneira que B se adquire exclusivamente como língua materna e A se adquire ou se aprende como segunda língua? Ou, pelo contrário, existem famílias que socializam seus filhos em português como primeira língua, ainda que sigam

falando a língua indígena entre adultos? Há monolíngües em A e B nas comunidades e existem procedimentos de aquisição de B como segunda língua...em uma "terceira geração" que já não aprendeu a língua indígena durante a socialização primária? (cf. Rainer, 1988:60).

Estas indagações nortearam a nossa observação sobre a situação de uso da língua terena, apresentada ao longo desta tese e consideramos que a população terena de Cachoeirinha, em particular, e o povo Terena em geral, caracterizam-se por uma situação de bilingüismo estável.

A maior parte dos artigos e trabalhos que li sobre a problemática do bilingüismo ou multilingüismo tinham como referência a situação de grupos de imigrantes e seus filhos. Portanto, a situação bilíngüe de uma dada família seria uma situação transitória, quando os filhos dos filhos de imigrantes já não mais teriam o domínio da língua do país de origem de seus avós. Outro ponto constante é que a língua falada pelo pai imigrante é constitutivamente uma língua minoritária no espaço onde vive a criança, sendo falada praticamente no espaço doméstico, ou como referência, quase mítica, para a criança, de um país distante (espacial e temporalmente) de onde vieram seus pais.

Não é esta a situação do bilingüismo Terena, como a de outros grupos indígenas brasileiros. Os Terena são falantes de português há mais de 150 anos. As crianças crescem sabendo e escutando que pais, avós e irmãos têm o domínio das duas línguas, o "*terena*" e o "*português terena*". As crianças em Cachoeirinha crescem escutando majoritariamente a língua terena. Há em seu

universo, como no dos adultos, um número muito maior de falas em terena do que falas em português, apesar da exposição constante à televisão.

E, principalmente, o lugar de origem da fala terena, que poderíamos localizar como seu "país", está inserido, espacial e temporalmente, no espaço falado da língua portuguesa, no Brasil. Ou seja, os Terena, o que é fundamental para a compreensão da relação entre as línguas de contato, são e se consideram de fato brasileiros.

Fala-se habitualmente de bilingüismo precoce quando uma criança aprende a falar duas línguas ao mesmo tempo, isto é, quando ela tem duas línguas maternas. O caso considerado mais puro seria representado por crianças provenientes de casamentos mistos, nos quais cada um dos pais só falaria em sua própria língua materna com os filhos. No caso de imigrados o *status* das línguas usadas para se dirigir à criança na família ou fora dela é desigual e seus usos diferentes, o que vai influenciar seus respectivos desenvolvimentos. As línguas sofrem, então, em geral, uma inversão de dominância à proporção que a criança cresce, se socializa e abandona o meio familiar. Essa última situação é chamada de bilingüismo precoce sucessivo, em oposição ao bilingüismo precoce simultâneo dos filhos de casais mistos.

Heredia(cf.1989) menciona ainda o bilingüismo precoce simultâneo característico das famílias imigradas, quando os pais falam à criança em sua língua de origem e seus irmãos na língua do país em que vivem. O resultado seria um bilingüismo "passivo" à medida que a criança compreende tudo em uma língua sem que nesta ela queira, ou possa, se expressar.

Analisemos agora uma situação exemplar de bilingüismo terena. Samir, um garoto terena habituado a só falar em terena, mas compreendendo significativamente o português falado , não só por seu pai, mas pelas visitas que freqüentemente seu pai recebe na casa, somente aos 10/11 anos percebe que as pessoas que falam em português não entendiam obrigatoriamente o que ele falava em terena.²⁸

Durante anos freqüente a casa de seu pai, Sabino de Albuquerque, e eu mesma pensava que Sabino não sabia falar na língua terena, apesar de compreendê-la. Durante as refeições em que sentávamo-nos todos, sua mulher e seus seis filhos, ao redor da mesa , Sabino sempre se dirigiu aos filhos ou à mulher falando em português; seus filhos como sua mulher sempre se dirigiam a ele em terena. (sua mulher, Genésia, fala um português fluente, tendo inclusive um nível de escolaridade acima da média das pessoas de sua idade). Como eu nunca pedi que me "traduzisse para o português" o que se falava em terena , Samir subentendeu que eu também compreendia o "idioma".

Um dia sentado à mesa, estava também um comerciante de Miranda,velho conhecido de Sabino, que perguntou alguma coisa para Samir que lhe respondeu em terena. O comerciante disse, meio que rindo, que ele

²⁸ situação narrada por Sabino Albuquerque ... "**esse meu guri mais novo, até uns 2 anos atrás (na época com 13 anos), ele falava com a pessoa no idioma (o terena), eu cansei de falar prá ele :- ele não entende, é branco, fala em português. - Ah! tá mentindo, ele entende sim. Então cansou de conversar com o ,,,, (um comerciante da cidade de Miranda) no idioma. As vezes o falava : - Ah! não entendo , fala pra mim em português, não estou entendendo.**

queria entender a resposta, e Samir a repetiu em terena. Sabino avisou a Samir para ele responder em português, que o comerciante não entendia o "idioma". Samir disse que eles estavam brincando com ele: que se ele entendia o que o comerciante falava, porque o comerciante não entendia o que ele dizia?

O espanto de Samir é grande ao perceber que na "situação de contato" as duas línguas ocupam posições distintas. O terena sempre domina o português mas o *purutuya* não domina a língua terena.

Sem dúvida, esta situação poderia se aplicar àquela referida por Heredia : *"No início as crianças não distinguem línguas autônomas mas sim formas de comunicação, que elas associam a situações ou locutores diferentes"*(1989:192).

É lógico que Samir sabe que existem *terenas* e *purutuyas*, que existe o universo da aldeia e o universo da cidade, mas estes dois universos não são concebidos como excludentes. Muito pelo contrário, são vistos como complementares, onde os Terena alternadamente transitam.

Esta situação de compreensão das formas de comunicação como uma forma aglutinadora, unificadora do português e do terena, sem dúvida encontra respaldo na forma de comunicação nas salas de aula das escolas da aldeia. Apesar de as crianças aprenderem português na escola, seus professores são Terena, que falam com elas em português, a exemplo de

Mas ele(seu filho) falava no idioma, ele pensava que o certo é igual eu que falo em português com ele (mas entendo o terena). Agora que ele tá falando português, ele tá

muitos pais, como é o caso do Samir, mas aos quais as crianças sempre respondem em terena.

Durante muito tempo, e eu estou me referindo a um tempo de quase 15 anos, eu mesma julgava que Sabino não sabia falar no "idioma". Em sua casa, onde sempre me hospedei, só o via falando português. Creditava o uso exclusivo do português ao fato de Sabino ser filho de um *purutuya*.²⁹ Não havia ainda conhecido detalhes de sua história de vida. Corroborando este julgamento, em uma comemoração na aldeia, por ocasião do dia do índio (19 de abril) à qual comparecem os políticos da cidade de Miranda, as autoridades Terena sempre discursam, e Sabino, como chefe recém empossado, fez seu discurso apenas em português, contrariamente aos dos demais patrícios.

Somente quando do início da pesquisa é que percebi o equívoco de meu julgamento. Sabino Albuquerque, como todos os seus irmãos, é falante do terena, tendo aprendido a falar o português apenas aos 11/12 anos, quando começa a morar na cidade. O que Sabino procurava demonstrar era o seu domínio da língua portuguesa, e, através dele, o seu domínio da situação de contato. Este reconhecimento sendo reivindicado principalmente em relação as instâncias político-administrativas dos *purutuya*, e o habilitou inclusive a ser posteriormente eleito vereador pelo município de Miranda. Não só uma liderança entre os terena, mas uma liderança também entre os *purutuya*.

sabendo que a pessoa não entende, mas pra ele era igualzinho a ele."

31..Seu pai, Alexandre Albuquerque é considerado na aldeia, por ser filho de um *purutuya*, também como *purutuya*.

O bilingüismo terena poderia ser pensado, a grosso modo, como um bilingüismo precoce simultâneo e temporariamente passivo.

Parece-me que estas classificações são instrumentos mais sugestivos e apropriados para se pensar na situação, que foge do propósito deste trabalho, das famílias terena desaldeadas, onde bilingüismo passivo seria referente à língua terena, em contraposição ao bilingüismo passivo referente ao português da situação dos aldeados.

Enfim, pode-se verdadeiramente falar de bilingüismo no caso terena? E onde situar este bilingüismo? Qual seria o diferencial entre o bilingüismo terena e o dos outros grupos indígenas brasileiros?

Reiteramos que nossa avaliação da situação de uso da língua terena é a de um bilingüismo estável, bilingüismo este possível pela posição da língua terena, não só na situação de contato como no interior mesmo da comunidade.

O lugar da língua terena no interior da comunidade de falantes é radicalmente diferente daquele ocupado pela língua de grupos indígenas brasileiros classificados, segundo a conceituação de Barth, como "grupo tribal" (cf. Brandão.1986). Nestas sociedades, a língua é um sistema de conhecimento e de categorização cultural do mundo, onde a transmissão de conhecimentos, a relação única do indivíduo com seu mundo cultural só é possível através da língua do grupo.

Coerente com a caracterização apresentada anteriormente destas comunidades³⁰, o português é usado apenas na relação de contato com a sociedade nacional, onde os dois mundos se concebem como excludentes. E, nestes casos, poderíamos caracterizar esta situação como a de uma diglossia, no sentido clássico, onde a estabilidade das relações no interior do sistema lingüístico é decorrente da clara delimitação dos âmbitos de uso da língua.

No caso dos Terena, a língua não se caracteriza enquanto depositária de uma visão de mundo, e nos parece que não em decorrência da situação conflitiva do contato com a sociedade nacional, em que esta característica seria tomada no sentido de perda de um bem anterior e tradicional. Esta é uma característica própria da relação deste povo com a sua língua e o seu sistema cultural, e nos parece estar de acordo com a concepção que fazem de si os Terena, como um povo expansionista e multilíngue por princípio.

Para os Terena os dois mundos se complementam, mas não se amalgamam ou se apagam em suas proposições, e ambas as línguas, expressões destes mundos, continuam paralelamente há mais de 150 anos, a resolver as tarefas comunicativas, contribuindo para a organização da produção e reprodução das relações sociais em seu sentido amplo. Podemos então afirmar que a língua terena não se encontra em vias de perder seu lugar histórico como língua viva.

Esperamos ter mostrado como as práticas lingüísticas, especificamente no caso dos Terena de Cachoeirinha, compreendidas em uma perspectiva

³⁰ Ver página 111.

diacrônica, nos permitiram perceber os jogos de interesses cruzados, mas não forçosamente antagônicos, aos quais corresponde a prática bilíngüe terena.

Considerações Finais

A análise da relação entre as duas línguas, terena e português, usadas pela comunidade terena de Cachoeirinha demonstrou, na prática, que a heterogeneidade, incluindo as diversas formas de multilingüismo,³¹ constitui a forma normal e básica de expressão e comunicação.

A abertura do foco da sociolingüística quantitativa, objeto de nossa atenção quando da *radiografia do uso da língua terena*, para uma análise de contato entre línguas³², que se produz de fato como relação e sobreposição de culturas, permitiu um enriquecimento da análise. Permitiu a introdução do diálogo com o terena enquanto sujeito social, produtor de uma significação social em um processo que define os usos das práticas discursivas.

A característica principal da diglossia³³ consiste na definição funcional estritamente complementar das variantes, segundo os diversos âmbitos de

33. Foi somente na segunda metade deste século que o multilingüismo como objeto de estudo sociolingüístico transcendeu sua posição marginal. Até então se havia reduzido o aspecto individual do bilingüismo como problema de aquisição e uso de duas ou mais línguas de maneira alternante. Neste contexto surgiu uma multiplicidade de estudos sobre as diversas possibilidades de um indivíduo combinar várias línguas em seu uso e aquisição.

³² O trabalho clássico de Weinreich (1953), *Languages in Contact*, marcou um primeiro ponto, sobretudo por sua impressionante recepção nas décadas seguintes.

³³ Nos anos sessenta, o termo diglossia conheceu uma ampla proliferação; ao mesmo tempo seu significado se diluiu cada vez mais, de maneira que muitos autores (Aracil, Prudent, Wald, ...) decidiram abandoná-lo por completo para não contribuir mais com a confusão generalizada.

comunicação (família, lugares públicos etc...). A estabilidade da diglossia persiste enquanto não se altera a distribuição funcional dos usos, quer dizer, enquanto nenhuma classe ou setor social utilize a língua A em âmbitos de conversação cotidiana e a língua B só penetre nas situações oficiais, reservadas à língua de prestígio. A clara delimitação dos âmbitos que Ferguson estabelece explica a ausência de conflitos lingüísticos e reproduz, por sua vez, a estabilidade das relações no interior do sistema lingüístico

Acerca do conceito de diglossia há dois pontos de referência que cristalizam e polarizam o debate: em primeiro lugar, parece inaceitável o termo "línguas em contato" (Weinreich,1953) a que se opõe o conceito programático de "línguas em conflito" (Aracil,1965, Ninyoles,1969, etc..) . O debate perdura discutindo-se se há situações de contato sem conflito ou se o conflito existe sempre, em sua forma latente ou em sua manifestação aguda.

Alguns estudiosos apontam o critério de estabilidade como característica principal da diglossia. Concebem esta relação, pelo próprio caráter conflitivo, como um processo histórico de mudança entre uma língua dominante e outra dominada. O processo tende a dissolver a diglossia a um dos dois polos: a substituição da "língua dominada" pela "língua dominante", ou a normalização³⁴ da língua dominada.

A substituição significaria uma "aculturação" crescente enquanto a normalização corresponderia a uma mudança nas relações de poder no interior da sociedade em questão.

Nesta tese, não foi nosso propósito discorrer sobre a trajetória de conceitos como diglossia, sua relação com o bilingüismo ou enquanto conflito lingüístico. Tratamos apenas de caraterizar, lingüística e culturalmente, a relação entre o português e o terena na área de Cachoeirinha.

Compartíamos, inicialmente, com uma noção um tanto vaga e genérica de que o processo em que se inseria o conflito lingüístico era caraterizado em termos de 2 tendências históricas : a crescente expansão do português e o conseqüente abandono do terena como tendência principal e os fatores de resistência lingüística e cultural do povo terena como tendência subordinada.

Aparentemente a tendência principal se inicia em um momento histórico dado com o primeiro contato do povo monolíngue terena com o português; transita por um período de massificação do conflito, acompanhado de um crescente bilingüismo funcional dos falantes terena na etapa atual e se dirige à possibilidade da substituição da língua terena, caso se siga impondo a tendência principal do processo.

Este modelo, que pode ser ajustado a quase todas as situações de contato entre os povos indígenas e a sociedade nacional, é, na verdade, de uma generalidade empobrecedora da realidade. Ele não permite a compreensão de como os Terena, ao converter a dominação a que estão sujeitos em uma ordem interna, conseguem criar uma autonomia política e uma participação auto-controlada no processo de integração com a sociedade nacional e na configuração de uma política lingüística própria.

³⁴ Por normalização estamos entendendo a codificação e extensão social a todos os âmbitos da

A análise das características expansionistas dos povos aruaque em geral, apresentadas no capítulo 1 desta tese, nos indica que os povos aruaque quase nunca são monolíngües "puros". Esta é uma representação nossa, idealizada, do passado lingüístico de um povo antes do contato com a nossa sociedade. Ao contrário, Schmidt aponta o desprendimento com que abandonam os seus "dialetos", citando vários exemplos em que abandonam mesmo a sua língua em favor da língua dos invasores. A relação histórica de aliança apontada entre Mbyá (Kadiwéu) e Guaná (Terena) não teria sido possível se os Guaná não tivessem ampliado as suas formas de comunicação com um povo de língua tão distinta.

O que procuramos apontar, além disso, é que ao permitirem este "retroceder de seus dialetos" em inúmeras situações ao longo de sua história, continuaram garantindo a reprodução cada vez maior do número de falantes "de seus dialetos" .

Por outro lado, a conceituação do conflito diglósico como relação dialética entre duas tendências nos foi particularmente útil , principalmente na ordenação do conjunto de elementos e fatores que surgiam em torno de uma relação central de dominação e resistência³⁵.

A expansão da língua nacional e conseqüente erradicação da língua terena se expressa em várias dimensões:

comunicação

³⁵Mas tivemos que ter cuidado em não reificar um modelo de análise da realidade na própria realidade, em um radicalismo determinista que poderia nos levar à previsão, como conseqüência lógica , do desaparecimento da língua terena a longo prazo.

- o crescente cerco geográfico do povo terena;
- o abandono de seu uso em um número cada vez maior de situações comunicativas;
- o processo de interferências mútuas ao nível da estrutura lingüística em que resulta claro para os falantes a perda do "*idioma terena puro*".

Os elementos que constituem a tendência *subordinada* de resistência são por sua natureza muito mais difíceis de observar. Manifestam-se na existência de um sistema tradicional de comunicação interna, onde o terena conserva sua importância na interação verbal cotidiana, nas atividades culturais tradicionais e na identificação afetiva dos falantes Terena com a sua língua. Manifesta-se também, na forma como os Terena, por exemplo, controlam a interferência do português aprisionando-o no processo terena normal de formação vocabular.

Nas práticas discursivas concretas dos Terena, a relação de dominação se manifesta através de múltiplas expressões bastante complexas. De nenhuma maneira corresponde a um esquema simplista que vinculasse o português/ sociedade nacional/discurso dominante e o terena/etnia indígena/discurso dominado.

Não se trata de caracterizar uma situação de disputa entre línguas (dominantes e dominadas) mas entre grupos diferenciados por fatores sócioeconômicos, étnicos e culturais. Para os Terena sua língua pode transformar-se. A diglossia refere-se a uma relação de poder entre grupos

sociais e a institucionalização e legitimação de uma língua (e um discurso) em um âmbito determinado se dá em virtude do poder de que dispõe o grupo lingüístico em questão.

A normalização da língua dominada como extensão social não reflete senão a intenção de relegitimar e reinstitucionalizar a relação entre língua e âmbito social, como expressão e instrumento de uma mudança na correlação de forças.³⁶

Compreendemos que o conceito de bilingüismo estável expressa a situação atual de controle da relação de contato entre os Terena e a sociedade nacional, multifacetando em várias situações as possibilidades da existência não só da língua terena, mas do próprio povo terena.

De qualquer modo, há uma ampla comunicação entre a sociedade nacional e os terena. Os terena criaram um amplo campo social que permite a circulação de informação, o desenvolvimento de uma argumentação que leva ao convencimento e ao consenso, ainda que a relação com os brancos, os *purutuya*, seja assimétrica.

O esforço em garantir uma expansão demográfica, um redesenho cartográfico ocupando outros espaços geográficos (as cidades), e a aparente contradição na manutenção das áreas indígenas como redutos do *ethos* terena atual, onde a ocorrência sequer de casamentos com os *purutuya* é permitida; a veiculação de uma ideologia de convivência pacífica e amistosa e de

³⁶ Estas questões, que me foram por demais elucidativas, por seu enfoque teórico, foram tratadas por Rainer Enrique Hamel e Maria Teresa Sierra, in "Diglosia y conflicto intercultural".

reiteração dos valores "brancos" (o trabalho, o estudo, a honestidade, a honra, o respeito a mulher, a aparência, o asseio), mas que são legitimados através de uma referência tradicional; um número razoável de indivíduos Terena, mesmo aldeados que não falam mais a língua terena, mas existindo atualmente, um número maior de falantes do que no século passado. Estas são as estratégias políticas para garantirem o equilíbrio necessário para a reprodução de um povo, que se auto-concebe autônomo política e administrativamente e que constrói sua identidade não pela eleição de traços contrastivos em relação à sociedade nacional, mas pelo estabelecimento de uma trama de relações de aliança, criando uma complementaridade entre dois mundos diferentes.

Poderíamos pensar, finalizando, que, entre os terena se a tendência principal de abandono do uso da língua terena, vai ampliando seu espaço, por outro lado, a tendência subordinada da resistência procura conquistar novos espaços, aumentando o número de falantes para a língua terena. Em cada momento histórico a relação diglósica é reconstruída. A possibilidade de que a tendência subordinada mantenha e amplie espaço dependerá da capacidade do povo terena de continuar fazendo frente às pressões hegemônicas.

BIBLIOGRAFIA

ALATIS, James (coord.).1970. Bilingualism and Language contact, Washington, Georgetown University.

ALTENFELDER SILVA, Fernando. 1949. Mudança Cultural dos Terena. In Revista do Museu Paulista, Nova Série, Vol. III – SP.

1976. Religião Terena. In Leituras de Etnologia Brasileira, Companhia Editora Nacional, S. Paulo.

AZANHA, Gilberto. 1986 a 1998. Relatórios de Trabalho/ Os Terena/CTI-Centro de Trabalho Indigenista-São Paulo.

1993. Agricultura regenerativa e agrosilvicultura entre os Terena: possibilidades da alteração de uma estrutura sócio-cultural de dependência CTI/SP, mimeo.

1988. Os Gavião frente a si: vídeo e reflexão. ANPOCS/Fundação Ford. São Paulo.(arquivo CTI)

2000. Estudos Preliminares para Redefinição de Limites das Terras Indígenas de Cachoeirinha, Taunay-Ipegue e Buriti.(Relatório referente ao Grupo de Trabalho instituído pela Portaria 553/PRES de 9 de julho de 1999) Funai

BALDUS, Herbert. 1937.Ensaio de Etnologia Brasileira, col. Brasiliana,Cia. Ed. Nacional.São Paulo.

1950.Lendas dos Índios Terena. Revista. Museu Paulista N.S, São Paulo.

1937. Textos Terena. In Terra Indígena. AnoVII, nº55 1990. UNESP. Araraquara (tradução livre S.M. Carvalho).

BARTHES, Roland .1971. Elementos de Semiologia, Editora Cultrix/USP, SP.

BITTENCOURT, Circe M. e **LADEIRA**, M Elisa.1999. A História do Povo Terena. Edição conjunta do MEC/CTI/USP.

BRANDÃO, C.Rodriguês. 1986. Identidade e Etnia, Editora Brasiliense, SP.

CADIOT, Pierre, 1989. As Misturas de Língua. In Multilingüismo (Vermes, G e Boutet, J orgs). Editora da UNICAMP. SP.

CADÓGAN, León. 1958. En torno al bilingüismo en el Paraguay. Revista de Antropologia, vol.6º, nº1, FFLCH DA Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, Sílvia M. S. e **CARVALHO**, Fernanda. 1997. Bibliografia Crítica dos povos Aruák de Mato Grosso do Sul e do Grande Chaco- UNESP/SP.

CARDOSO DE OLIVERIA, Roberto. 1957. Preliminares de uma pesquisa sobre a assimilação dos Terena. In Revista de Antropologia, vol. 5, nº 2. FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo.

1968. Urbanização e Tribalismo .A integração dos Índios Terena numa sociedade de classes .RJ, Zahar Editores.

1964. O Índio e o Mundo dos Brancos. Edição da Difusão Européia do Livro. São Paulo.

1976. Do Índio ao Bugre: o processo de assimilação entre os Terena. Livraria Francisco Alves Editora. Rio De Janeiro.

1976. Identidade, Etnia e Estrutura Social. Livraria Pioneira Editora São Paulo.

1983. Enigmas e Soluções. Editora Tempo Brasileiro e Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro/ Fortaleza.

CASTELNAU, Francis de. 1949. Expedições às Regiões Centrais da América do Sul. col. Brasiliana, vol. 266- A. Cia Ed. Nacional.

CLIFFORD, James .1998. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Editora URFJ.

DALL'IGNA, Aryon Rodrigues. 1994. Línguas Brasileiras- para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola, S. Paulo.

DECROSSE, Anne. 1989. Um Mito Histórico, a Língua Materna. In Multilingüismo (Vermes, G e Boutet, J orgs). Editora da UNICAMP. SP.

DEVALLE, Susana B. C.(org.) 1989. La Diversidad Prohibida, resistencia etnica y poder de estado- EL Colégio de México, México.

ELIDAHL, Bete. s.d. Discussão sobre o alfabeto terêna . mimeo. SUMMER

FERREIRA NETTO, W. e **LADEIRA**, M.E. 1996. A língua terena no município de Miranda/MS: uma análise macro sociolinguística – mimeo USP/CTI, SP.

e **ARAÚJO**, Érica. 1998. A Língua Terena nas comunidades localizadas no município de Miranda-MS. USP. Mimeo. São Paulo.

1994. Os Índios e a Alfabetização: aspectos da educação escolar entre os Guarani de Ribeirão Silveira. Tese de Doutorado. FFLCH/ USP.

FISHMAN, Joshua. 1982. Alguns conceptos básicos de sociolingüística. In Sociologia del Lenguaje, cap.3 Ediciones Cátedra, Madrid.

GNERRE, Maurizio. 1985. Linguagem, Escrita e Poder. Editora Livraria Martins Fontes. SP

HAMEL, Rainer Henrique. 1988 . La política del lenguaje y el conflicto interétnico. In Política Lingüística na América Latina.(org. Orlandi, Eni P.) Campina, Editora Pontes.

y **MUÑOZ**, Héctor. 1986. Perspectivas de un processo de desplazamiento lingüístico: el conflicto otomí-español en las prácticas discursivas y la conciencia lingüística. In Estudios Sociológicos n°11, vol.4.

y **SIERRA**, María Teresa. 1983. Diglossia y conflicto intercultural. Lalucha por un concepto o la danza de los significantes. In Boletín de Antropología n°8, México, Instituto Panamericano de Geografía.

HYMES, Dell (coord.) 1971. Pidginization and creolization of languages. Cambridge University Press.

HEREDIA,ChristineDe. 1989. Do Bilingüismo ao Falar Bilíngüe. In Multilingüismo (Vermes,G e Boutet,J orgs). Editora da UNICAMP. SP.

KIETZMAN,Dale. 1958. Tendências de ordem lexical da aculturação lingüística em terêna. In Revista de Antropologia, vol.6º, nº1, FFLCH DA Universidade de São Paulo, São Paulo.

KRISTEVA, Julia. 1969. História da linguagem, Edições 70, Lisboa.

LEACH,Edmundo .1978. Cultura e Comunicação, Zahar Editores, RJ.

MAXWELLI,Judith.1983. Nahuatl- PiPil: Muy Politico. In Civilización : configuraciones de la diversidad , CADAL/Centro Antropologico de Documentación de America Latina e CEESTEM/ Centro de Estudios Economicos y Sociales del Tercer Mundo.México

MÉTRAUX, A. 1944 Estudios de etnografia chaquense. In Anales del Instituto Etnografia Americana. Universidade. Nacional de Cuyo,vol.5.

MEY, Jacob L. 1998. Etnia, Identidade e Língua. In Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado (org. Signorini, Inês).Editora Mercado das Letras; Fapesp. São Paulo.

MONOD-BECQUELIN, Aurore. 1984. La parole et la tradition orale amérindiennes dans les récits des chroniqueurs aux XVIe et XVIIe siècles.In Pour une histoire de la linguistique amerindienne en France Revue de ethnolinguistique amérindienne, n.6 A.E.A . Paris,

OBBERG, Kalervo.1949. The Terena and the Cadweo of Southern Mato Grosso, Brasil. Smithsonian Inst., Inst. Social Anthropology, 9 Washington. (Museu do Índio).

1948.Terena Social Organizacion and law. In American Antropologist (Menasha, Wisconsin, April-June,), Vol. L, nº 2.

1949,A Economia Terena no Chaco. In Terra Indígena.1990. AnoVII, nº55,UNESP. Araraquara.(Tradução Silvia.M.S.Carvalho de páginas do The Terena and Caduveo of Southern Mato Grosso).

PAL, Dayane Cristina. 1997. Pesquisa sociolinguística em áreas indígenas de língua Terena. Relatório de Pesquisa. USP. Mimeo.

POCHE, Bernard. 1989. A Construção Social da Língua. In Multilingüismo (Vermes, G e Boutet, J orgs). Editora da UNICAMP. SP.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 1998. O conceito de Identidade em línguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado (org. Signorini, Inês). Editora Mercado das Letras; Fapesp.

REZENDE, Rogério Alves. 1997. Censo Populacional da A . I. Cachoeirinha. Relatório do Centro de Trabalho Indigenista/CTI- Programa Educação. Mimeo São Paulo.

e **LADEIRA**, M. Elisa. 1994-1999. Relatórios de Trabalho do Programa Educação/CTI. Mimeo. São Paulo.

ROAS BASTOS, Augusto. 1988. Uma Cultura Oral. In Suplemento Antropológico. Vol. XXIII, n.1, Universidade Católica. Assunção. Paraguai.

RODRIGUÉZ, Nemésio; **VEGA**, Raul e **MASFERRER**, Elio (editores). 1983. Educación, Etnias y Descolonización en América Latina. - UNESCO, México. vol. 1 e 2.

ROHDE, Richard. 1885. Algumas notícias sobre a tribo indígena dos Terenos. In Terra Indígena. 1990. Ano VII, nº55, UNESP. Araraquara. (Tradução Silvia. M. S. Carvalho de "Einige Notizen über den Indianerstamm der Terenos" in Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin. Vol XX).

RUBIN, Joan. 1974, Bilinguismo nacional en el Paraguay. México. Instituto Indigenista Interamericano.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. 1993. História do Falar e História da Linguística- Editora UNICAMP.

SCHMIDT, Max. 1917. Os Aruaques. Uma contribuição ao estudo do problema da difusão cultural. Tradução de autoria desconhecida, proveniente do Museu Nacional, RJ, datilografada em papel timbrado do Ministério da Agricultura, do original : Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung. Studien zur Ethnologie und Soziologie, herausgegeben von A. Vierkandt, Helf 1, Leipzig.

TAUNAY, Alfredod'Escragnolle. 1931. Entre os Nossos Índios: Chanés, Terenas, Guanás, Laianas, Guatós, Guaycurus, Caingangos. Cia Melhoramentos. São Paulo

URIBE VILLEGAS, Óscar. 1969. "La situación Sociolingüística de México como marco de la condición indígena" in Revista Mexicana de Sociología, ano XXXI, Vol. XXXI, núm.4. UNAM/ Universidad Nacional Autónoma de México.

VERGER, Pierre. 1972. "Automatisme verbal et communication du savoir chez les Yoruba" in L Homme Revue française d anthropologie, tome XII, n.2, Mouton & CO, editeurs, Paris.

WALD, Paul. 1989. "Língua Materna: produto de caracterização social. In Multilingüismo (Vermes, G e Boutet, J orgs). Editora da UNICAMP. SP.

